



Isaak Bábel: e seu diário de guerra de 1920

Henady Malarenko

Série: Produção Acadêmica Premiada

Henady Malarenko

Isaak Bábel:
e seu diário de guerra de 1920



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

São Paulo 2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice- Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopya

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretor: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu
Vice-Diretor: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO FFLCH USP
Helena Rodrigues MTb/SP 28840
Diagramação: Vanessa Rodrigues de Macedo

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M237 Malarenko, Henady.
Isaak Bábel [recurso eletrônico] : e seu diário de guerra de 1920 / Henady
Malarenko. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2014.
47513.6 kb -- (Produção Acadêmica Premiada)

Originalmente apresentada como Tese (Doutorado) – Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

ISBN 978-85-7506-229-6

1. Literatura russa (Crítica e interpretação). 2. Biografias. 3. Diários. I.
Bábel, Issak Emmanuílovitch (1894-1941). II. Título. III. Série.

CDD 891.73

Светлой памяти моего отца
Валентина Аркадьевича Маляренко
(1912 – 1961)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PRIMEIRA PARTE: Isaak Emmanuílovitch Bábel	11
UMA BREVE BIOGRAFIA	13
Bábel – Um Homem	15
Anexo 1 – Autobiografia	37
Anexo 2 – Cronologia	39
Bábel – Um Escritor	43
Anexo 3 – Obras.....	54
Bábel – Um Tchekista ?	61
Anexo 4 – Serviços Secretos de Informação Soviéticos	67
Anexo 5 – Aquário (Prólogo) – Viktor Suvórov	71
SEGUNDA PARTE: Uma tradução direta do Diário	75
O Diário de Guerra de 1920 – S.N. Povártsov	77
O Diário - Tradução	79
Anexo 6 – O Primeiro Exército de Cavalaria.....	141
Anexo 7 – Glossário.....	145
Anexo 8 – Mapa: Rota da 6ª Divisão de Cavalaria.....	147
Anexo 9 – Toponímia	148
BIBLIOGRAFIA	151

INTRODUÇÃO

Isaak Bábel, ao publicar, nos anos vinte, os ciclos de narrativas “Os contos de Odessa” e “Konármia”,¹ tornou-se famoso de um dia para outro.

Seus contos, traduzidos no exterior, tornaram-no conhecido mundialmente.

Passa a ser considerado uma estrela em ascensão da literatura, colocado na galeria dos grandes contistas da literatura mundial.

Nos anos trinta, entretanto, não publica mais nada de importante, apenas continuções de seus ciclos anteriores. Entra numa fase de silêncio: escreve muito e publica pouco.

Por quê?

Essa pergunta, feita na época e repetida depois, não tem resposta clara. Parece que ele estaria trabalhando em dois grandes projetos de romance: há referências a isso.

Um dos projetos, sobre a coletivização da agricultura, e o outro sobre a Tcheká, a polícia secreta soviética.

Esses assuntos, delicados, se descritos abertamente, nunca passariam pela censura oficial. E assim foram destinados a ficar na gaveta.

Quando Bábel foi preso em 1939, esses materiais, confiscados, desapareceram junto com ele.

Na União Soviética suas obras não foram publicadas entre 1936 e 1957, quando seu nome nem podia ser mencionado.

Depois, ao poucos, ele retornou ao mundo da literatura, sendo objeto de análises por parte dos críticos literários e estudiosos.

Suas obras voltaram a ser editadas e hoje elas ocupam o lugar que merecem.

No exterior, a sua obra mais conhecida, “Konármia”, foi traduzida para muitas línguas.

No Brasil, já foi objeto de várias traduções indireta.² Só recentemente teve uma tradução direta.³

No nosso trabalho, além de uma breve biografia de Bábel, apresentamos em tradução direta, a primeira em português, o “Diário de 1920”, escrito pelo autor durante a guerra russo-polonesa, da qual ele participou. Esse diário serviu de base para “Konármia”.

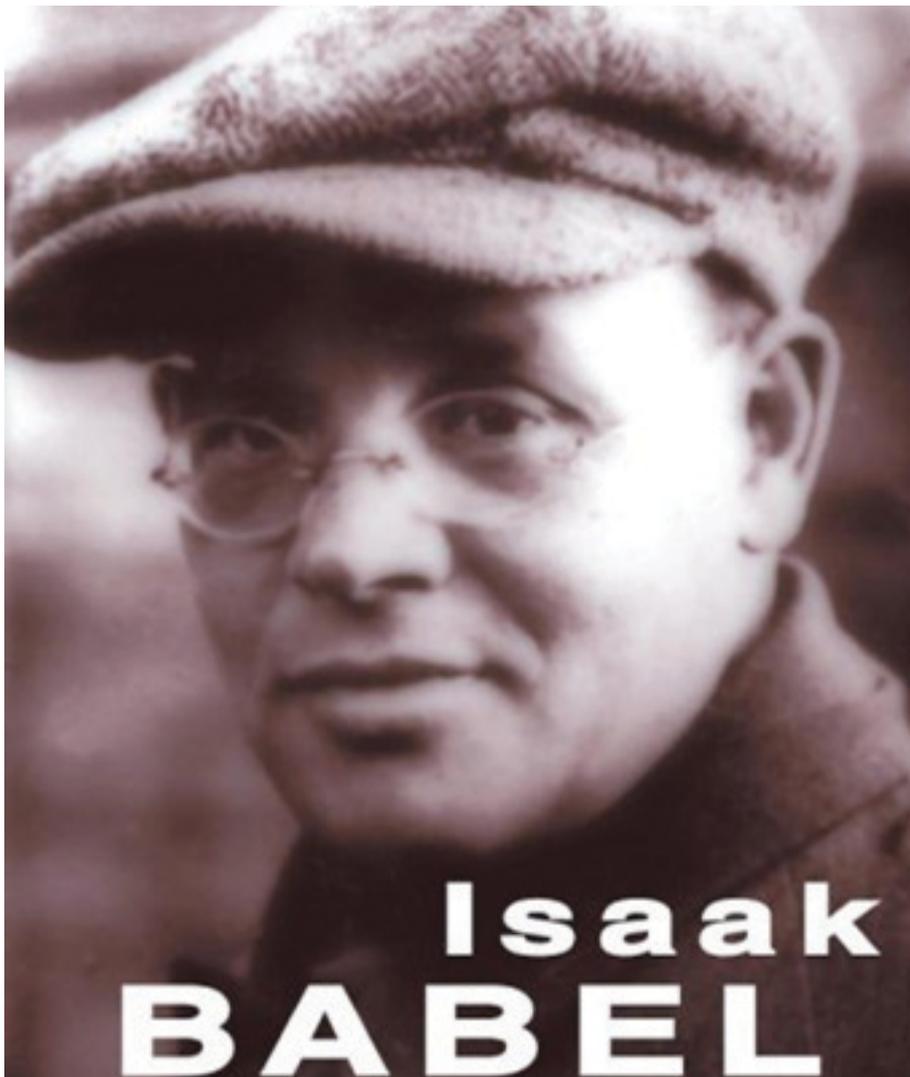
¹ “Konármia” - Конармия é contração de Конная Армия ou seja Exército de Cavalaria. No Brasil a obra foi publicada , também, com o título de “A Cavalaria Vermelha”.

² Com o título “*Cavalaria Vermelha*” tradução de Jorge Amado – São Paulo: Editora Brasiliense, 1945, tradução de Berenice Xavier – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969 e tradução de Roniwalter Jatobá – Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

³ Com o título “*O Exército de Cavalaria*” tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade – São Paulo: Cosak Naify, 2006.

PRIMEIRA PARTE

ISAAK EMMANUÍLOVITCH BÁBEL



UMA BREVE BIOGRAFIA

Isaak Bábel gozou, conforme é sabido, de uma notável liberdade, num país e num período histórico dos mais atribulados, sendo inclusive, por sua própria opção, íntimo da Tcheká, a máquina repressora do Estado.

Seu fim se deu, provavelmente, devido a essa perigosa proximidade e não tanto, como se costuma divulgar, devido à sua atividade literária.

Como escritor ficou famoso, nos anos vinte, pelos seus trabalhos “Konármia” e “Os contos de Odessa”.

Depois, nos anos trinta, escreve muito e publica pouco de significativo em literatura. Trabalha mais para cinema, teatro e imprensa. A existência de alguma obra literária é apenas hipotética.

Curiosamente, sua carreira, como grande escritor, se encerra com a sua autobiografia (*vide Anexo 1*).

Soubes-se valer de suas boas relações com os poderosos do regime e levou uma vida condizente com a deles, num país habitado por pessoas privadas até do essencial.

Quando Reinhard Krumm manifestou a intenção de escrever sua biografia, a filha de Bábel, Natália, disse que ele era um louco.

Pode ser um exagero, mas nem tanto. Escrever sobre uma vida tão complexa e multifacetada, realmente, não é tarefa fácil.

As fontes com que contamos são muito dispersas, incompletas, parciais e contraditórias.

Uma das mais confiáveis é a “Isaak Bábel, uma biografia”¹ escrita pelo acima citado Krumm, um historiador alemão, que vasculhou todos os arquivos disponíveis na Rússia e no exterior, entrevistou alguns dos sobreviventes entre parentes, amigos e contemporâneos.

A biografia, redigida em alemão e traduzida para o russo sob a supervisão do próprio autor, fluente em russo, é uma obra séria pelo rigor do conteúdo e dedicação com que foi escrita.

Além disso, servimo-nos de alguns artigos² e até de entrevistas³ de Krumm sobre o assunto.

Tomamos dele muitas das informações factuais. Porém, as discussões e conclusões, em sua maioria, são de nossa responsabilidade.

Como metodologia, resolvemos descrever a vida de Bábel *em camadas*: “Um Homem”, “Um Escritor” e “Um Tchekista?”.

Mesmo estas camadas, sobrepostas, ainda, não revelam tudo. Mas são uma tentativa de nos aproximarmos da realidade.

1 Nas notas esta obra será citada como “R. Krumm – Biografia de Bábel”.

2 “Elaboração da biografia de Isaak Bábel – Um problema para jornalista” (28-08-2008).

<http://www.alternativy.ru/ru/node/644>

3 Entrevista radiofônica pela estação “Eco de Moscou” em 15-11-2008.

<http://www.echo.msk.ru/programs/staliname/553040-echo.phtml>

BÁBEL – UM HOMEM

Odessa, a pérola do mar Negro, na última década do século XIX, era a quarta cidade e o segundo porto em importância do Império Russo.

Dos seu 400 mil habitantes, metade era de russos, um terço de judeus e os demais eram ucranianos, poloneses, romenos, tchecos e outros.

Em seus cais ancoravam navios de muitas bandeiras, em suas ruas ouviam-se línguas as mais variadas.

Foi nessa exuberante e colorida cidade que em 30 de junho de 1894 nasceu Isaak, o terceiro filho de Feiga e Emmanuil Bobel. Antes dele vieram Aron, em 1891, e Anna, em 1892.

A família Bobel, que nessa época já passou a se chamar Bábel, vivia num modesto subúrbio chamado Moldavanka, habitado por gente humilde e, próxima ao porto, também refugio de contrabandistas.

Mas os Bábel não ficaram lá por muito tempo. Pouco depois do nascimento de Isaak, mudaram-se para a cidade de Nikoláev, a 120 quilômetros a leste de Odessa, também às margens do mar Negro e na foz do rio Bug do Sul.

Nicoláev era um florescente porto com cerca de 200 mil habitantes.

Em Nikoláev, Emmanuil encontrou um bom modo de manter a família com bastante conforto, trabalhando com equipamentos agrícolas.

Ali, em 1896 morreram os dois irmãos mais velhos de Isaak, e em 1899 nasceu a irmã caçula Mary.

Bábel descreve a sua infância em Nikoláev em vários de seus contos.

Aprendeu a ler e escrever precocemente e estudou na Escola Comercial Conde Witte.

Em 1905, Isaak volta para Odessa e matricula-se na Escola Comercial Nicolau I. Enquanto não vinha a sua família, morou com a avó materna e tias.

Essas escolas comerciais eram particulares e, apesar de terem um bom nível de ensino, não tinham por objetivo preparar os alunos para a universidade. O motivo de Bábel não estudar em ginásio clássico oficial era a restrição existente ao ingresso de judeus, cuja cota era muito limitada.

Agora, em boa situação financeira, o pai de Bábel não poupou recursos para sua educação. Ele teve professores particulares em varias matérias, principalmente em línguas como inglês, francês e alemão. Um destaque era dado ao estudo da Torá e do ídiche.

O volume de estudos que ele realizava em casa, era tal que ele diria que descansava na escola.



I. Babel

Sob influência de seu professor de francês, Babel ficou fascinado pela língua e literatura francesa. Seu ídolo era Guy de Maupassant. Tanto que os seus primeiros contos, dos quais não ficou registro, eram escritos em francês.

Babel concluiu o curso em 1911 com boas notas, principalmente em línguas.

Essa primeira década do século XX, na Rússia, foi particularmente traumática. A guerra com o Japão, em 1904, custou além de centenas de milhares de vidas, a perda da esquadra do Pacífico.

O “Domingo Sangrento” de 1905, quando as tropas do exército abriram fogo contra a demonstração pacífica de uma multidão diante do palácio imperial em São Petersburgo, seria a última gota.

Odessa também teve seu episódio trágico com a revolta da tripulação do encouraçado “Potiômkin” no verão de 1905.

Em outubro de 1905 o imperador Nicolau II¹ introduziu algumas reformas referentes a liberdades civis e a criação de um parlamento, a Duma. Mas era tarde demais, a revolução já estava fermentando. Em busca de culpados para quaisquer manifestações de revolta, os judeus serviram de bodes expiatórios. Seguiu-se uma onda de pogroms. Um dos mais terríveis deu-se em Odessa, onde foram mortos quase mil judeus. Mesmo em Nikoláev, onde viviam os Babel que, entretanto, não chegaram a ser vítimas dos pogroms, houve cenas de violência.

Essas mudanças políticas e sociais colocaram desde cedo Isaak Babel diante de escolhas: ser monarquista ou socialista, judeu assimilado ou sionista, judeu ou russo? Babel sentia-se ligado à língua e cultura russas e também à cultura judaica. Ele era um judeu russo, e vivia entre esses dois mundos.

Novamente, devido às restrições à matrícula de judeus, Babel não pôde continuar seus estudos na Universidade de Odessa. Assim, seu pai matriculou-o no Instituto de Comércio de Kiev.

¹ **Nicolau II** (Николай Александрович Романов), último imperador da Rússia (1868 -1918).

Em Kiev, Bábel, aos dezessete anos, vai morar próximo da residência de Boris Gronfain, fabricante e importador de equipamentos agrícolas, com o qual o pai de Bábel mantinha relações comerciais já havia um bom tempo.

Na elegante casa dos Gronfains, Bábel encontra um ambiente acolhedor. Aqui ele conhece a filha caçula da família, Evguênia (ou Jênia), de quinze anos, que fica encantada com o exuberante jovem de óculos niquelados redondos, capaz de contar histórias empolgantes.

Essa amizade não interferiu nos estudos de Bábel e ele sentia-se bem vivendo em Kiev.



I.Bábel

Nesse meio tempo, tem início a I Guerra Mundial, em 1914. Assim ele só consegue concluir o curso em 1916 no limiar dos grandes acontecimentos que se darão em 1917.

Em fins de 1915, ainda antes de concluir os estudos comerciais, Bábel envia sua documentação ao Instituto Psiconeurológico de Petrogrado (S.Petersburgo soava alemão, e com o início da guerra com a Alemanha foi russificado) para uma eventual matrícula na faculdade de Direito.

Esse instituto, uma instituição privada, não era obrigado a seguir as normas das universidades oficiais quanto à aceitação de alunos. Assim aceitava os alunos que saíam dos cursos comerciais, e não havia restrições à nacionalidade. Era a única oportunidade de um judeu formar-se em ciências jurídicas.

Deste modo, Bábel foi matriculado, e com a carteira de estudante pôde obter autorização de residência na capital. Ele mudou-se para Petrogrado apenas em fins de 1916.

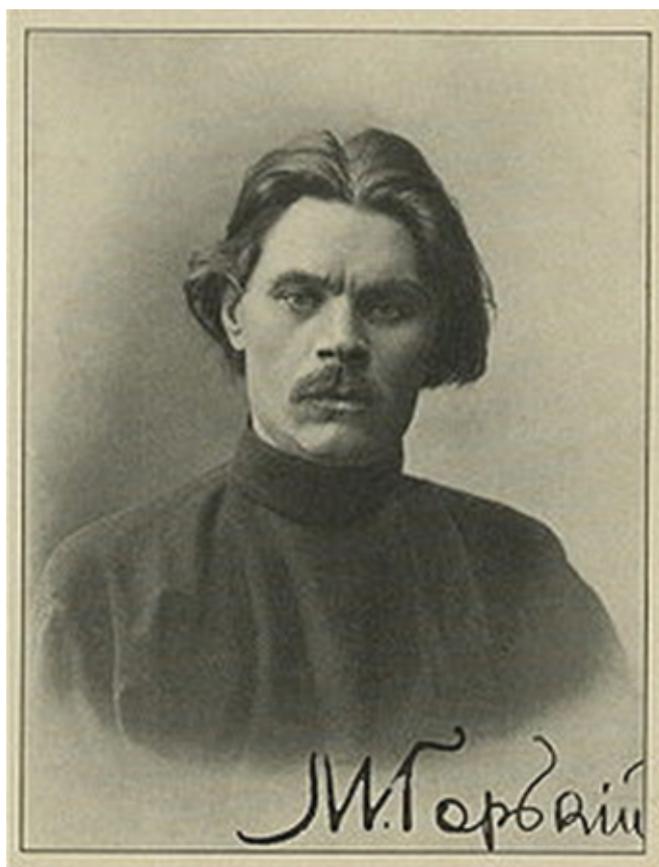
Bábel, que sonhava tornar-se escritor, queria viver legalmente e trabalhar em Petrogrado, daí a importância de sua carteira de estudante.

Em sua autobiografia, ele diz que passou necessidades e viveu ilegalmente, mas isso não corresponde exatamente à realidade, pois seu pai continuava a mantê-lo e ele, como estudante, tinha autorização de residência legal.

A atividade de Bábel, com seus contos, parecia não encontrar grande receptividade entre os redatores de jornais e revistas que ele procurava.

Muitos, como ele descreveu em sua autobiografia, aconselhavam-no a dedicar-se a alguma outra atividade.

Isso mudou quando ele conheceu Górkí.² Maksim Górkí, nessa época com cerca de 50 anos, já era um escritor consagrado mundialmente. Era editor e redator literário de “Liétopis”, uma revista político-cultural.



M. Górkí

Esse encontro foi decisivo para o destino literário de Bábel. “Devo tudo a esse encontro”, disse ele mais tarde. Górkí interessou-se pelos seus escritos e publicou dois de seus contos na edição de novembro de 1916.

Mas Górkí era exigente com o seu pupilo. Disse-lhe que seus contos se ressentiam da falta de experiência direta e vivida e que ele deveria preencher essa lacuna. Bábel seguiu o seu conselho.

A sua colaboração com Górkí permitiu que ele travasse relações com muitos dos jornalistas e escritores que freqüentavam a redação. Foi nesta época que ele passou a trabalhar como jornalista, publicando vários artigos em jornais.

² **Maksim Górkí** (Алексей Максимович Пешков) – (1868 -1936).

A situação política aproximava-se de um desenlace. Os sucessivos fracassos na frente de guerra propagavam-se pelo país. A crise de abastecimento e as greves minavam a autoridade tsarista.

Isso culminou com a abdicação do imperador Nicolau II, passando o poder, ao mesmo tempo, para o Soviete de Operários de Petrogrado e ao Governo Provisório, em fevereiro de 1917. Os líderes bolcheviques estavam ausentes nessa ocasião. Lênin³ chegou da Suíça em 3 de abril e Trótski,⁴ duas semanas depois, vindo dos Estados Unidos.

Em 25 de outubro, sob o comando de Trótski, foram tomados o Telégrafo Central, o Banco Estatal e o Palácio de Inverno. Tudo aconteceu muito rápido e com inesperada facilidade.

A cidade quase não notou essa transição de uma era para outra. Sua vida transcorria normalmente.

Estava no poder o Conselho dos Comissários do Povo presidido por Lênin, no Instituto Smólni. Este prometia retirar a Rússia da guerra, expropriar as propriedades dos latifundiários e dar aos operários o controle das fábricas.

Bábel relata que foi soldado na frente romena, e no conto “O caminho” descreve sua volta após a derrocada, em novembro de 1917. Mas isso pode ser apenas ficção.

Em março de 1918, Petrogrado perde a condição de capital do país, quando o governo muda para Moscou.

Nessa ocasião passa-se a contar o tempo pelo calendário gregoriano, em lugar do juliano, e também promove-se uma reforma ortográfica da língua russa.



I. Bábel

³ **Vladimir Lênin** (Владимир Илич Улянов) - fundador do Estado Soviético (1870 -1924).

⁴ **Lev Trótski** (Лев Давидович Бронштейн) na época presidente do Conselho Militar Revolucionário (1874 -1940).

De volta a Petrogrado, Bábel procura um meio de sobreviver. Um amigo apresenta-o a M.S.Urítski,⁵ chefe da Tcheká⁶ de Petrogrado, a polícia secreta soviética, responsável pelo terror vermelho e o fuzilamento em massa de adversários políticos do regime. Foi aceito como colaborador e assim pôde ver a realidade concreta, como lhe foi sugerido por Górkí.



M.Urítski

Voltando a Odessa, Bábel, em 9 de agosto de 1919, casa-se com Jênia Gronfain, sendo que os pais da noiva não ficaram muito felizes com tal genro, cuja profissão de escritor não prometia grande coisa.

A lua-de-mel não foi muito longa. Em outubro, Bábel voltou sozinho a Petrogrado, na ocasião em que o general Iudénitch⁷ avançava sobre a cidade. O comissário da Guerra, Trótski, conseguiu repelir os brancos até a Estônia. Bábel não escreve nada sobre esse episódio.

Quando no fim de 1919, Bábel voltou a Odessa, lá reinava uma confusão. Os bolcheviques que ocupavam a cidade haviam sido substituídos por tropas alemãs e austríacas, remanescentes da Grande Guerra, e depois pelos franceses. Só em janeiro de 1920 é que os bolcheviques voltaram para ficar.

Bábel achou uma colocação na Agência Telegráfica Russa – seção sul (IUGO-ROSTA). A ROSTA não era apenas uma agência noticiosa, tinha um importante papel na propaganda doutrinária comunista. Deste modo os noticiários divulgados vinham impregnados de forte teor ideológico.

Nesta época Bábel conhece Evguênia Solomónovna Feigenberg, uma bela jornalista. Sua amizade, com o tempo, transformar-se-ia em romance.⁸

Quando começou a guerra russo-polonesa, Bábel foi despachado como correspondente junto ao Primeiro Exército de Cavalaria, comandado por Budiónni.⁹

⁵ **M.S.Urítski** (Моисей Соломонович Урицкий) presidente da Tcheká de Petrogrado (1873 -1918).

⁶ **Tcheká – ЧК** – Чрезвычайная Комиссия (Comissão Extraordinária) (*Vide Anexo 4*).

⁷ **N.N.Iudénitch** (Николай Николаевич Юденич) – general tsarista (1862 -1933).

⁸ R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 48.

⁹ **S.M.Budiónni** (Семён Михайлович Будённый) – (1883 -1973) comandante do 1º Exército de Cavalaria, foi um dos primeiros Marechais da União Soviética.

Assim, na primavera de 1920, ele recebeu as credenciais de correspondente da ROSTA em nome de Kiríl Liútov. O uso desse pseudônimo foi explicado como um meio de proteger Bábel num exército predominantemente cossaco, com forte dose de preconceito contra judeus.

Este procedimento não foi um disfarce suficientemente eficiente, pois frequentemente não funcionava.

Bábel foi destacado para servir no Serviço Político do Estado-Maior da 6ª Divisão de Cavalaria.

Além de participar dos trabalhos no Estado-Maior, enviava correspondências à ROSTA e colaborava no jornal do exército “O Cavalariano Vermelho”.

A partir de, aproximadamente, maio de 1920 e por cerca de cinco meses, Bábel acompanhou o deslocamento do exército, em suas batalhas, vitórias e derrotas.

Travou relações com os comandantes, combatentes, prisioneiros e a população civil, notadamente os judeus da Galícia.

Ele registrava as suas impressões com notável disciplina em um diário que mais tarde serviria de base para a obra que o tornaria famoso – “Konármia”.

O tom desse diário é bastante franco. As tragédias, crueldades, ilusões desfeitas e desumanidades da guerra são relatadas numa linguagem crua e descuidada. O diário não era destinado à publicação, não se pretendia obra literária.

No diário não é dada uma visão panorâmica do conflito: ele descreve apenas o que está no ângulo de visão do autor, sem grandes explicações sobre o sentido dessa guerra, que tem um fim melancólico.

Bábel volta a Odessa esgotado física e psiquicamente. O contato com a realidade, dessa vez, não lhe saiu de graça.

Em 1921 ele conseguiu publicar no jornal “Moriak” de grande peso na vida literária de Odessa, o primeiro conto do ciclo “Os contos de Odessa” – “O Rei”. Esse conto tem como herói o chefe de uma gangue de assaltantes, Bênia Krik, uma espécie de Robin Hood judeu de Moldavanka.

O conto foi logo traduzido para o inglês, francês e italiano, projetando o nome de Bábel além das fronteiras.

Bênia Krik foi o herói de três dos quatro “Contos de Odessa” – “O Rei”, “Como se fazia em Odessa” e “O Pai”. Esses contos passam-se antes da Grande Guerra.

Outros cinco contos, sobre a Odessa pós-revolução, foram acrescentados ao ciclo, após a morte de Bábel.

Os judeus de Odessa, descritos por Bábel, alegres e atrevidos, não têm nada em comum com os sombrios judeus da Galícia, descritos nos contos sobre a guerra russo-polonesa.

Curiosamente, Bábel trabalha nas duas obras ao mesmo tempo.

No fim do verão de 1921, Bábel recebe uma proposta para trabalhar num jornal da Geórgia,¹⁰ onde o governo local recebera de Moscou fundos para criar um diário de propaganda política. O jornal foi batizado com o nome de “Zariá Vostoka” (“Alvorada do Oriente”) e sua redação foi estabelecida em Tbilíssi. Foram convidados, além de

¹⁰ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 71.

Bábel, outros colaboradores de renome, tais como Vladímir Maiakóvski,¹¹ Konstantin Paustóvski,¹² Eduard Bagrítski¹³ e Serguei Iessénin.¹⁴

E assim, Bábel, acompanhado de Jênia e Mary, seguiu para a Geórgia.

Em janeiro de 1923, já está de volta a Odessa. Em sua bagagem vêm os rascunhos de vários contos de “Konármia”, cuja publicação começa então. Durante esse ano ele publica treze contos, não na mesma ordem em que apareceriam depois, no volume completo.

Nesse ano Bábel conhece Maiakóvski, que lhe propõe a publicação de seus contos na revista “LEF”, que ele acabara de criar. Essa era uma grande honra e ao mesmo tempo um convite para ir a Moscou. Bábel aceitou com satisfação.

A capital era então o centro da vida literária. Aqui estavam todas as editoras, as revistas mais importantes como “Krásnaia Nov”, “LEF”, “Oktiabr”, “Nóvi Mir” e entre os leitores estavam os intelectuais.

Havia o problema da moradia, em Moscou era difícil encontrá-la. Em vista disso ele escolhe Serguiev Possad, uma tranqüila cidadezinha a 60 quilômetros de Moscou, para onde se muda com a mulher. Sua mãe, após a morte do marido em 1924, vai morar com eles.

Bábel considerava 1924 o ano do início de sua atividade literária.

A revista “LEF”¹⁵ que pretendia ser o centro da cultura proletária, publica, em seu quarto número contos dos ciclos de “Konármia” e “Os contos de Odessa”, alguns já publicados antes e até reescritos. Com isso Bábel foi colocado entre os escritores mais conceituados.

Nessa fase, Bábel escreve muito sob a pressão de redatores que queriam publicar seus escritos.

Graças ao prestígio de Maiakóvski, a revista “LEF” permitia-se tomar muitas liberdades, mas suas tiragens eram baixas, não ultrapassavam cinco mil exemplares. Após sete edições, teve de fechar.

Bábel continua publicando na revista “Krásnaia Nov”, cuja tiragem de onze mil exemplares permite ao seu redator, Aleksandr Vorónski, dizer que podia pagar “regiamente” aos autores.

Os seus contos sobre a guerra russo-polonesa causam sensação em Moscou, e dois deles chegam a ser publicados no “Pravda”. Isso foi seguido de protestos, por parte dos participantes do Primeiro Exército de Cavalaria, dirigidos ao Politburo, considerando os contos ideologicamente nocivos. O fato de Bábel, nos contos, citar os nomes verdadeiros de alguns personagens, mexia com seus brios. Mais tarde ele trocou os nomes mais melindrosos.

Na revista “Oktiabr” apareceu um artigo assinado por Budiónni, dizendo que o Primeiro Exército de Cavalaria havia sido caluniado e que Bábel inventara tudo. Nesse artigo, Budiónni, que não era muito letrado, provavelmente, só após a assinatura.

Górki toma a defesa de seu pupilo, respondendo aos ataques de Budiónni.

Apesar disso, os contos continuaram a ser publicados na “Krásnaia Nov” e nessa época Bábel já era um autor demasiado conhecido para ser silenciado.

¹¹ V. Maiakóvski (Владимир Владимирович Маяковский) importante poeta futurista (1893-1930).

¹² K. Paustóvski (Константин Георгиевич Паустовский) escritor soviético (1892 -1968).

¹³ E. Bagrítski (Эдуард Георгиевич Багрицкий) poeta e dramaturgo (1895 -1934).

¹⁴ S. Iessénin (Сергей Александрович Есенин) grande poeta russo (1895 -1925).

¹⁵ R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 81.

Todas as revistas literárias publicavam os seus artigos – “Krásnaia Nov”, “Nóvi Mir”, “Na Postú”, “Zvezdá”, “Molodáia Gvárdia”. Um verdadeiro triunfo. E não só na Rússia. No exterior, ele passa a ser lido e conhecido.

E, além do mais, o Estado soviético ainda não havia assumido o completo controle dos intelectuais.

No fim de 1924, sua irmã Mary e o marido, o médico Grigóri Chápochnikov, resolvem deixar a União Soviética, radicando-se em Bruxelas, onde Gregóri conseguiu um emprego numa firma farmacêutica. A mãe de Bábel vai se juntar a eles, no verão de 1926.

Em 1925 Bábel inicia sua atividade como argumentista de cinema, que no futuro será a sua principal fonte de renda.

Bábel, agora famoso e requisitado pela elite dirigente soviética, envolve-se com uma jovem e bela atriz, Tamara Kachírina, com a qual terá o filho Mikhail em julho de 1926.¹⁶

Jênia, sabendo das escapadas do marido, resolve deixá-lo, indo para Paris em dezembro de 1925.¹⁷

Sua ligação com Tamara não passa de dois anos, quando ela casa com o escritor Vsévolod Ivánov.

“Quando Bábel chegou a Moscou, em 1924, encontrou uma vida literária das mais intensas. As últimas revistas da “arte pura”, ditas “decadentes”, tinham sido interdidas em 1922, mas sob a qualificação de “tendências não hostis ao regime”, um amplo leque de grupos e de revistas se enfrentavam na base de artigos. Não nos cabe estudar detalhadamente estes diversos círculos. No entanto, para melhor situar Bábel, iremos expor brevemente as características da vida literária moscovita nos anos 20.

De um modo geral, podemos distinguir duas grandes tendências. Os representantes da primeira queriam criar uma literatura proletária, saída da Revolução, submetida inteiramente à “linha” do Partido. Os precursores dessa “literatura engajada” fundaram a revista “Na Postú”, em 1923, que se tornou, em 1926, “Na Literaturnom Postú”. Eles se agruparam na MAPP (Moskóvskaia Assotsiát-sia Proletárskikh Pissátelei – Associação Moscovita de Escritores Proletários), que, em 1926, passou a chamar-se RAPP (Rúskaia Assotsiát-sia Proletárskikh Pissátelei – Associação Russa de Escritores Proletários). L. Averbakh, D. Fúrmanov, A. Fadéiev, I. Libedínski, A. Biezimiênski eram os principais elementos desta organização.

Em oposição a esta “literatura de classe”, existiam vários grupos e suas respectivas revistas. Suas atitudes em relação à arte distinguiam-se pelo traço comum que exigia de todas as obras literárias: a qualidade artística.

O mais importante era o grupo “Pereval”, fundado em 1923, cujo principal representante era A. Vorónski, crítico literário marxista e redator-chefe da revista “Krásnaia Nov”.

¹⁶ R. Krumm – Biografia de Bábel, pgs. 90/91.

¹⁷ Nathalie Babel in “*Complete Works of Isaac Babel*”, pg. 1041.

Vorónski, sem deixar de ser comunista, assumia uma atitude mais branda que os teóricos do RAPP. Resguardava o papel da inspiração individual na criação artística. Abriu as colunas de sua revista aos escritores “popútchiki” e insistia sobre a necessidade de lhes darem possibilidades de publicação e facilidades de trabalho.

O que significa a expressão “popútchiki”, cuja tradução é *companheiro de viagem*?

O nome veio de Trótski, que o definiu assim: “Chamamos *companheiros de viagem*, tanto em literatura como em política, aquele que, apesar de claudicante e combaleante, segue até certo ponto o caminho que nós já percorremos bem antes”. (“Literatura e Revolução”).

Muitos comunistas achavam que estes *companheiros de viagem* eram “recuperáveis” para a causa e se opunham aos “napostóvtsi” (de “Na Postú”), que desejavam descartá-los definitivamente.

Se lembrarmos que I.Bábel, V.Ivanov, L.Seifúlina, B.Pilniák, K.Fiédin, N.Tíkhonov, E.Zamiátin, etc., eram *companheiros de viagem*, podemos medir a perda que teria sofrido a literatura russa se os “napostóvtsi” os tivessem eliminado logo no início.

Devemos assinalar ainda a existência de dois grupos: o de Maiakóvski, o LEF, que editava uma revista do mesmo nome; e os construtivistas, cujo líder era Selvínski. Estes dois grupos, cuja tomada de posição era mais literária que política, seguiam a ideologia proclamada por Vorónski, no sentido de que publicavam e apoiavam os *companheiros de viagem*.

Uma polêmica apaixonada ocorreu entre Vorónski e Averbakh em 1923-24. Mas, nessa época, os esforços dos escritores “proletários” para coagir os *companheiros de viagem* ao conformismo, recebiam pouco apoio oficial. E a resolução do XIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) reforçou a posição dos liberais em matéria literária. Esta resolução, retomada por decreto do Comitê Central (18-06-1925) recomenda: “...tratar com habilidade e atenção...” aos escritores “popútchiki”.

Para exprimir seu reconhecimento, um grupo de escritores dirigiu uma carta ao C.C. (maio de 1924), na qual insistia em sua vontade de colaborar para o objetivo comum a todos: a evolução da literatura russa. Esta carta foi assinada, entre outros, por A. Tolstói, Iessénin, Mandelstam, Tíkhonov e Zóschchenko.

O mesmo decreto do C.C. prescreve a luta pela hegemonia da literatura proletária como um dos deveres fundamentais. Mas, apesar do conflito crescer cada vez mais entre RAPP e os liberais, certo grau de liberdade continuou a subsistir na criação literária.

O mérito deveu-se, antes de mais nada, a A. Lunatchárski, Comissário do Povo para a Instrução, função que ocupou desde 1917 e na qual foi substituído em 1929. Era um homem culto, que escrevia, ele mesmo, peças de teatro (médiocres, na verdade). Acreditava que cada artista tinha o direito de criar e de evoluir livremente. Graças a ele, a arte teve direito, durante estes anos, à existência”.¹⁸

Depois da morte de Lênin, em 1924, a pressão dos escritores da ala proletária sobre a literatura foi aumentando, o Estado passou, cada vez mais, a querer controlar os escritores.

Em dezembro de 1925, o grande poeta Serguei Iessénin aparece morto no Hotel Angleterre, oficialmente foi declarado um suicídio.¹⁹ Em 1930 será a vez de Maiakóvski, decepcionado com os rumos que tomaram as coisas, quando ele não quis seguir o caminho “justo”.²⁰ Ambos os casos, até hoje, permanecem obscuros. Há suspeitas de envolvimento da Tcheká.

Bábel não foi atingido por essas medidas extremas.

O conflito entre estas diferentes posições vai se prolongar por toda a década de 1920, resolvendo-se, finalmente, na década seguinte, a partir do I Congresso de Escritores Soviéticos, quando são estipulados os princípios do “realismo socialista”, enunciados de maneira ainda vaga e ambígua por Górkí, no discurso de abertura, mas de modo absolutamente rígido, alguns dias depois, no discurso de Jdánov, o arauto em arte e literatura das idéias de Stálin.

Quando em 1927 o sogro de Bábel, Boris Gronfain, morreu, a sogra, Berta Gronfain, quis viver com a filha em Paris.

A saída temporária do país ainda era possível nos anos vinte, e Bábel resolveu acompanhar a sogra e também visitar Górkí na Itália. Górkí havia deixado a Rússia em 1921, em protesto contra a proibição da saída do poeta Aleksandr Blok do país.²¹

Pelo caminho, Bábel resolveu ficar alguns dias em Berlim para combinar a edição de seus livros pela Editora Malik. Em Berlim, quando foi convidado para um jantar na legação soviética, tornou a encontrar a sua antiga conhecida Evguênia Solomonovna, na época casada com Aleksei Gladun.

O encontro reacendeu a antiga paixão e eles passaram várias noites no apartamento que lhe fora oferecido para sua estadia.

Mais tarde, comentando com o seu amigo Iliá Erenburg teve ocasião de dizer: “O homem vive para o prazer – dormir com uma bela mulher e tomar sorvete num dia quente”.²²

¹⁸ Judith Stora-Sandor – “Isaac Babel – L’Homme et L’Oeure”, Klincksieck, Paris, 1968. Pgs. 35-38 (tradução de Paulo Dal-Ri Peres).

¹⁹ “Taini Véka” – Noite no Angleterre (filme de Oleg Raskov – Cia. Ostankino).

²⁰ “Taini Véka” – A morte do poeta (filme de Oleg Raskov – Cia. Ostankono).

²¹ A. Blok (Александр Александрович Блок) importante poeta simbolista (1880-1921).

²² R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 103.



I. Babel

Lev Slávin o descreve nessa idade - “Ele não era alto, mais para corpulento. Sua figura atarracada, prosaica, não evocava um cavalariano, um poeta, um viajante. Sua grande cabeça de testa ampla parecia não ter pescoço, uma cabeça de sábio de gabinete”.²³ Isso não é a descrição de um galã, mas a arte de conversar que o caracterizava supria o necessário para torná-lo sedutor.

Depois desse intervalo, seguiu para Paris onde ficou morando com Jênia e a mãe dela.

Bábel era um dos poucos escritores soviéticos que não evitava contato com os emigrados. Mas as experiências da nova vida que eles relatavam não o interessavam.

Os emigrantes russos tratavam os soviéticos com desconfiança, no caso de Bábel, com desprezo. Havia rumores sobre as suas ligações com o serviço secreto soviético e ele era considerado um espião.²⁴

Jênia, apesar da ligação do marido com Tamara, acreditava em seu futuro comum e tentava convencê-lo a ficar na França.

Juntos eles foram a Marselha, onde ficaram alguns dias, depois a Bruxelas, para visitar a mãe e a irmã de Bábel. Dalí foram a Ostende e ao balneário de Saint Idelsbad.²⁵

²³ Slávin, L. in “*Lembranças de Bábel*” - Ed. Knijnaia Palata, Moscou, 1989.

²⁴ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 104.

²⁵ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 105.



Bábel e Jênia em Idelsbad (1928)

Ir a Sorrento para visitar Górkí não foi possível, a situação financeira não o permitiu.

Após quinze meses em Paris, Bábel volta a Kiev. Jênia recusou-se a acompanhá-lo.

A década de vinte chegava ao fim. Stálin conseguiu afastar todos os seus rivais e enfeixou em suas mãos todas as rédeas do poder. Poder esse que nenhum tsar tivera.

Começou a década de trinta, a década dos expurgos no partido e nas forças armadas. Década da industrialização forçada e da coletivização da agricultura. Década do terror.

Os intelectuais em geral e os escritores em especial foram subjugados e submetidos a um controle total.

Todos os meios de comunicação estavam nas mãos do Estado, dominado pelo partido comunista, agora comandado por Stálin. Nada que destoasse de sua linha de interpretação poderia ser publicado. Não havia mais nenhum espaço para oposição política ou de qualquer outra natureza.

Para Stálin, tanto na cultura como em qualquer outra esfera da vida, só existiam as categorias “necessário” ou “desnecessário”, “útil” ou “inútil”.²⁶

Arthur Koestler em “O Zero e o Infinito” (“Darkness at Noon”) retrata bem a situação na União Soviética no diálogo entre Rubachov, um ex-comissário do povo, agora na prisão, e o seu interrogador Ivánov.

Ivanov sorriu. – Talvez, disse, satisfeito. – Olhe para os Gracos, para Saint-Just, para a Comuna de Paris. Até agora, todas as revoluções foram feitas por amadores moralizantes. Estavam sempre de boa fé e pereceram por causa de seu amorismo. Nós pela primeira vez, somos consequentes...

– Sim – disse Rubachov. Tão consequentes que no interesse de uma distribuição justa de terra, deixamos deliberadamente, em um ano, morrer de fome cinco milhões de agricultores e suas famílias. Tão consequentes fomos na libertação dos seres humanos dos grilhões da exploração industrial que enviamos cerca de dez milhões deles para os trabalhos forçados, nas regiões árticas

²⁶ D. Volkogónov – “Stálin”, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

e nas selvas orientais., em condições semelhantes às das antigas galés. Tão conseqüentes que, para decidir uma diferença de opinião, só conhecemos um argumento: a morte, quer se trate de uma questão de submarinos, de adubo, quer da linha política do Partido a ser aplicada na Indochina. Os nossos engenheiros trabalham com o conhecimento constante de que um erro de cálculo pode leva-los à prisão ou ao cadafalso; os funcionários superiores de nossa administração transtornam e destroem os seus subordinados porque sabem que serão responsabilizados pelo menor deslize, e, eles próprios, destruídos; os nossos poetas resolvem discussões sobre questões de estilo com denúncias à Polícia Secreta, porque os expressionistas consideram o estilo naturalista contra-revolucionário, e vice-versa. Agindo conseqüentemente nos interesses das gerações vindouras, lançamos privações tão terríveis sobre a presente que a média de duração da vida diminuiu de um quarto.²⁷

Bábel, prudentemente, fica algum tempo distante do centro dos acontecimentos. Viaja bastante pelo sul da Rússia como correspondente de jornais. Lá recebeu de Jênia a notícia do nascimento da filha Natália em 17 de julho de 1929. Só em dezembro regressou a Moscou.

Graças a Evguênia Solomónovna, conseguiu um lugar no sanatório para escritores em Késkovo, uma antiga propriedade do conde Cheremétiev, a vinte minutos, de trem, de Moscou.²⁸

Obedecendo à diretiva do partido de que os escritores deveriam escrever sobre a coletivização da agricultura, Bábel, em fevereiro de 1930, parte para a Ucrânia com o objetivo de colher material. Fica lá por cerca de dois meses.

A quase totalidade de seus contos sobre a coletivização não corresponde à encomenda do partido e ele sabe disso. Assim toda essa produção vai para a caixa metálica onde costumava guardar seus escritos que (ele achava) não seriam publicados.²⁹

Na volta, Bábel passa a morar em Molodenovo, uma aldeia agradável, a 40 quilômetros de Moscou. Aqui ele fica por uns dois anos.

No verão de 1932 muda para uma casa na parte velha de Moscou, que vai compartilhar com Bruno Steiner, um engenheiro austríaco.

Bábel queria visitar a França para ver a sua filha Natália. A autorização de saída só seria concedida pelo órgão competente se ele apresentasse alguma obra nova dentro dos padrões do realismo socialista. Argumentos cinematográficos não valiam, tinha de ser literatura.

O que ele publicou em 1931-1932 não se enquadrava nessa categoria, tratava-se, em maior parte, de continuações de seus ciclos anteriores.

Ao fim de muita insistência, reforçada por Górkí, ele obteve uma autorização para se ausentar do país por um mês e meio.

Alguns dias antes de obter a autorização para a viagem, conheceu Antonina Pirojkova, uma jovem engenheira siberiana. Ela ficou encantada com a fala de Bábel e na sua ausência, mudou-se para a residência dele para evitar que a mesma fosse requisitada.

Uma vez em Paris, Bábel ficou morando com a família, feliz com sua filha de três anos.

²⁷ A. Koestler – “*O Zero e o Infinito*” – Ed. Globo, Pôrto Alegre, 1964.

²⁸ R. Krumm – Biografia de Bábel, pgs. 114 e 118.

²⁹ R. Krumm – Biografia de Bábel, pgs. 114 e 118.

Apesar de sua situação financeira não ser muito estável, ele consegue arranjar dinheiro para enviar à mãe e à irmã em Bruxelas.

Mantém contatos com alguns emigrados russos não muito estimados pelo governo soviético. Chega a receber uma advertência do embaixador, mas não a leva em consideração.

André Malraux³⁰ propõe-lhe que traduza as suas obras para o russo, mas Bábel não se interessa.



A.Malraux

Em abril de 1933 encontra-se com Górkí em Sorrento. Essa foi a última viagem de Górkí à Itália, Stálin não permitiria mais a sua saída do país. Com a criação da União de Escritores da URSS, Stálin insiste para que Górkí volte a Moscou para assumir o cargo de presidente da nova entidade.

Antes de voltar a Paris, em maio de 1933, Bábel aproveita para rever Nápoles, Roma, Florença e Capri. Avalia a sua situação, acha que não tem uma base firme para ficar como emigrado na França e decide voltar para a URSS, em junho de 1933.

De volta à Rússia, acha prudente ficar na periferia, afastando-se do perigoso centro. Assim, com a sua nova amiga Antonina Pirojkova, vai para o Cáucaso. Fazem um giro pela costa do mar Negro – Gágri, Sukhúmi, Tuapse. Em Náltchik (Kabardino-Bulkaria) ficam hospedados na casa do líder local, Betal Kalmíkov.

³⁰ **André Malraux** – escritor francês (1901-1976).



I. Babel

Após dois meses no Cáucaso, Babel vai para Donbass.³¹ Lá, também, tem um amigo na pessoa do prefeito Benjamin Furer, que o hospeda. Tem oportunidade de descer às minas de carvão e conversar com os trabalhadores. As condições nessas minas eram primitivas, perigosas e com ventilação precária.

De volta a Moscou, Babel e Antonina vivem na casa de Steiner, onde gozam de todo o conforto. Tinha arrumadeira, cozinheira, boa comida, telefone e até um “Ford Eight” à disposição.³²



I. Babel e A. Pirojkova

³¹ **Donbass** – região de minas de carvão na bacia de rio Don.

³² R. Krumm – Biografia de Babel, pg. 135.

Nessa época, para se manter, Bábel escreve argumentos para Mosfilm. Apesar de ganhar bem, sempre faltava dinheiro, pois ele continuava a mandá-lo para o exterior.

Em agosto de 1934 foi realizado o 1º Congresso de Escritores Soviéticos, em que, pela primeira vez, o realismo socialista foi proclamado como ideologia oficial.

Após o Congresso de 1934, o governo soviético encontra um novo meio de recompensar os mais ativos “engenheiros da alma humana”. No bucólico subúrbio moscovita de Peredélkino, foram construídas trinta casas de campo, essa vila de escritores era chamada de “O jardim das cerejeiras de Stálin”. Bábel ganha uma das casas. Nesse tempo estava em preparo a edição de suas obras reunidas num volume de 320 páginas, com uma tiragem de 50 mil exemplares.³³

O assassinato de Serguei Kírov,³⁴ líder do partido em Leningrado no dia 1º de dezembro de 1934, em circunstâncias não muito claras, serviu de pretexto para Stálin desencadear expurgos nas fileiras do partido.

Começaram os anos do Grande Terror, que atingiu o auge entre 1936 e 1938.

Em junho de 1935, em Paris, realizou-se um congresso anti-fascista, patrocinado pela URSS. Uma delegação, chefiada pelo secretário da União de Escritores, Aleksandr Scherbakov, iria participar dos trabalhos. No congresso estariam presentes figuras como Heinrich Mann,³⁵ Berthold Brecht,³⁶ André Malraux, André Gide³⁷ e outros. Como na delegação soviética não foram incluídos nem Bábel nem Pasternak, Gide e Malraux exigiram a sua presença. Após uma discussão no Politburo, sua ida a Paris foi aprovada.



B. Brecht



A. Gide

³³ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 151.

³⁴ **S. Kírov** (Сергей Миронович Киров) (1886-1934) – 1º Secretário do PC em Leningrado e Membro do Politburo.

³⁵ **Heinrich Mann** – escritor alemão (1871-1950).

³⁶ **Berthold Brecht** – dramaturgo e poeta alemão (1898-1956).

³⁷ **André Gide** – escritor francês (1869-1951).

Desse modo, Bábel pôde visitar, de modo inesperado, sua família parisiense. Após o término do congresso, quando a maioria dos delegados regressou, ele permaneceu com sua mulher e filha, apesar de sinais intimidadores vindos do Kremlin e do fato de viver em Moscou com Antonina.

Mas Bábel não quis ficar para sempre. “Sou um escritor russo. Se não ficar perto do povo russo, deixarei de ser escritor. Serei um peixe fora d’água”.³⁸ Ele não tornará a ver a família.

Após o seu retorno, Bábel, junto com Antonina, visitará kolkhozes na Ucrânia, onde o secretário do CC do partido, Pavel Postichev, põe à sua disposição dois carros e um fotógrafo.

Aproveita para passar dois meses em Odessa, onde viveu “como um lorde”, de acordo com sua própria expressão.³⁹

Em 18 de junho de 1936, após um período de doença, falece Górkí, uma grande perda para Bábel, que o considerava seu mestre e protetor.

As suas ligações com os órgãos de segurança são reforçadas quando conhece Nikolai Iejóv,⁴⁰ nomeado comissário do povo para assuntos internos (NKVD) em setembro de 1936. Ele era o terceiro marido de Evguênia Solomónovna, com a qual Bábel ainda mantinha contato e cuja casa freqüentava.⁴¹

Os braços da repressão começavam a alcançar alguns de seus amigos e conhecidos influentes, mais críticos em relação a Stálin. Era apenas uma questão de tempo para chegarem a Bábel.



M. Górkí



N. Iejóv

³⁸ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 146.

³⁹ Carta de Bábel à irmã (19-9-1936).

⁴⁰ **N. Iejóv** (Николай Иванович Ежов) (1895-1940) dirigente do NKVD (que incluía a policia política).

⁴¹ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 160.

Ele chegou a dizer, gracejando, que “sentia-se constrangido” por não sido preso ainda, constituindo uma exceção.⁴²

Para “mostrar serviço”, a propósito de um dos processos em curso, Bábel publica em “Literatúrnaia Gazeta” de 26/01/1937, um artigo, em que enaltece a ação do partido, que promove “uma sociedade de pessoas livres e felizes”, e ataca os acusados que tinham objetivo oposto, ou seja, “o assassinio de trabalhadores e a venda do país ao fascismo”. O artigo foi reproduzido na revista francesa “Commune”. A explicação para o artigo só pode ser uma: Bábel não via outra alternativa.⁴³



Bábel com a filha Lida

“Hoje em dia, só se pode falar francamente, apenas com a nossa mulher, à noite, sob as cobertas”, disse Bábel a Iliá Erenburg.

Em 18 de janeiro de 1937, nasceu Lida, sua filha com Antonina.

No começo de 1939, ele começa a acalentar a esperança de que a onda dos expurgos teria passado sem atingi-lo. Os “corvos negros” do NKVD não apareciam com tanta frequência.

Mas não era bem assim, em novembro de 1938 Evguênia Solomonóvna havia se suicidado e o seu marido, Iejóv, seria preso em abril de 1939.⁴⁴ Bábel estava só.

Aconteceu o que era previsível.⁴⁵ Às 5 horas da manhã, do dia 15 de maio de 1939, de um carro negro que estacionou na frente da residência moscovita de Bábel, desceram quatro homens à paisana e um, uniformizado. Afastando a empregada que abrira a porta, subiram pela escada e bateram na porta do quarto de Antonina. Perguntaram por Bábel. Ele não estava. Nesse dia ele havia ficado na casa de campo em Peredélkino, a 40 quilômetros de Moscou.

⁴² R. Krumm – Biografia de Bábel, pgs. 155 e 156.

⁴³ *Idem Ibidem*

⁴⁴ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 167.

⁴⁵ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 168.

Os agentes reviraram a casa de alto a baixo e, uma vez convencidos de que ele não estava, passaram a recolher todo o material, guardado em gavetas e caixas: pastas de manuscritos, correspondência e arquivos.

Dos livros arrancavam as páginas de rosto com dedicatórias. Após três horas dessa atividade, levaram todo o material encontrado e partiram para Peredélkino, levando Antonina com eles.

Chegados lá, deram voz de prisão a Bábel e, de novo, procederam a uma revista que rendeu mais pastas e manuscritos.

Durante a volta a Moscou, Bábel pediu a Antonina que entrasse em contato com André Malraux e lhe relatasse o sucedido. Achava, provavelmente, que um estrangeiro com reputação mundial seria o único que poderia ajudá-lo.

O carro levou-os até à prisão da Lubianka, na praça Dzerjinski, e Bábel despediu-se de Antonina – “Algum dia, nos veremos...”

Nesse mesmo dia ele foi levado à prisão de Sukhánovsk, um antigo mosteiro a duas horas de carro de Moscou. Ali estava a mais temida prisão do NKVD, equipada com forno crematório para dar conta dos cadáveres ali produzidos.

Bábel ficou nessa prisão 257 dias, recebendo tratamento padrão, para arrancar dele todas as confissões possíveis. Os interrogadores do NKVD eram especialistas. Um deles se gabava de que poderia arrancar até de Karl Marx a confissão de que ele era um agente de Bismark. No fim Bábel reconheceu todos os seus crimes: traição à pátria, terrorismo, espionagem. Além disso forneceu, em seus depoimentos, dados que implicavam muitas pessoas de seu relacionamento.

Em 21 de janeiro de 1940, o tribunal pronunciou a sua condenação e na madrugada de 27 de janeiro de 1940 ele foi fuzilado com outros 16 prisioneiros.



I. Bábel numa foto do NKVD

A família de Bábel não recebeu nenhuma comunicação a respeito de sua morte.

No fim da II Guerra Mundial, Iliá Erenburg, a pedido de Pirojkova, tentou convencer Jênia Gronfain a divorciar-se de Bábel, mas ela recusou. Não podia nem pensar em divorciar-se do marido, mesmo não sabendo de seu destino. Abatida e amargurada por todos esses acontecimentos, ela morreu em 1957.

Só após a morte de Stálin, em 1953, é que Antonina soube do destino de Bábel. Em 1954 o tribunal revogou a sua condenação por falta de provas.

Um fato curioso relatado por Pirojkova em suas memórias: ao contrário de famílias de outros presos e condenados, nem ela nem sua filha sofreram sanções da parte do NKVD. Pirojkova, que era chefe de um departamento de projetos do Metrô de Moscou, continuou trabalhando normalmente. Quando foi assediada pelos editores que haviam feito adiantamentos a Bábel e queriam que ela devolvesse o dinheiro, foi o 1º Departamento do NKVD que providenciou para que ela não fosse mais incomodada.

Quando, no decorrer do processo de reabilitação de Bábel, o investigador da procuradoria Dovjenko soube que ela continuara trabalhando num cargo de tanta responsabilidade, ficou muito surpreso, observando que isso era muito incomum.⁴⁶



Placa memorial em Odessa

⁴⁶ A. Pirojkova in *“Lembranças de Bábel”* – Knijnaia Palata, Moscou, 1989.

ISAAK BÁBEL - AUTOBIOGRAFIA

Escrita em 1924



Nasci em 1894 em Odessa, na Moldavanka, filho de um comerciante judeu. Por insistência de meu pai, estudei até os 16 anos a língua hebraica, a Bíblia e o Talmude. Em casa era difícil viver, porque de manhã à noite me obrigavam a estudar inúmeras ciências. Descansava na escola. Ela se chamava Escola Comercial de Odessa “Imperador Nicolau I”. Era uma escola alegre, ruidosa, barulhenta e multilíngue. Lá estudavam filhos de comerciantes estrangeiros, de corretores judeus, de poloneses de origem nobre, velhos crentes e muitos rapagões jogadores de bilhar. Nos intervalos saíamos, às vezes, para o cais do porto ou para os cafés gregos, a jogar bilhar, ou para a Moldavanka, a beber nas adegas o vinho barato da Bessarábia. A melhor das matérias era francês. O professor era bretão e possuía dons literários, como todos os franceses. Ele me ensinou a sua língua, e eu decorei com ele os clássicos franceses, entrei em estreito contato com a colônia francesa em Odessa e aos, 15 anos, comecei a escrever contos em francês. Escrevi-os durante dois anos, mas depois parei. Os *paysans* e quaisquer pensamentos de autor saíam-me apagados, sómente o diálogo me saía bem.

Depois, terminada a escola, mandaram-me para Kiev e em 1915 fui parar em Petersburgo. Lá me vi terrivelmente mal, não tinha “direito de permanência” e evitava a polícia abrigando-me em porões da rua Púchkin, em casa de um garçom bêbado e decrepito. Então, em 1915, comecei a levar os meus escritos às redações, mas em toda parte

me enxotavam, os redatores (o falecido Ismáilov, Possé e outros) tentavam convencer-me a trabalhar em uma loja como vendedor, mas não os escutei e no fim de 1916 encontrei Górkí. E assim, eu devo tudo a esse encontro e até hoje profiro o nome de Aleksiéi Maksímovitch com amor e veneração. Górkí publicou meus primeiros contos no número de novembro da Liétopis, em 1916. (Fui chamado à responsabilidade penal por causa desses contos pelo artigo 1001 do código). Ele me ensinou coisas extremamente importantes, e depois, quando ficou claro que duas ou três experiências juvenis suportáveis haviam sido simplesmente um êxito casual, que com a literatura eu não estava conseguindo nada e que eu escrevia surpreendentemente mal, Aleksiéi Maksímovitch mandou-me “para o mundo”.

E eu, durante sete anos, de 1917 a 1924, fui para o mundo. Nessa época fui soldado na frente romena, depois servi na Tcheká, no Narkompros, nas expedições de abastecimento de 1918, no exército do Norte, contra Iudiénitch, no Primeiro Exército de Cavalaria, no Comitê Provincial de Odessa, fui expedidor na Sétima Tipografia Soviética em Odessa, fui repórter em Petersburgo e Tbilíssi, etc. E somente em 1923 consegui expressar meu pensamento de um modo claro e não muito extenso. Então eu novamente me pus a escrever.

Por isso eu dato o início do meu trabalho literário ao começo do ano de 1924, quando no 4º livro da revista “Lef” apareceram os meus contos “O sal”, “A carta”, “A morte de Dolguchóv”, “O rei” e outros.

(Tradução de Paulo Dal-Ri Peres)



ANEXO 2

CRONOLOGIA

- 1894** Isaak Bábel nasce em Odessa em 30 de Junho.
- 1895** A família Bábel muda-se para a cidade de Nikoláev.
- 1899** Nasce sua irmã Mary em 16 de Julho.
- 1905** O imperador Nicolau II instaura a monarquia constitucional.
- 1906** A família volta para Odessa.
- 1911** Ingressa no Instituto de Finanças e Negócios de Kiev.
- 1912** Primeira publicação – o conto “Velho Chloime”.
- 1914** Início da Primeira Guerra Mundial.
- 1916** Após a graduação, vai para Petrogrado, onde conhece Górkí e publica alguns contos no periódico “Liétopis”.
- 1917** Ocorrem as revoluções de fevereiro e outubro. Começa a trabalhar na Tcheká.
- 1918** Serve nos destacamentos de requisições de víveres.
- 1919** Casa-se com Evguênia Gronfein, em 9 de Agosto.
- 1920** Com o nome de Kiril Líutov vai servir como correspondente de guerra na guerra russo-polonesa , junto ao Primeiro Exército de Cavalaria .
- 1921** Termina a Guerra Civil. Começa a época do NEP (Nova Política Econômica).
- 1923** Começa a publicar em Odessa “Os contos de Odessa”.
- 1924** Começa a publicar em Moscou os contos de “Konármia” e “Os contos de Odessa”.
- Em 21 de Janeiro morre Lênin.

- 1925** Sua mulher, Evguênia, emigra para Paris.
- 1926** “Konármia” é publicado em forma de livro.
Sua mãe e irmã emigram para Bruxelas.
Nasce seu filho com Tamara Kachírina , Mikhail.
Faz sua primeira viagem a Paris.
Em agosto conclui a peça “O Crepúsculo”.
- 1928** Stálin termina com a NEP.
- 1927** Trótski é exilado da União Soviética.
- 1929** Em 17 de Julho, em Paris, nasce sua filha Natália.
- 1931** Acompanha a coletivização da agricultura na Ucrânia.
- 1932** Conhece Antonina Pirojkova.
Viaja para a França para ver a família.
- 1933** Viaja pela região do Donbass.
- 1934** Participa do Congresso dos Escritores em Moscou (fevereiro).
Junto com a mulher e filha visita a mãe em Bruxelas.
De volta a Moscou passa a viver com Antonina.
- 1935** Maksim Górkí morre em 18 de Junho.
Participa do Congresso Anti-Fascista em Paris.
Como figura importante na União de Escritores recebe uma datcha (casa de campo) em Peredélkino.
Em julho começa a guerra civil na Espanha.
Em setembro Nikolai Iejóv (marido de Evguênia Khaiútina) substitui Genrikh Iagóda como chefe do NKVD.
- 1937** 18 de Janeiro, nasce Lida, sua filha com Antonina Pirojkova.

- 1938** Iejóv é substituído por Béria na chefia do NKVD.
- 1939** Iejóv é preso faz acusações contra Bábel (abril).
Em 15 de maio, Bábel é preso, acusado de espionagem.
- 1940** Bábel é fuzilado em 27 de Janeiro.
- 1941** Em 21 de Junho, a Alemanha ataca a União Soviética.
- 1953** Stálin morre em 5 de Março.
- 1954** Bábel é reabilitado.

BÁBEL – UM ESCRITOR

A primeira obra de Bábel, de que temos conhecimento, foi publicada em fevereiro de 1913 na revista “Ogni” de Kiev. O conto denominava-se “O velho Chlóime” e era assinado por “I.Bábel”, (naquele tempo a revista “Ogni” era confiscada pela polícia e o seu editor, O.P.Prokhasko, era preso). Até hoje não foi encontrado nenhum escrito de Bábel anterior a ele. Assim, “O velho Chlóime” (1913), “A infância com a avó”, “Três horas da tarde” (1915) formam o conjunto das primeiras obras de seus anos de estudante em Kiev.

Na edição de novembro de 1916 da “Liétopis”, a revista literária editada por M. Górkí, aparecem dois de seus contos: “Iliá Isaakovitch e Margarita Prokófievna” e “Mama, Rimma e Alla”.

Os escritos de Bábel no “Jurnal Journálov” saíram sob a rubrica “Minhas folhas”. Os dois primeiros, “Biblioteca pública” e “Nové”, foram publicados na segunda metade de novembro de 1916. O terceiro, “Odessa”, foi publicado em meados de dezembro de 1916. Todos eles, na seção “Conteúdo” e na capa da revista anunciados como “Bab-El – Minhas Folhas”.¹

As obras de Bábel, também, foram notadas pelas autoridades, não exatamente por seu valor literário. Em março de 1917 elas queriam enquadrá-lo no artigo 1001, que proibia a pornografia. Ele escapou disso, graças à confusão reinante pelo fato de a revolução estar em andamento.

Nessas primeiras obras, já aparecia seu talento de escrever com concisão e hábil escolha de palavras. Foi o que encantou Górkí, que até o fim de sua vida deu apoio a Bábel.

Mas Górkí notou que lhe faltava a vivência para abordar certos temas e lhe deu o famoso conselho de “идти в люди” ou seja “ir ao mundo”.²

Foi o que ele fez.

* * *

Em julho de 1918, em Odessa, Bábel, então agente especial da Tcheká, sob a identidade de um escritor, hospeda-se no centro de Moldavanka. As informações que ele colheu como agente sobre os bandidos e assaltantes serviram, mais tarde, também, como base para a redação dos “Contos de Odessa”.³

Enquanto trabalha para a Tcheká, escreve alguns contos. No jornal “Era” (16.6.1918) publica “Na Estação” e na revista “Jizn Iskusstva” (13.11.1918) “Um con-

¹ Spektrov, U. – Vopróssi Literatúri, (7) 1982.

² “É evidente, meu senhor, que você, ao certo, não sabe de nada, mas intui muito... Portanto vá para o mundo...”

“С очевидностью выяснено, что ничего вы, сударь, толком не знаете, но догадываетесь о многом... Ступайте посему в люди...”

(Citado em seu conto “O começo”.)

³ Aleksandr Sibirtsev (09.07.2008).

<http://www.segodnya.ua/news/10038423.html>

certo em Katerinstadt”, com base no qual será escrito o conto “Ivan e Maria” que relata sua participação nas expedições de requisição de alimentos aos camponeses.

No fim do verão de 1919 volta para sua Odessa, casa-se com Jênia Gronfain, mas não permanece muito por lá. Regressa a Petrogrado, na época, assediado pelo exército branco. Bábel não escreve nada a respeito.

No fim de 1919, de novo em Odessa, consegue um emprego na Agência Telegráfica Russa (ROSTA). No início de 1920 publica, na revista político-literária “Lava”, um conjunto de quatro contos do ciclo “No campo de honra”, inspirados na obra de Gaston Vidal⁴ sobre a 1ª Guerra Mundial.

Na primavera de 1920, com as credenciais de correspondente de guerra em nome de Kirill Líutov, é enviado para acompanhar o Primeiro Exército de Cavalaria em ação na Ucrânia. O fato de usar outro nome era explicado como uma precaução necessária para proteger alguém com um nome judaico entre os combatentes cossacos, anti-semitas.⁵

Adido ao Serviço Político do Estado-Maior da 6ª Divisão de Cavalaria, comandada por Simion Timochenko, envia correspondências para a ROSTA e colabora no jornal do exército, “O Cavalariano Vermelho”.

No decorrer da campanha, entre maio e novembro de 1920, reúne material que servirá para escrever os contos de “Konármia”.

* * *

“Konármia”, a obra mais conhecida e mais traduzida de Bábel, foi concebida em forma de contos autônomos, mas que, justapostos, formam uma obra integrada.

Tais contos, escritos a partir de 1923, reunidos e colocados numa certa ordem, foram editados num volume publicado em 1926.

O assunto é a guerra russo-polonesa de 1920. O autor acompanha a 6ª Divisão de Cavalaria do 1º Exército de Cavalaria, e vai descrever isso em sua obra.

Ele escreve duas obras. A primeira – clandestina, um diário, que desaparece e só será publicado em 1990, 50 anos depois de sua morte. A segunda, “Konármia”, é uma obra de ficção que tem as suas raízes na primeira.

Baseada no “Diário” e, de certo modo, conduzida por ele, “Konármia” toma forma de uma narrativa contínua.

O “Diário”, escrito sobre o joelho, entre avanços, retiradas e combates do exército, é uma obra em estilo telegráfico que descreve cruamente os acontecimentos presenciados pelo autor. O texto é cheio de lembretes: “descrever isto”, “contar aquilo”, “escrever a biografia de ...”. Não pretendia ser uma obra literária e sim um documento histórico. É um texto sem qualquer acabamento, pois não havia tempo para tanto, mas, curiosamente, de leitura empolgante.

Já “Konármia” é uma obra elaborada com todo o cuidado. Na passagem do “Diário” para “Konármia”, os fatos são iluminados de maneira diferente, as passagens mais duras são atenuadas, e os nomes de alguns personagens são mudados.

É interessante observar, na comparação das duas obras, como o autor manipula o material e o transforma de uma prosa comum em prosa estilizada.

Em tudo o que escreveu, em todas as suas falas, lembradas por seus contemporâneos, há sempre uma ligação imediata entre o que se escreve e o que se vive.

⁴ G. Vidal – “*Figures et anecdotes de la Grande Guerre*” – Gallimard, Paris, 1918.

⁵ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 50.

Todavia, isso não exclui, é claro, uma boa dose de mistificação e fantasia. Já ficou demonstrado, à saciedade, que não se trata de um realismo fotográfico. Bábel não apenas duplica o real. Sua visada sublinha determinados aspectos; temos mais propriamente uma tomada de cena expressionista. Na verdade, há uma precisão minimalista de cortes abruptos.

No conto “Guy de Maupassant”, Babel revela o seu segredo do “bom estilo”:

“Nenhum ferro pode atravessar o coração humano tão friamente como um ponto final colocado no momento exato”.

(“Никакое железо не может войти в человеческое сердце так леденяще, как точка, поставленная вовремя.”)

Paustóvski diz que se Bábel escrevesse um livro de regras para escritores, a primeira regra seria: “Mais pontos finais”.

Bábel confirma: “escrevo frases curtas, talvez por causa da minha asma crônica; não consigo falar longamente, não tenho fôlego para tanto”.⁶

Um dos métodos estilísticos de Bábel era o jogo de palavras.

Vamos examinar um caso:

As expressões russas “*делать собственными руками*” (fazer com as próprias mãos) e “*видеть собственным глазами*” (ver com os próprios olhos) têm perfeita correspondência em português.

Mas neste caso, a primeira expressão “com as próprias mãos” tem uma forma sintética – “*собственноручно*” que a segunda não tem e que Bábel usa cinesteticamente.

Assim, quando Bábel, deliberadamente, as confunde na expressão “*видеть собственноручно*” (ver com as próprias mãos) seu sentido poderia ser traduzido, mas perder-se-ia o sabor do “*но*” que ele deu na língua, pois não há perfeita correspondência em português.⁷

Seu processo de elaboração de contos era trabalhoso e demorado.

Bábel era um perfeccionista. Nunca aceitava a primeira redação. Escrevia e reescrevia. Um de seus contos (“O Rei”) chegou a ter mais de 200 versões.

Burilava, lapidava, polia cada palavra.

Era um artesão.

Afirmava que trabalhava como um galé, nos trabalhos forçados.

Os foneticistas, provavelmente, poderiam deduzir a fórmula musical da frase babeliana. Ela é idealmente armada e ajustada à respiração humana e ao batimento cardíaco. Sua enunciação proporciona euforia fisiológica. Não é à toa que o autor andava, por horas, enfileirando uma palavra com outra.⁸

“Constata-se assim que ele fazia geralmente uma primeira anotação, que no caso dos contos da Guerra Civil é rápida, incisiva, de ritmo às vezes alucinante, mas sem dúvida, muito bela. Infelizmente, ele conseguiu conservar apenas um desses cadernos [trata-se do que restou do Diário de 1920], mas é o suficiente para nos ajudar a compreender o seu processo de elaboração. Depois da primeira anotação, escrevia um rascunho de conto, que depois ia refundindo e polindo, sempre com o propósito de dar o máximo num mínimo de palavras.”⁹

⁶ Konstantin Paustóvski – “*Vremia bolchikh ojidáni*” Moscou, 1960.

⁷ No conto “*O sal*”.

⁸ S. Gandlevski - *Známia* (9) 2009.

⁹ Boris Schnaiderman em Apêndice a “O Exército de Cavalaria”.

“O fato de só treze das 36 histórias que constituem *O Exército de Cavalaria* terem uma ligação direta com os episódios descritos no *Diário* é justificado pela perda de 54 páginas deste: nem o próprio Bábel (que usa o alter-ego de Kirill Vassílievitch Liútov) sabia onde as poderia ter guardado, e as condições em que o *Diário* foi escrito, muitas vezes, eram as piores possíveis. De qualquer maneira, o *Diário* é muito mais do que um conjunto de simples anotações: é outra obra literária, extremante viva e empolgante.”¹⁰

Em “Konármia”, Liútov, alter-ego de Bábel, aparece ora como autor, ora como personagem.

Quando diz que é formado em Direito pela Universidade de Petrogrado, é personagem, pois Bábel nunca frequentou essa universidade.

Apesar de tratar do mesmo assunto, são obras distintas. No “Diário” são registrados fatos sem qualquer fantasia. Os lugares e os personagens são autênticos e a linha do tempo é a real.

Em “Konármia” os contos não são escritos nem arrumados em ordem cronológica. Os nomes dos personagens, com algumas exceções, são trocados.

Os traços psicológicos dos personagens não apresentam a descrição minuciosa e exaustiva dos escritores do século XIX. Tudo é brusco, imediato, violento, preciso.

Os contos servem-se de acontecimentos, personagens e diálogos do “Diário”, mas sem nenhum compromisso com o seu relato original; eles são inseridos, às vezes, de forma integral, dentro de argumentos ficcionais.

O que é comum às duas obras é a ambiência e o tom da época e a crueldade da guerra.

Vamos comparar dois episódios, como exemplo:

No conto “Uma carta”, o menino Vassíli Kurdiakov escreve uma carta à mãe, na qual pede que lhe mande alguma comida e conta de seus irmãos que lutam, como ele, ao lado dos vermelhos.

Um deles, Fiódor, aprisionado, foi morto pelo próprio pai, comandante de um destacamento branco. Ele torturou o filho até à morte.

Algum tempo depois, o pai cai nas mãos do outro filho, Stepán, que mandando embora o irmãozinho, por sua vez, dá cabo do pai.

No “Diário” do dia 9.8.1920, lê-se, que

Stepán, um policial sob o governo branco, maltratou e torturou gente de sua aldeia. Quando volta para casa, Lióvka, seu vizinho, um cossaco vermelho, o prende e o tortura até à morte.

Agora vamos comparar os respectivos trechos:

DIÁRIO 9.8.20

.....
A conversa foi épica: É bom para você, Stepán?” “É ruim”. “E para aqueles que você maltratava estava bom?” “Não estava”. “E você pensou que estaria mal para você?” “Não, não pensei”. “Mas deveria ter pensado, Stepán, pois nós pensamos que, se vocês nos pegassem, cortariam a nossa garganta,...., então, agora, Stepán, vamos matá-lo.”
.....

¹⁰ Apresentação por Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade em “*O Exército de Cavalaria*”.

UMA CARTA de “Konármia”

.....

E Sienka perguntou a Timoféi Rodiónovitch:

- É bom para o senhor, pai, estar em minhas mãos?

- Não – respondeu o pai – é muito ruim.

Daí, Sienka perguntou:

- Fédia estava bem em suas mãos, quando senhor o matou?

- Não – disse o pai – Fédia estava mal.

Daí, Sienka perguntou:

- E o senhor pensava, pai, que também ia estar mal?

- Não, disse o pai – eu não pensava que ia estar mal.

Daí, Sienka virou-se para o povo e falou:

- Pois acho que se eu cair nas suas mãos, não haverá clemência para mim. E agora, pai, nós vamos acabar com o senhor.

Ref. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade em
“O Exército de Cavalaria”.

.....

A história entre o pai e os filhos, de “Konármia”, apesar de não registrada no “Diário”, é um fato plausível. Na Guerra Civil, era frequente haver membros da mesma família em campos opostos.

Desse modo, vemos que Bábel usa situações reais em suas obras. O que as diferencia é o elaboração.

Esta é a relação dos contos de “Konármia” com raízes nas respectivas datas do “Diário”:

Uma carta – 9.8.1920

O chefe da remonta – 13.7 e 16.7.1920

Guedáli – 3.6.1920

O caminho de Bródi – 3.8.1920

Teoria da tatchanka – 14.7.1920

A morte de Dolguchov – 14.7 e 1.8.1920

O combrig da Segunda – 19.7 e 3.8.1920

Biografia de Matviéi Rodiónovitch Pavlitchenko – 4.8.1920

Prichtchepa – 24.7.1920

Berestietchko – 7.8.1920

Afônka Bida – 1.8.1920

Na igreja de São Valentim – 7.8.1920

A viúva – 9.8.1920

* * *

A experiência de Bábel, como autor, na guerra russo-polonesa, pode ser observada em quatro níveis:

Primeiro – os artigos no jornal de campanha “O Cavalariano Vermelho” – são clichês vazados na fraseologia daqueles tempos, imitando a fala popular, destinados à propaganda.

Segundo – no “Diário” – em que Bábel aparece como um observador, horrorizado e, às vezes, indignado cronista da violência.

Terceiro – no rascunho de “Konármia” (segundo S. Gandlévski) – ele anota reparos para si mesmo, enquanto autor, tais como “Sem divagações – escolhas cuidadosas de palavras”, “Mais simples, apresentação factual, sem descrições desnecessárias”, “Forma de episódios – meia página”.

Quarto – no próprio “Konármia” – em que Bábel elabora a experiência vivida pelo prisma de sua arte. O autor confere uma simplicidade bárbara à narrativa, reduz ao mínimo a avaliação moral do ocorrido, transferindo, de modo calculado, tal preocupação ao leitor.¹¹

* * *

Vários autores, incluindo Krumm,¹² insistem em que o fim de Bábel se deve a uma vingança de Stálin pelo que ele escreveu em “Konármia”.

Vamos discutir tal alegação.

Em primeiro lugar: se Stálin quisesse vingar-se de alguém, por algum motivo, não usaria de consideração por ninguém, em seu proceder e, no caso de Bábel, não esperaria, mais de dez anos, até 1940. Em segundo lugar, vamos nos reportar ao pronunciamento de Stálin no 8º Congresso do Partido Comunista Russo em 1919. Na época, Stálin acumulava, aos outros, o cargo de Comissário do Povo para Assuntos das Nacionalidades.

“As unidades cossacas, que se consideram soviéticas, não podem, nem querem travar uma luta decisiva com a contra-revolução cossaca... elas transformaram-se numa base da contra-revolução... Quem mais poderia ser um abrigo da contra-revolução de Denikin e Koltchak senão o imemorial instituto do imperialismo russo, os cossacos, que gozam de privilégios, organizados numa casta militar, e que de longa data exploram os povos não russos nas fronteiras?”¹³

Numa carta a Lênin, datada de 4.8.1918, Stálin já dizia, praticamente, a mesma coisa:

...as unidades cossacas, que se consideram soviéticas, não podem e nem querem conduzir uma luta decisiva com a contra-revolução cossaca; regimentos completos passavam para o lado de Mirónov¹⁴ para depois de receber armamento e conhecer in loco a situação de nossas tropas, levar para o lado de Krasnov¹⁵ regimentos inteiros; Mirónov

¹¹ S. Gandlévski - Známia (9) 2009.

¹² R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 133.

¹³ Stálin, I. – “Obras” vol. 4, pgs. 124, 285-287. Gosudarstvenoe Izd. Politítcheskoi Literaturi, Moscou, 1947

¹⁴ Mirónov, F. (Филипп Кузьмич Мирóнов) (1872-1921) - cossaco, comandante do 2º Exército de Cavalaria.

¹⁵ Krasnóv, P. (Пётр Николаевич Краснóв) (1869 - 1947) - general branco, comandante do Exército Cossaco de Don.

*foi cercado três vezes, pois eles conheciam todos os detalhes de sua disposição, e naturalmente, o derrotaram fragorosamente.*¹⁶

Portanto, o objetivo de Stálin que se depreende aqui, era a chamada “descossaqueização” (рассказачивание), ou seja, a eliminação dos cossacos como uma casta militar privilegiada. Para isso, haviam sido tomadas medidas que eliminavam as elites cossacas tanto políticas como econômicas.

Esse pronunciamento é anterior à concepção e a publicação de “Konármia” de Bábel.

O que relata Bábel em sua obra mais importante?

Ele descreve a guerra russo-polonesa e realça o papel dos cossacos em sua condução desumana.

No front, Bábel encontra os cossacos, imemorial exército irregular. Durante o regime tsarista os cossacos gozavam de um status privilegiado de classe social distinta, composta de camponeses livres, donos de suas próprias terras e que tinham um compromisso de serviço militar, sempre que convocados pelo Estado.

Conforme os estatutos estabelecidos por Pedro, o Grande, e desenvolvidos por seus sucessores, que premiavam o mérito, os cossacos que se sobressaíam no serviço militar e atingiam o oficialato e até o generalato passavam para classe social dos nobres (дворянство). Mas permaneciam cossacos que desprezavam os mujiques.

Um cossaco, quando convocado, devia apresentar-se uniformizado, armado e com o seu próprio cavalo. Durante uma campanha, caso perdesse o cavalo, o cossaco deveria obter outro por conta própria. Isso era feito tomando o cavalo do inimigo ou dos habitantes dos territórios onde se encontrava. Assim, a tomada de bens dos outros, ou seja, o saque, era comum entre os cossacos em campanha.

Os cossacos eram exímios cavaleiros, pois, desde a infância, eram treinados para a guerra. Desse modo as tropas cossacas eram predominantemente de cavalaria.

A organização militar dos cossacos obedecia a um padrão regional. As unidades eram compostas de parentes e vizinhos, o que estimulava a camaradagem fraternal e a solidariedade entre eles.

Habitados à guerra, o seu sentido de vida e medo da morte eram embotados; os cossacos davam vazão ao seu cansaço, sua anarquia e empáfia. Sangue frio em relação à morte, sua ou dos outros e desprezo pela dignidade de outras pessoas eram suas características.

Para eles a violência era natural.

De certo modo, para os bolcheviques, eles eram muito mais perigosos do que os aristocratas e assim precisavam ser eliminados.

Desse modo, Bábel, ao descrever em “Konármia” os cossacos como assassinos, saqueadores, violentadores cruéis e indisciplinados, por assim dizer, levava água ao moinho de Stálin, do mesmo modo, que o faz M.Chólokhov na questão dos cossacos, em “O Silencioso Don” (Prêmio Nobel de Literatura de 1965). Essas duas obras, ainda que não representando o que viria a ser chamado “realismo socialista”, sempre tiveram apoio de Stálin para sua publicação.¹⁷

¹⁶ *Idem Ibidem* ref. 13.

¹⁷ Sicher E. – “*Style and Structure in the Prose of Isaak Babel*”, pg. 137 - Bibliografia: “Konármia” teve oito edições, além de uma especial.

Alias, Chólokhov escreveu um romance, coisa que Bábel sempre sonhou e nunca conseguiu. Isso não diminui a sua qualidade como escritor, apenas mostra que o romance não era o seu gênero.

O próprio Bábel disse a G. Márkov: “Você sabe que eu não escrevi romances. Mas dir-lhe-ei francamente: o meu maior desejo nesta vida é escrever um romance. E já comecei várias vezes. Infelizmente, não sai nada. Fica resumido... Isso se deve à minha constituição psíquica, ao feitio de minha alma”.¹⁸

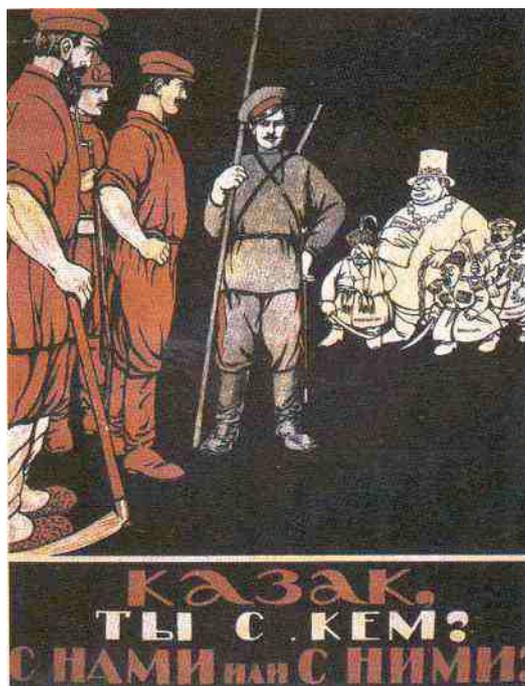
Budiónni, apesar de ter nascido na província de Don, não era cossaco, era um “inogoródni” (forasteiro) e como tal não tinha direito aos privilégios concedidos aos cossacos.

No exército de Budiónni, tanto os comandantes como os comissários eram, predominantemente, não cossacos. Por exemplo, na 6ª Divisão de Cavalaria, Timochenko era mujique, enquanto que Apanasenko era cossaco do Kuban, um ataman!¹⁹

É interessante notar que apesar de os sobrenomes dos dois serem tipicamente ucranianos, eles pertenciam a classes sociais distintas. Assim a cavalaria não era exatamente de “operários e camponeses” como se canta²⁰ e, sim, composta essencialmente de cossacos.

Quando Budiónni reclama que o Primeiro Exército de Cavalaria foi caluniado por Bábel, fá-lo na condição de seu comandante e não em defesa dos cossacos. Stálin, simplesmente, não lhe dá atenção.

Portanto, vemos que Stálin não tinha nenhum motivo para se vingar de Bábel por causa de sua coletânea. Muito pelo contrário.



Cossaco, estás com quem? Conosco ou com eles?

* * *

¹⁸ Markov, G. – “Vida. Literatura. Escritor”, Soviétski Pissátel, Moscou, 1971.

¹⁹ **Ataman** – líder cossaco.

²⁰ Um exemplo é a canção “Cavalaria de Budiónni” de Asséev e Davidenko (ver em “O Exército Vermelho em Canções”, Vol. 2, pg.6 da dissertação de mestrado de H. Malarenko – FFLCH/USP, 2008).

No outono de 1920, esgotado, cheio de piolhos, sufocando por causa da asma, Bábel, após a campanha polonesa, voltou a Odessa.

Os contos publicados nos periódicos durante os anos 1923 e 1924, foram reunidos no livro “Konármia”.

O êxito foi imediato. Nos dez anos que se seguiram, o livro foi reeditado dez vezes e traduzido para algumas línguas européias.

Quase ao mesmo tempo foram publicados “Os contos de Odessa”, (“O rei”, “Como se fazia em Odessa”, “Pai” e “Liubka Kasak”), baseados nas lendas urbanas semi-folclóricas, em que seus personagens são os fora da lei judeus da Moldavanka, atuando em façanhas operísticas. O tom é de alegria grotesca.



Bábel com os seus heróis (A.M. Nurenberg)

Para um escritor que iniciou com uma brilhante estréia, há um sério perigo à espreita: é difícil manter o alto nível inicial, ainda que sendo muito talentoso.

É nessa situação que se encontrou Bábel após o êxito de “Contos de Odessa” e “Konármia”.

Ainda em 1925 inicia a publicação de um novo ciclo de contos com o título de “A história do meu pombal”, sobre um menino de Nikolaév. Numa nota ao primeiro conto, assinalava que os contos eram autobiográficos, mas não muito.

Era o seu “trabalho do coração”.

Entendendo que daí para frente teria de escrever de modo diferente, expandindo o diapasão temático e genérico, de acordo com as normas do “realismo socialista”, Bábel, segundo suas próprias palavras, “desapareceu da literatura”²¹.

²¹ Povártsov, S. em Vopróssi Literatúri, (4) 1974.



Em 1927 tenta o teatro com a peça “O crepúsculo”, baseada no conto homônimo do ciclo “Os contos de Odessa”.

É uma peça lúgubre sobre o envelhecimento de um homem e de seus filhos dominados por paixões.

Um de seus projetos era escrever um ciclo de contos dedicados à coletivização da agricultura com o título “Velíkaia Krenitsa”. Só conseguiu publicar o conto “Gápa Gújva” em 1931. Os outros que ele diz ter escrito nunca foram publicados por razões de censura, nem encontrados posteriormente.

Outro de seus projetos seria um romance de umas 300 páginas sobre a industrialização e as mudanças na sociedade soviética após o Primeiro Plano Quinquenal. Segundo notas do próprio autor, o título seria “Kólia Topuz” e o seu herói, um antigo assaltante de Odessa do tipo de Benia Krik, passaria por um processo de adaptação à realidade soviética. Começa trabalhando em um kolkhoz no período da coletivização e depois em uma mina de carvão, no Donbass. Com seu perfil psicológico de marginal, ultrapassava frequentemente os limites de uma vida normal. Tal romance nunca foi publicado, desapareceu.

E, finalmente, um outro romance, que ele dizia estar escrevendo sobre a polícia política soviética (Tcheká), nunca apareceu, de modo algum, por razões óbvias.

* * *

O Primeiro Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, oficializou o realismo socialista como doutrina oficial.

Daí para a frente, os escritores deveriam escrever “para o dia de amanhã à luz do dia de hoje”, e o exército de escritores devia começar a produção literária para o regime.

Segundo Ian Mac Donald: “O realismo socialista seria um tipo de ficção científica, no qual mentir sobre o presente poderia parecer, ao mesmo tempo, necessário e extremamente nobre”.²²

Em 1935 publica a peça “Maria”, na qual a heroína Maria Mukóvnina, filha de um general tsarista, adere à revolução e rompe com o seu meio, deixando o pai e a irmã. Era uma heroína ideal. Bábel, porém, não permite que Maria se desenvolva. Em seu lugar, assume o papel de heroína trágica a sua irmã Ludmila, que no turbilhão da história, no fim, perece.

A peça não se enquadrava, de modo nenhum, nos ditames do realismo socialista e não seria encenada.

* * *

Em suas viagens ao exterior, Bábel teve oportunidade de não retornar à União Soviética. Mas voltava, dizendo que “não podia estar longe do povo russo”, povo, esse, que via ser esmagado e massacrado nas suas viagens durante a coletivização e industrialização, na construção de canais e nas minas de carvão.

Não queria ficar como Búnin e Nabókov, no exterior; devido a seus relacionamentos com pessoas no poder, ele se sentia seguro. Só quando Iejóv foi preso é que ele percebeu que também seria atingido.

De 1936 a 1957 os livros de Bábel não foram publicados na União Soviética.

Com a liberalização crescente, no início dos anos sessenta, Bábel passou a ser lembrado cada vez mais.

No centro dos trabalhos de crítica literária estava a questão do peculiar método artístico do escritor.

Bábel seria um escritor realista ou romântico?

Seguiram-se respostas várias, que dependiam do ponto de vista de cada crítico sobre a natureza e os problemas da criação.

A maioria dos pesquisadores russos tendia a considera-lo um representante do romantismo, pois a agressividade da forma lacônica de Babel, a energia do estilo e a agudeza dos conflitos dentro da narrativa, não poderiam, ao que parece, corresponder aos cânones da prosa realista, segundo eles.

Ou seja, tudo o que era incomum e que não se enquadrava nos moldes dos estereótipos estabelecidos, era automaticamente creditado ao âmbito do romantismo.

Segundo S. Povártsov, prefaciador da edição russa do “Diário”,²³ uma escritora teria dito: “Pelos métodos de representação Bábel é realista, mas o seu realismo não pode ser socialista...”

Na literatura russa, no século XIX, era honroso ser considerado realista e na era soviética, o aceito era ser realista socialista. Como a atribuição de “realismo crítico” à obra de Bábel seria problemática, era melhor classificá-lo como romântico ou naturalista romântico.²⁴

²² Citado por Lauro Machado Coelho em “Poesia Soviética” - S. Paulo: Argol, 2007 (Introdução).

²³ Conforme a pg. 113 do presente trabalho.

²⁴ S. Povártsov - *Vopróssi Literatúri*, (6) 1991.

ANEXO 3

OBRAS

1913

O VELHO CHLÓIME - Ogni,(9/2) № 6,Kiev.

1915

INFÂNCIA. COM A AVÓ – Ogni (12/11).

TRÊS HORAS DA TARDE – Ogni.

1916

ÉLIA ISAÁKOVITCH E MARGARITA PROKÓFIEVNA – Liétopis, №11, Petrogrado.

MAMA, RIMMA E ALLA – Liétopis, №11.

BIBLIOTECA PÚBLICA – Jurnal Jurnálov, №.48, Petrogrado.

NOVE – Jurnal Jurnálov, № 49.

ODESSA –Jurnal Jurnálov, № 50.

1917

INSPIRAÇÃO – Jurnal Jurnálov, № 7.

PELA JANELA – Jurnal Jurnálov, №16.

1918

CHABÓS NAKHUMU – Vitchérnaia Zvezdá, Petrogrado.

MOSAICO– Novaia Jizn, № 51, Petrogrado.

A INSTITUIÇÃO – Novaia Jizn , № 56.

OS CEGOS – Novaia Jizn, № 66.

EVACUADOS – Novaia Jizn, № 73.

RECÉM-NASCIDOS – Novaia Jizn, № 73.

O PALÁCIO DA MATERNIDADE – Novaia Jizn, № 94.

A TARDE – Novaia Jizn, № 95.

NA ESTAÇÃO – Era(10/6).

CONCERTO EM KRONSTADT – Jizn Iskustva (13/11).

1920

O DESERTOR – Lava, №.1, Odessa.

NO CAMPO DE HONRA – Lava , № 1.

A FAMÍLIA DO PAPAÍ MARESCOTT – Lava, № 1.

QUACKER – Lava, № 1.

O DIA DELA – Krásni Kavalerist, № 235.

OS CAVALEIROS DA CIVILIZAÇÃO – Krásni Kavalerist (14/8)

1921

O REI – Moriák, Odessa.

1922

NA CASA DE REPOUSO – SEM PÁTRIA - KAMO E CHAUMIAN – MADRESSA E A ESCOLA – TABACO – GAGRI – NA TCHAVKA – CORREÇÃO E LIMPEZA – Zariá Vostóka, Tiflis.

TARDE EM CASA DA IMPERATRIZ – Siluéli, № 1, Odessa.

1923

CAMINHANDO – Siluéli, №. 6-7.

FÁBULA PARA UMA MULHER – Siluéli, №.8-9.

BAGRÁT-ÓGLI E OS OLHOS DE SEU TOURO – Siluéli, № 12.

PELA FENDA – Siluéli, № 12.

GRÍCHCHUK – Isvéstia, Odessa.
PAN APOLEK – Isvéstia, (1),Odessa.
UMA CARTA - Isvéstia, (11.2).
A IGREJA DE NOVOGRAD – Isvéstia, (18.2).
TEORIA DA TATCHANKA – Isvéstia, (23.2).
O CIMITÉRIO DE KÓSIN – Isvéstia, (23.2).
A MORTE DE DOLGUCHOV – Isvéstia, (1.5).
COMO ISTO SE FAZIA EM ODESSA – Isvéstia, № 1025.
PRICHCHÉPA – Isvéstia, (17.6).
O CAMINHO DE BRÓDI – Isvétia, (17.6).
A VIÚVA – Isvéstia, (15.7).
SAL – Isvéstia, (23.11).
O CHEFE DA REMONTA – Lef, № 4, Moscou.
O COMANDANTE DA SEGUNDA BRIGADA – Lef, № 4.
A LINHA E A COR – Krásnaia Nov, № 7.

1924

O RABI – Krásnaia Nov №1.
O FILHO DO RABI – Krásnaia Nov, № 1.
SACHKA, O CRISTO – Krásnaia Nov, № 1.
AFONKA BIDA – Krásnaia nov, №1.
MEU PRIMEIRO GANSO – Lef, № 1.
O SOL DA ITÁLIA – Krásnaia Nov, № 3.

HISTÓRIA DE UM CAVALO – Krásnaia Nov, № 3.

KÓNKI – Krásnaia Nov, № 3.

BERESTIETCHKO – Krásnaia Nov, № 3.

JUNTO À IGREJA DE S. VALENTIM – Krásnaia Nov, № 3.

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE UM CAVALO – Krásnaia Nov, № 3.

TCHESNIKI – Krásnaia Nov, № 3.

ZÁMOST – Krásnaia Nov, № 3.

GUEDALI – Krásnaia Nov, № 4.

JUNTO AO NOSSO LÍDER MAKHNÓ – Krásnaia Nov, № 4.

O PAI – Krásnaia Nov, № 5.

LÍUBKA COSSAK – Krásnaia Nov, № 5.

O PECADO DE JESUS - Krug, № 3, Moscou.

OS IVANS – Rússki Sovremênik, № 1, Moscou.

BIOGRAFIA DE PAVLITCHENKO, MATVIÉI RODIÓNOVITCH – Chkvál, № 8, Odessa.

O FIM DE SANTO IPÁTI – Pravda, № 175, Moscou.

A TRAVESSIA DE ZBRUTCH – Pravda, (3.8).

1925

O COMANDANTE DE ESQUADRÃO TRÚROV – Krásnaia Nov, № 2.

FALHASTE CAPITÃO – Krásnaia Nov, № 3.

A CANÇÃO – Krásnaia Nov, № 3.

HISTÓRIA DO MEU POMBAL- Krásnaia Nov, № 3.

A NOITE – Krásnaia Nov, № 3.

O PRIMEIRO AMOR – Krásnaia Nov, Almanaque livro 1, Gosizdat, Moscou-Leningrado.

LIÚBKA COSSAK E OUTROS CONTOS – Ed. Ogoniók, Moscou.

CONTOS – Ed. Ogoniók.

1926

KONÁRMIA – Goslitizdat, Moscou.

BÊNIA KRIK (uma novela cinematográfica) – Krásnaia Nov, № 6.

AUTOBIOGRAFIA – in B. Lidin, ESCRITORES: AUTOBIOGRAFIAS E RE-TRATOS, Sovremennie Problémi, Moscou.

1927

CREPÚSCULO (esboço de drama), Baku.

1928

CREPÚSCULO (drama) – Nóvi Mir, №.2, Moscou.

UMA MULHER ESCRUPULOSA – Pereval, № 6,

1931

KARL-IANKEL – Zviesdá, № 7, Leningrado.

DESPERTAR – Molodáia Guardia, № 9, Moscou.

GAPA GÚJVA – Nóvi Mir, № 10.

NO PORÃO – Nóvi Mir, № 10.

1932

O FIM DO ASILO – 30 Dniéi, № 6, Moscou.

VIAGEM – 30 Dniéi, № 3.

ARGAMÁK – Nóvi Mir, № 3.

IVAN E MARIA – 30 Dniéi, № 4.

GUY DE MAUPASSANT – 30 Dniéi, № 6.

O CAMINHO – 30 Dniéi, № 5.

1934

PETRÓLEO – Vietchérnaia Maskva, № 37, Moscou.

RUA DANTE – 30 Dniéi, № 3.

O TRABALHO COM O CONTO – Smiena, № 6, Moscou.

A VULGARIDADE, EIS NOSSO INIMIGO – Pravda (25/8), Moscou.

CONTOS – Federatsia, Moscou.

1935

MARIA (drama) – Teatr i Dramaturgia, № 3, Moscou.

1936

OS TRABALHADORES DA NOVA CULTURA – Literatúrnaia Gazeta (31/3),
Moscou.

BAGRÍTSKI – no almanaque Soviétski Pisátel, Moscou

UM MESTRE – Komsomól'skaia Pravda, № 172., Moscou.

1937

SULAK – Molodói Kolkhosnik, № 6.

O BEIJO – Krásnaia Nov, № 7, Moscou.

DI GRASSO – Ogoniók (23/8), Moscou.

MÁXIMO GÓRKI – SSSR na Stróike, № 4, Moscou.

O COMEÇO – Pravda (18-6), Moscou.

VIAGEM À FRANÇA – Pioner, № 3, Moscou.

INFORMAÇÕES – International Literature, Moscou.

1938

UM PROCESSO – Ogoniók, № 23.

PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS

1963

MERCADO VELHO № 4 (roteiro cinematográfico) – Iskústvo Kinó, №.5, Moscou.

MEU PRIMEIRO HONORÁRIO (versão polonesa de J. Pomianowski) – Sviat, № .23, Varsóvia.

KOLÍVUCHKA – almanaque Vosdúchnie Puti, 3, N.York.

1964

FRÓIM GRATCH – Znamia, № 8, Moscou.

SOBRE O TRABALHO DO ESCRITOR – Nach Sovreménnik (21/11), Moscou.

CREPÚSCULO (conto) – Literatúrnaia Rossia (20/11), Moscou.

1965

DIÁRIO DE 1920 – Literatúrnoe Nasliédstvo, № 74, Moscou.

INFÂNCIA, EM CASA DE VOVÓ – Literatúrnoe Nasliédstvo, № 74, Moscou.

1967

ESTRELAS ERRANTES (versão polonesa de J.Pomianowski) – Kinó, № .6, Varsóvia.

1969

A JUDIA – Nóvi Jurnal, № 95, N.York.

BÁBEL - UM TCHEKISTA?

Eis um terreno escorregadio.

Alguns patinam nele, mas a maior parte dos autores passa ao largo do assunto.

Há muitas perguntas sem resposta. Então, o que fazer?

Vamos apenas referir alguns fatos e formular algumas perguntas. Se não houver respostas, talvez os fatos falem por si.

No livro “*Lembranças de Babel*” (Воспоминания о Бабеле) (Ed. Kníjnaia Palata, Moscou, 1989)¹ temos uma coleção de trinta artigos escritos por autores como K. Paustovski, I. Erenburg, V. Chklóvski e outros. Todos os artigos são enaltecendores.

Os amigos de Babel, quando escrevem sobre ele, omitem pormenores, dando a impressão de que ninguém estava a par deles. Para todos, Babel era uma pessoa afável, bondosa, sensível, inteligente e prestativa. E isso lhes bastava.

Temos, porém, um novelo com muitas pontas. Vamos puxar algumas e ver o que vem junto.

Babel ingressou na Tcheká de Petrogrado em dezembro de 1917,² recomendado por um amigo tchekista, Ivan Kalúguin. Inicialmente, trabalhou como tradutor no departamento de assuntos estrangeiros, depois participou de operações como agente especial. Também descia ao porão para assistir, senão participar, de torturas e fuzilamentos de presos.³

Durante algum tempo participou de destacamentos de requisição, que, a mão armada, tomavam os alimentos dos camponeses para abastecer os centros urbanos (*Vide Anexo 1, pg.53*).

Em 1920 foi designado para servir no 1º Exército de Cavalaria, na guerra russo-polonesa, sendo que, além de trabalhar como jornalista, teria a missão de vigiar os comandantes e comissários da 6ª Divisão de Cavalaria.

A Tcheká mantinha uma rede de agentes dentro das forças armadas, pois o governo não nutria grande confiança quanto à lealdade de seus comandantes. Babel não era um “simples combatente”, como diz o seu amigo Paustovski, e, sim, um funcionário do Estado Maior e um agente secreto, tanto que não usava o seu verdadeiro nome. Além disso, simples combatentes não teriam à sua disposição uma tatchanka e um ordenança.

¹ www.kuzbass.ru/moshkow/koi/PROZA/BABEL/about_wospominaniya.txt

² M. Skriabin e L. Gavrilov – “*Só se brilha queimando*” Cap. 17 – Politizdat – 1987.

³ A. Pirojkova – entrevista a Ian Saturtnóvski (Ciclo Babel - 07-12-1967)

<http://www.pseudology.org/babel/Mistificator.htm>

I. Saturnónski – A breve colaboração de seu marido com a seção estrangeira da Tcheká, evidentemente, era vinculada ao seu desejo de conhecer mais uma faceta da vida?

A. Pirojkova - Havia afirmações de que durante o seu serviço lá, ele descia aos porões e observava o sofrimento dos condenados... Nós, nunca conversamos sobre isso.

R. Krumm – Biografia de Babel, pg. 40:

“Babel serviu na Tcheká, provavelmente, como colaborador externo, por pelo menos alguns meses. Pelas palavras de Pirojkova, ele, com toda a certeza, viu com seus próprios olhos os fuzilamentos nos porões do prédio.”

V. Polánski, editor da revista “Novi Mir” (1926-1931), anotou em seu diário pessoal: “Bábel não serviu apenas no 1º Exército de Cavalaria, serviu na Tcheká. Sua sofriguidão por sangue, morte e assassinato, de todo assustadora, e sua paixão, quase sádica, pelos sofrimentos reduziu muito [a escolha de] seu material. Ele presenciou execuções de penas de morte, ele observou fuzilamentos, ele reuniu um imenso material sobre o rigor da revolução. Ele não consegue trabalhar com material comum, necessita de um especial: agudo, contundente, mortal. Toda sua “Konármia” é assim. E tudo o que tem agora é, provavelmente, sobre a Tcheká. Ele ingressou no 1º Exército de Cavalaria para recolher esse material e agora tem medo de publicar”.⁴

A filha do marechal Budiónni, Nina, numa entrevista, disse a respeito de Bábel e sua relação com a Tcheká: “Ele foi designado para o 1º Exército de Cavalaria. Todo o seu grupo era de tchekistas, no NKVD ele abria a porta com o pé esquerdo...”⁵

Realmente, durante toda a sua vida, até o fim, ele manteve contato com os órgãos de repressão.

Em 1925, Dmítri Fúrmanov anotou em seu diário as palavras de Bábel quando ele manifestou o desejo de escrever um grande romance sobre a Tcheká.

“Só não sei se darei conta, pois o que eu penso a respeito da Tcheká é muito parcial. E isso porque os tchekistas que eu conheço são gente, como direi, simplesmente santa. E não conheço o outro lado. Como também não sei como pensam os que povoam as celas – isso de algum modo, não me interessa. Mesmo assim, tentarei.”⁶

Quando Krumm, em setembro de 2001, foi solicitar junto ao Serviço Federal de Segurança da Rússia (sucessor do KGB) informações sobre a folha corrida de Babel, foi-lhe dito que Bábel nunca havia servido na Tcheká, uma vez que ali não constava nenhum documento sobre ele.⁷

O *wishful thinking* de Krumm poderia se tomado por ingenuidade. Nenhum serviço de inteligência fornece informações sobre seus agentes, presentes ou passados. A identidade de um agente só é revelada quando ele é apanhado em um país estrangeiro.

Quanto à permanência de um agente nesse tipo de serviço, este não é um emprego do qual se admita pedir demissão (*Vide Anexos 4 e 5*).

⁴ V. Polánski – “*Minha luta no front literário*”, Novi Mir (3) 2008.

<http://magazines.russ.ru>

⁵ www.peoples.ru/military/hero/budenny/index.html

“- O seu Budiónni não se parece com o sanguinário cita babeliano

- Em Bábel só tem tolice... Onde ele viu esse cita? A confusão começou por causa da primeira versão de “Konármia”, publicada em “Krasnaia Nov. Bábel usou nomes reais para seus personagens. Todos eles ficaram revoltados. Meu pai foi coberto pela enchente de resoluções de comitês de partido de regimentos, todos condenando Bábel. Os veteranos do Primeiro de Cavalaria estavam indignados e papai entrou em polêmica com Górkí que defendia Bábel.

Mas isso foi no fim dos anos vinte, e Babel foi preso e fuzilado dez anos depois, suas discussões e a morte dele não têm relação.

Em primeiro lugar, ele não teria devido tomar a mulher de Iejóv como amante. Em segundo, ele mesmo foi designado para o Primeiro Exército de Cavalaria pela Tcheká. Todo seu grupo era de tchekistas, no NKVD ele abria a porta com o pé esquerdo.”

(A expressão “abrir a porta com pé esquerdo”, em russo, indica uma relação de intimidade.)

⁶ Fúrmanov, D. “*Do Diário de um Escritor*”, Molodáia Guárdia, Moscou, 1934, citado por Gregory Freidin in *Stanford Slavic Studies* 4-2, pg.12, 1991.

⁷ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 40.

Afirma-se que ele, durante a sua permanência no exército criou um grande círculo de amigos, que depois ocuparam altos cargos, tanto nas forças armadas como no NKVD. Esses amigos costumavam dar-lhe, em todas as ocasiões difíceis, uma boa cobertura.⁸

É estranho. Bábel, segundo ele próprio relata em seu “Diário”, só atuou no âmbito reduzido da 6ª Divisão de Cavalaria e não no 1º Exército, em sua totalidade. Ao mesmo tempo, sua permanência na 6ª Divisão foi relativamente curta, coisa de quatro ou cinco meses. E tudo isso em meio a correrias, ofensivas, retiradas, doenças e outras privações.

Como poderia ele ter tido a oportunidade e a ocasião de travar tantas e tão sólidas amizades?

Quanto às inimizades, essas ele as conseguiu, em parte, quando publicou o seu livro.

No auge de sua fama, Bábel convivia com a nata do poder Soviético, tanto política como militar. Por isso era uma das pessoas mais bem informadas sobre todos os fatos da União Soviética.⁹

Nessas condições, é difícil imaginar que ele não fosse abordado, durante suas viagens ao exterior, pelos serviços secretos franceses, britânicos ou outros. Se teria ou não aceito as suas propostas, não sabemos.

Ainda nos anos vinte, sua mulher Evguênia saiu do país para morar em Paris e a sua irmã Mary, com a mãe, se estabeleceram em Bruxelas.

Pelo que ele próprio conta, elas só podiam viver no exterior com seu apoio financeiro.¹⁰

Em suas viagens ao exterior, ele conseguia visitar, sozinho ou com a mulher, muitas cidades e balneários da Europa. Embora, em sua correspondência, ele sempre se queixasse da falta de dinheiro. Quando se diz que Jênia, sua primeira esposa, vendia os quadros que pintava, supomos que ela os tentasse vender. Nas décadas entre as duas grandes guerras havia, em Paris, tantos pintores, vindos de todas as partes do mundo, que o mercado de quadros devia estar completamente saturado.¹¹

Ainda havia outro problema: como enviar dinheiro da União Soviética para o exterior?

⁸ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 64:

“A participação de Bábel na campanha, lado a lado com os combatentes de Budiónni, propiciou a aquisição de numerosos amigos e conhecidos, que mais tarde lhe ajudaram, em muitos cantos da União Soviética... Ao lado de militares, havia secretários de partido, colaboradores do serviço secreto, dirigentes industriais.”

R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 86:

“Dos tempos de seu serviço no Primeiro de Cavalaria ele conservou uma respeitável proteção. Entre seus conhecidos havia muitos que fizeram carreira, galgando altos postos na burocracia militar e partidária... Graças a isso, Babel tinha possibilidade incomum para uma vasta criação, de que ele se serviu livremente, como mais ninguém – até a sua morte.”

⁹ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 90:

“Bábel, graças ao sucesso de “Konármia”, e a rápida progressão na carreira de seus amigos, inesperadamente tornou-se um freqüentador dos círculos dirigentes do Estado soviético.”

¹⁰ R. Krumm – Biografia de Bábel, pgs. 92, 129:

“Sem o seu suporte financeiro, Jênia, dificilmente poderia se manter em Paris.”

“Apesar de sua situação financeira não ir de todo bem, ele conseguia, mandar, regularmente, dinheiro para sua mãe e irmã em Bruxelas.”

Nathalie Babel in “*Complete Works of Isaac Babel*”, pg. 1028:

“Como esposa do escritor Isaak Bábel, ela (Jênia) era dependente do dinheiro que ele mandava da Rússia para manter-nos, enquanto viviamos em Paris.”

¹¹ Carta de 26-12 -1927 a A. G. Slónim.

Bábel dizia que “em Paris havia pelo menos 40 mil pintores e escultores”.

Inicialmente, havia a possibilidade de transferir dinheiro ao exterior, depois tornou-se impossível.

Não havia forma legal de fazê-lo.

Nos anos vinte, havia, porém, um expediente. Ele entregaria o dinheiro a pessoas, na URSS, que tinham parentes no exterior, e estes avisados por carta, reembolsavam os parentes de Bábel, no estrangeiro.¹²

Mas, a partir dos anos trinta, tal esquema deixou de funcionar.

Além do mais, qualquer correspondência com o exterior era aberta¹³ e controlada pelo NKVD. E o simples fato de haver esse tipo de correspondência já colocava as pessoas nas listas de suspeitos.

E então, como conseguia Bábel, manter duas famílias no exterior?

Na União Soviética de então, onde havia grande dificuldade para se obter bens de consumo e alimentos, Bábel vivia com todo o conforto. Havia recebido uma casa de campo em Perediélkino, tinha empregados domésticos, boa comida, carro importado com motorista (não consta que Bábel soubesse dirigir). Até o seu tratamento dentário fora feito na clínica do Kremlin. Seria isso estar em desfavor?¹⁴

Tal tipo de vida só estava ao alcance da elite do regime.

Krumm diz que Bábel tinha um acesso privilegiado ao NKVD, coisa que não ocorria com muitos membros do Politburó.¹⁵

E, finalmente:

Bábel freqüentava a casa de Nikolai Iejóv, cuja esposa, Evguênia Feigenberg-Khaiutina-Gladun-Iejóva (1904-1938), “gostava muito de sua companhia”...

Pergunta: Como, Iejóv, um ser complexado e neurótico, de um metro e meio de estatura, o todo poderoso chefe do NKVD e executor do Grande Terror, que com um piscar de olhos podia fazer desaparecer qualquer pessoa, por mais importante ou famosa que fosse, podia tolerar, publicamente, um rival como Bábel?

Bábel devia ter algum protetor todo-poderoso...

Stálin, uma vez concluído o Grande Terror, achou por bem desfazer-se de seu carrasco tão prestativo.

Além disso, havia rumores de que Iejóv teria reunido matérias a respeito da ligação de Stálin com a Okhrana (polícia secreta tsarista).¹⁶

Iejóv, preso, em seu depoimento, aproveitou para se vingar de Bábel.

¹² R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 92.

¹³ R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 157:

“ as cartas eram, provavelmente, abertas”.

¹⁴ R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 151:

“...sua coroa dentária não foi feita num lugar qualquer, e na sim clinica de Kremlin, que atendia somente o alto escalão do poder.”

¹⁵ R.Krumm – Biografia de Bábel, pg. 160.

¹⁶ *Tukhatchevski – A conspiração do Marechal* (filme) www.amedia.ru.



V. Vorochílov, V. Mólotov, I. Stálin e N. Iejóv

Declarou que entre os papéis literários, que Bábel guardava na famosa caixa metálica¹⁷, deveria haver alguns não tão literários assim. Haveria, junto com o material que ele reunia para o projetado romance sobre a Tcheká, alguns dossiês de figuras do partido e do governo. É possível que as informações acima referidas fossem tão secretas, que nem pudessem ser anotadas nos protocolos de seu interrogatório.¹⁸

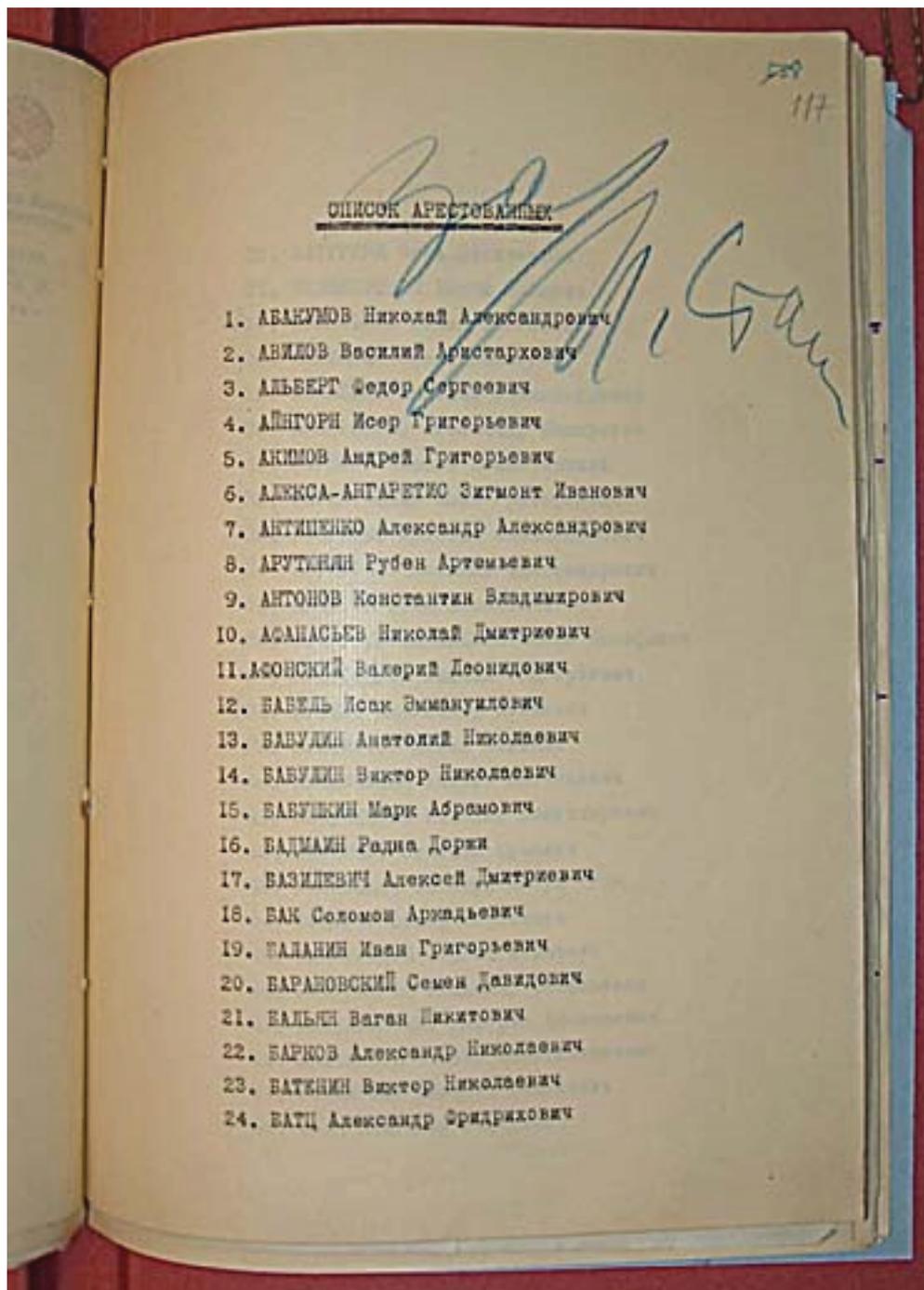
Assim, ao que parece, Bábel, junto com os seus papéis, teria sido despachado pela “chaminé”. “É mais tranqüilo”, como foi dito por Víktor Suvoróv no prólogo de “Aquário” (*Vide Anexo 5*).

Ter-se-ia procedido a uma “queima de arquivo”. Literalmente.

¹⁷ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 118.

¹⁸ R. Krumm – Biografia de Bábel, pg. 172:

Em seu depoimento ao NKVD, Bábel declarou: “As informações de que disponho poderiam tornar-se sensação mundial, se caíssem nas mãos de um jornalista estrangeiro”.



Lista de presos da qual consta o nome de Bável, aprovada por Stálin.

OS SERVIÇOS SECRETOS DE INFORMAÇÃO SOVIÉTICOS

Os serviços secretos soviéticos, que elencamos a seguir eram os olhos e ouvidos do Estado Soviético.

Um deles, uma instituição civil, era o KGB e o outro, militar, era o GRU.

Apesar de formalmente ligados ao governo, o KGB ao Conselho de Ministros e a GRU ao Estado-Maior Geral das Forças Armadas, ambos estavam sob a supervisão direta do Comitê Central do Partido Comunista da URSS.

GRU (ГРУ - Главное Разведочное Управление – Administração Geral do Serviço de Inteligência) foi organizado em 1918 por L. Trótski como um departamento dentro do Estado-Maior Geral do Exército Vermelho.

Suas atribuições básicas eram a espionagem estratégica, operacional e militar.

KGB (КГБ - Комитет Государственной Безопасности – Comitê de Segurança do Estado) foi instituído em 1954.



Decreto instituindo o KGB assinado por K.Vorochílov

Criado em 1917, sob a direção de Féliks Dzerjinski,¹ inicialmente teve o nome de **Tcheká (ЧК – Чрезвычайная Комиссия по Борьбе с Контрреволюцией и Саботажем – Comissão Extraordinária de Combate à Contra-revolução e à Sabotagem)** e tinha atribuições de polícia política.

¹ Dzerjinski, Féliks (Дзержинский, Феликс Эдмундович) (1877-1926).



F. Dzerjinski

No decorrer dos anos, foi mudando de estrutura e denominação, mas sempre com as mesmas atribuições.

Em 1922 passa a se chamar GPU (*Государственное Политическое Управление – Administração Política Estatal*) junto ao NKVD (*НКВД – Народный Комиссариат Внутренних Дел – Commissariado do Povo para Assuntos Internos*).

Em 1923 será OGPU (*ОГПУ – Объединенное Государственное Политическое Управление – Administração Política Estatal Unificada*) junto ao Conselho de Comissários do Povo.

Com a morte de F.Dzerjinski, em 1926, assume a direção V. Menjinski.²



V. Menjinski

² Menjinski, Viatcheslav (Менжинский, Вячеслав Рудольфович) (1874-1934).

Em 1934 passa a se denominar NKVD.

A partir de 1934 é dirigido por Iagóda,³ depois por N.Iejón⁴ em 1936 e finalmente por L.Béria⁵ em 1938.



G. Iagóda



N. Iejón



L. Béria

³ Iagóda, Guenrikh (Ягода, Генрих Григорьевич) (1891-1938).

⁴ Iejón, Nikolau (Ежов, Николай Иванович) (1895-1940).

⁵ Béria, Lavrenti (Берия, Лаврентий Павлович) (1899-1953).

Após o período de que trata o nosso trabalho, passa por mais algumas mudanças até se tornar o KGB



Escudo Tcheká – KGB

AQUÁRIO - VÍKTOR SUVÓROV (1993)

PRÓLOGO

- Nossa lei é simples: para entrar – um rublo, para sair – dois. Significa que entrar a fazer parte da organização é difícil, mas sair dela, é muito mais. Teoricamente, para todos os membros da organização, só se prevê uma saída: pela chaminé. Para alguns essa saída é honrosa, para outros não, mas para todos só existe a chaminé. Somente por ela nós saímos da organização. Ei-la, essa chaminé... E Sedói aponta para a enorme janela, que toma toda a parede. – Pode apreciá-la.

Do alto do nono andar, abria-se, diante de mim, o panorama de um aeroporto deserto e sem fronteiras que se estendia até ao horizonte. Olhando para baixo, via-se um labirinto de caminhos, cobertos por areia, entre firmes paredes de arbustos. O verde do jardim e a grama queimada do aeroporto estavam separados por uma parede de concreto indestrutível, com uma densa teia de arame farpado sobre roletes brancos.

- Ei-la... – Sedói aponta para uma chaminé quadrada e larga, de uns dez metros de altura, que paira sobre um telhado betumado e plano.

O telhado negro navega sobre as verdes ondas como uma balsa no oceano, ou como um antigo encouraçado de bordas baixas e uma chaminé desajeitada. Acima da chaminé paira um fumo leve e transparente.

- Quem está deixando a organização?

- Não, ri Sedói. – A chaminé não é somente a nossa saída, a chaminé é a guardiã de nossos segredos. Agora estão simplesmente queimando papéis secretos. Sabe, é melhor queimar do que guardar. É mais tranquilo. Quando alguém sai da organização, a fumaça não é assim, a fumaça é densa, gordurosa. Se você ingressar na organização, um belo dia, você também acabará indo para o alto através da chaminé. Mas isso não é para já. Agora a organização lhe concede a última oportunidade de desistir, a última oportunidade para refletir sobre a sua escolha. E para que você tenha no que pensar, eu lhe mostrarei um filme.

Sedói aperta um botão no painel e senta na poltrona ao meu lado. Pesadas cortinas marrons, com um leve ruído, fecham-se sobre a imensa janela, e na tela, sem qualquer título ou introdução, aparece a imagem. O filme, em preto e branco, é velho e bastante gasto. Não há som, e por isso se ouve mais nitidamente o ruído do projetor.

Na tela, um armazém alto, sombrio, sem janelas. Algo entre oficina e sala de caldeiras. Em *close* – um forno com fechos parecidos com portões de uma pequena fortaleza, e canaletas-guias que entram no forno como os trilhos num túnel. Junto ao forno há pessoas que vestem aventais cinzentos. Foguistas. Eis que chega um caixão. Então é isso! Um crematório. Provavelmente, aquilo que eu vi, há pouco, pela janela. As pessoas de avental erguem o caixão e o instalam sobre as guias. Os fechos do forno se afastam

para os lados, o caixão, impelido lentamente, leva o seu desconhecido passageiro para as chamas uivantes.

Agora, a câmera mostra, em close, o rosto de uma pessoa viva. Um rosto todo suado. Faz calor junto ao forno. Mostra o rosto, de todos os lados, por um tempo que parece infinito. Por fim a câmera se afasta, mostrando o homem por inteiro. Ele não está de avental. Veste um terno preto e caro, mas totalmente amarrotado. A gravata no pescoço, torcida como uma corda. O homem está firmemente amarrado, com arame, a uma padiola, que está apoiada sobre as alças, encostada na parede, para que o homem possa ver o forno.

De repente, todos os foguistas se viram para o homem amarrado. A atenção, pelo visto, não lhe agradou. Ele grita. Grita terrivelmente. Não há som, mas eu sei, que com tal grito as vidraças vibram.

Quatro foguistas pousam, com cuidado, a padiola no chão, depois, juntos, a erguem. O homem amarrado faz um esforço desumano para se opor a isso. Uma tensão titânica no rosto. A veia da testa está inchada, a ponto de romper.

Mas a tentativa de morder a mão do foguista não deu certo. Os dentes do homem amarrado penetram na sua própria mão, e um negro filete de sangue escorre pelo seu queixo. O homem, sem dúvida, tem os dentes afiados. Seu corpo está fortemente amarrado e ele se retorce como uma lagartixa apanhada. Sua cabeça, obedecendo ao instinto animal, bate com fortes golpes ritmados na alça de madeira, ajudando o corpo. O homem amarrado se bate não por sua vida, mas por uma morte fácil. Seu cálculo é compreensível: balançar a padiola e cair com ela, das guias sobre o chão de cimento. Isso seria uma morte fácil ou a perda de consciência. E sem a consciência, pode-se ir ao forno. Não é tão assustador...

Mas os foguistas conhecem o seu ofício. Eles simplesmente seguram as alças da padiola, não deixando que ela balance. Alcançar as suas mãos com os dentes o homem amarrado não conseguirá, ainda que seu pescoço se rompa. Diz-se, que no último momento de sua vida, o homem pode realizar milagres. Obedecendo ao instinto de auto-conservação todos os seus músculos, toda sua consciência e vontade, todo o seu esforço para viver, concentram-se numa arrancada só... E ele se arranca! Ele se arranca com todo o corpo! Ele se arranca de tal modo, como a raposa apanhada pela armadilha, mordendo e arrancando a sua própria pata ensanguentada.

Ele se arrancava de tal modo que as guias metálicas tremiam. Ele se arrancava, quebrando os próprios ossos, rasgando veias e músculos. Ele se arrancou...

Mas o arame era forte. E agora a padiola deslizava suavemente para a frente. As aberturas do forno se afastaram para os lados, iluminando com uma luz branca as solas de suas botinas laqueadas, há muito sem trato. E agora, as solas aproximavam-se do fogo. O homem tenta dobrar as pernas nos joelhos, para aumentar a distância entre as solas e o fogo uivante. Mas isso ele, também não consegue. O cinegrafista mostra, em close, os dedos. O arame penetrou neles firmemente. Mas as pontas dos dedos do homem estão livres. E com elas ele tenta frear o seu movimento. As pontas dos dedos estão afastadas e tensas. Se algo aparecesse no seu caminho, sem dúvida, elas segurariam. E eis que a padiola pára bem diante do forno. Há um novo personagem na tela, de avental, como os outros foguistas, e faz-lhes um sinal com a mão. Obedecendo ao seu sinal, eles retiram a padiola das guias e a colocam de novo junto à parede sobre as alças traseiras. Que houve? Por que a demora? Ah, eis o porquê. Na sala do crematório, entra, sobre um carrinho

baixo, mais um caixão. Ele já está fechado. É magnífico. É elegante. Está adornado com franjas e guarnições. É um caixão de honra. Caminho para o caixão de honra! Os foguistas o instalam sobre as guias e ele vai para a caminhada final. Agora, é preciso esperar um tempo enorme, até ele queimar. É preciso esperar e esperar. É preciso ser paciente.

Finalmente é a vez do homem amarrado. A padiola está de novo nas guias. E eu ouço de novo o grito sem som, capaz, provavelmente, de arrancar as portas das dobradiças.

Olho com esperança para o rosto do homem. Tento achar indícios de demência em suas feições. Neste mundo, é mais fácil para os loucos. Mas não há desses indícios no rosto belo e másculo. Este rosto não foi marcado pelo selo da loucura. Simplesmente, o homem não quer ir ao forno e tenta expressar isso de algum modo. E como expressá-lo senão com um grito? Então ele grita. Felizmente, esse grito não é eternizado. Eis que as botinas laqueadas chegam até o fogo. Chegam, que o diabo as leve. O fogo se agita. Devem estar injetando oxigênio. Os dois primeiros foguistas pulam para os lados, os dois últimos empurram a padiola, com força, para dentro. As portas do forno se fecham, e o estalar do aparelho projetor diminui.

- Ele... quem é? – Eu próprio não sei por que faço esta pergunta.

- Ele? Um coronel. Um ex-coronel. Ele estava na nossa organização. Em altos postos. Ele enganava a organização. Por isso a organização o excluiu. Aí ele foi embora. Esta é a nossa lei. Não atraímos ninguém à força para a nossa organização. Se não quer – que recuse. Mas uma vez que entrou, aí você pertence completamente à organização. Junto com as botinas e a gravata. E assim. Dou-lhe a última oportunidade de recusar. Para a sua reflexão você tem um minuto.

- Eu não preciso de um minuto para refletir.

- É do regulamento. Se você não precisa desse minuto, a organização, ainda assim, é obrigada a dar-lhe, fique sentado e olhe – Sedói clicou o botão e um ponteiro longo e magro, marcando o passo com nitidez, moveu-se pelo mostrador luminoso. E eu vi, de novo, diante de mim, o rosto do coronel no exato último momento, quando seus pés já estavam dentro do fogo, mas a cabeça ainda vivia e o sangue pulsava, e nos olhos ainda brilhava a inteligência, a tristeza mortal, o sofrimento agudo e o invencível desejo de viver. Se eu for aceito nesta organização, servir-lhe-ei com toda dedicação e lealdade. É uma organização séria e poderosa. Eu gosto dessa ordem. Mas, que diabo, se por algum motivo, e isso eu já sei, se eu tiver de sair pela chaminé curta e quadrada, não será num caixão com franjas e guarnições. Não é de minha natureza. Não estou aqui para ganhar franjas... Não sou daqueles.

- O tempo escoou. Você precisa de mais tempo para pensar?

- Não.

- Mais um minuto?

- Não.

- Tudo bem, capitão. Então cabe-me a honra de felicitá-lo com o ingresso em nossa irmandade secreta, que se denomina Administração Principal de Inteligência do Estado-maior Geral (Главное разведывательное управление Генерального штаба - ГРУ) ou, abreviando, GRU. Você terá uma entrevista com o chefe adjunto do GRU, coronel-general Mescheriakov, e uma visita ao Comitê Central com o coronel-general Lemsenko. Penso que você vai agradar-lhes. Mas não banque o esperto. No caso, é melhor perguntar do que ficar calado. Às vezes, no decorrer de nossos exames e testes psico-

lógicos, aparecem coisas para as quais a pergunta se forma por si só. Não se atormente. Faça a pergunta. Portese do modo que você se portou aqui hoje, e tudo estará bem. Desejo-lhe êxito, capitão.

Víktor Suvórov (verdadeiro nome - Vladímír Rezún) – polêmico escritor de assuntos históricos ligados à 2ª Guerra Mundial, ao stalinismo e à espionagem. Serviu como agente da GRU em Genebra. Desertou em 1978, fugindo para a Inglaterra.

“Aquário” é uma obra de caráter autobiográfico, em que o autor relata a sua carreira no serviço secreto militar soviético.

SEGUNDA PARTE

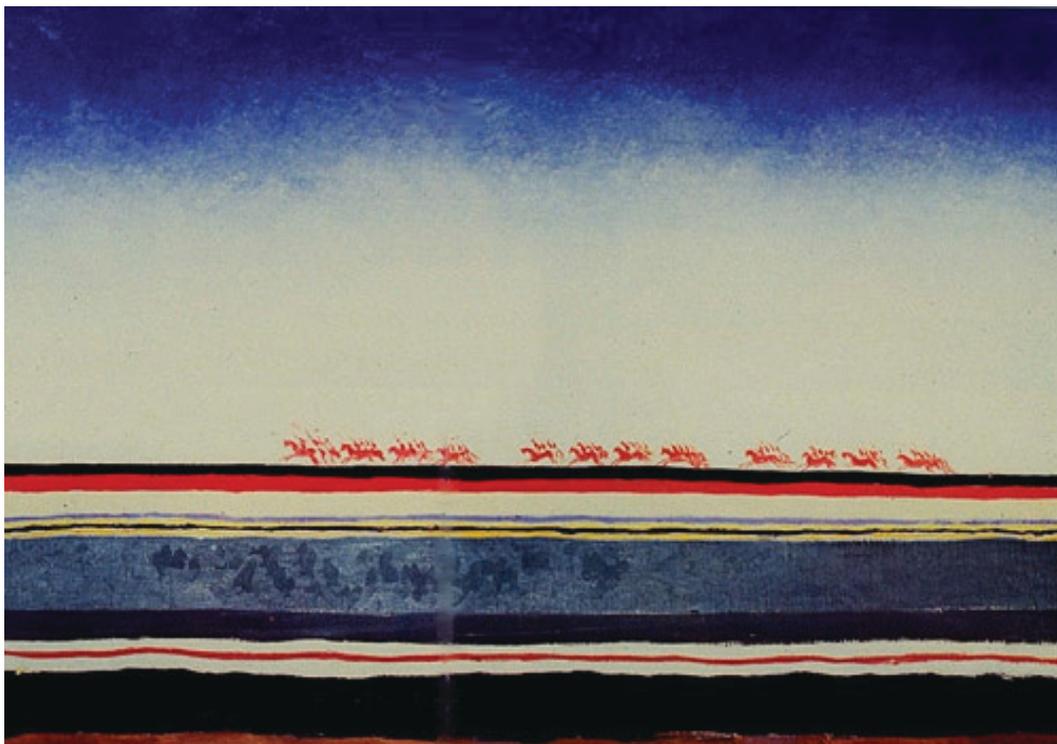
UMA TRADUÇÃO DIRETA DO DIÁRIO

“Опишу вам только то что мои глаза
собственноручно видели.”

“Descrever-lhes-ei só o que meus olhos
viram com as próprias mãos.”



Diário de “O Exército de Cavalaria” de 1920 -Isaak Bábel



“A Cavalaria Vermelha”

(K.S. Malievitch)

O DIÁRIO DE GUERRA DE 1920

Na primavera de 1920, quando o exército de Pilsudski, depois de cruzar a Ucrânia Ocidental, tomou Kiev fortificando-se na margem direita do Dniepr, e o lendário 1º de Cavalaria, após vitoriosas batalhas na frente de Deníkin, iniciou a sua travessia de mais de mil quilômetros de Maikop a Uman, saiu de Odessa, à disposição da seção política do exército, um jovem literato desconhecido na Rússia – Kiríl Liútov. Este era o pseudônimo de Isaak Bábel, futuro autor de “Konármia” ou “O Exército de Cavalaria”.

Na função de correspondente de guerra do jornal “O Cavalariiano Vermelho” na 6ª Divisão de Cavalaria, Bábel manteve um diário, do qual algumas páginas e episódios servirão de base para os contos de “Konármia”.

Antes de tudo, os apontamentos de Bábel são um documento preciso, em que encontramos as reflexões torturantes e frequentemente contraditórias do escritor sobre a revolução, a guerra e o seu próprio destino. No entanto, essas notas, feitas em circunstâncias de campanha, não têm caráter de confissão. Diante de nós temos um relato mais ou menos ordenado daquilo que Bábel viu e vivenciou, como participante direto de acontecimentos históricos.

Juntamente com o Primeiro Exército de Cavalaria, seus combatentes, comandantes, bem como os soldados poloneses e os judeus da Galícia tornam-se os principais objetos das anotações do diário de 1920.

Aplicam-se ao autor do diário a palavras de D. Fúrmanov no romance “Tchapaev” sobre o comissário Klitchkov: “Ele escrevia no seu diário o que nunca apareceria nas colunas de jornais ou lá se refletiria de maneira mais moderada. Nem ele sabia para que escrevia: assim por alguma necessidade orgânica natural, sem dar-se conta disso”.

Três anos depois, a necessidade orgânica de Bábel, transformava-se, após um meticuloso e tenaz acabamento, no livro “Konármia”.

Na noite de jubileu do escritor, em novembro de 1964, Iliá Erenburg apontava: “Ele suavizava todas as passagens assustadoras. Eu comparei o diário com os contos. Ele quase não mudava os nomes, os episódios eram os mesmos, ele apenas iluminava tudo com uma certa sabedoria”. Ele dizia: “Isso foi assim. Eis a gente, essas pessoas praticavam atrocidades e sofriam, torturavam e morriam, e cada um tinha sua vida e sua verdade”. Desses mesmos fatos, das mesmas frases, que ele anotava apressadamente no caderno, ele compunha os seus contos”.

Realmente, algumas palavras, frases e até diálogos inteiros, o escritor transpõe do diário ao texto canônico de “Konármia”. No entanto, a bem da verdade, deve-se dizer que o êxito do livro explica-se principalmente pela energia do estilo: sob a pena do mestre, a matéria crua da realidade transforma-se em elevada arte.

Hoje, o diário de Bábel lê-se não apenas como um peculiar prefácio ao famoso livro, os acontecimentos da guerra soviético-polonesa de 1920, fixados nas notas de Bábel como que tirados das entranhas, adquirem extra-oficialmente um novo sentido no contexto do “likbez” (ликвидация безграмотности)¹ histórico.

¹ Likvidátsia biesgrámotnosti – Liquidação do analfabetismo.

O diário expande sensivelmente nossa percepção sobre uma das mais importantes etapas da guerra civil na Rússia. A campanha polonesa como um todo e o malogro do Exército Vermelho no avanço sobre Varsóvia encontram em Bábel um cronista veraz.

Os pesquisadores contemporâneos (russos, em sua maioria) dirigem-se, com frequência cada vez maior, às longínquas e ainda mal estudadas páginas da história pátria. O escritor parece ser um dos primeiros a sentir a amarga verdade do culto da “doce revolução”.

O homem nas condições desumanas – eis o tema central do diário de guerra de Bábel. Pode-se ironizar sobre o humanismo do autor, chamando-o de “abstrato”, pode-se até acusar Bábel de pacifismo, mas todas essas setas voam ao largo do alvo, pois o mais alto valor para o artista, como bem nota o crítico A.Vorónski, permanece o Homem “com letra maiúscula”. O tom anti-militarista do diário faz que ele permaneça eternamente atual.

O diário é também um importante documento para uma biografia científica do autor.

A 6ª Divisão de Cavalaria, em cujas fileiras se encontrava Bábel, já desde o início da campanha, tomou parte nas batalhas mais importantes, sofrendo perdas significativas.

Bábel comparte com os combatentes todas as dificuldades da campanha na malograda penetração de Jitómir, na operação de Rovensk-Dubensk, nas lutas por Bródi e Lvov. Lendo o diário, entendemos melhor “Konármia” e o seu autor, sobre quem recaíam, constantemente, infundadas acusações de que ele se encontrava “nos fundos” do heróico exército, na “cauda”, e só se ocupava de “dourar com palavras a ferida do caído em luta”.

No rascunho manuscrito de sua “Romança Crítica” (“Критического ромansa”),² Viktor Chklóvski escreveu, entre outras coisas, a respeito de seu encontro com Bábel após o regresso deste do 1º de Cavalaria: “Soube dele que não o mataram, apenas que matavam. Que ele andava e se admirava com o exército de Budiónni. De outros eu soube, que ele se admirava dos ataques, os sentia e aguentava”.

O caderno, no qual Bábel escrevia durante a campanha polonesa, foi guardado por seus amigos de Kiev: inicialmente M.I. Ovrútskaia, depois V.E. e T.O. Stakh. A primeira anotação, na página 55, foi feita em Jitómir na véspera do rompimento da frente polonesa pela cavalaria de Budiónni e data de 3 de junho de 1920. No dia 15 de setembro, em Klevan, as anotações se interrompem.

No caderno faltam as páginas de 69 a 89, que se referem ao período entre 6 de junho e 11 de julho de 1920.

Deste modo, sobrou apenas uma parte do diário que, no entanto, abrange praticamente todo o período ativo do 1º de Cavalaria na frente sudoeste.

² Kriticheskogo romansa.



S. N. Povártsov (Сергей Николаевич Поварцов) – Professor de Literatura Russa do Século XX e Jornalista da Universidade Estatal de Omsk.

DIÁRIO DE 1920

JITÓMIR – 3. 6. 20

De manhã no trem,³ vim atrás da *gimnastiorca* e das botas. Durmo com Júkov, Topólnik,⁴ uma sujeira, pela manhã o sol nos olhos, sujeira do vagão. O comprido Júkov, o glutão Topólnik, toda a redação – gente incrivelmente suja.

Péssimo chá em tigelas emprestadas. Cartas para casa, pacotes para *Iugrosta*, entrevista com Pollak⁵, operação para o controle de Novograd, a disciplina no exército polonês – desanda, a literatura da guarda branca polonesa, bloquinhos de papel de cigarro, fósforos, judeus pré- (ucranianos), comissários, tudo é tolo, é ruim, impotente, incompetente e espantosamente inconvincente. Excertos de Mikháilov tirados de jornais poloneses.

A cozinha do trem, soldados gordos com os rostos corados de sangue, almas cinzentas, calor sufocante na cozinha, *kácha*, meio-dia, suor, lavadeiras de pernas grossas, mulheres apáticas – tornos – descrever os soldados e as mulheres, gordos, saciados, sonolentos.

O amor na cozinha.

³ O trem em questão pertencia à Seção Política do Exército (Poarm). Sua função era levar a educação política aos soldados e civis. Vinha equipado com uma redação e uma oficina gráfica, uma estação de rádio e um projetor de cinema.

⁴ **Júkov** e **Topólnik** eram colaboradores do jornal "O Cavalariano Vermelho".

⁵ **Pollak** era oficial do Estado-Maior da 6ª Divisão.

NOTA: Termos grafados em *itálico* – consultar Glossário – (Anexo 7).

Depois do almoço rumo a Jitómir. Branca, não de sono mas abatida, uma cidade aquietada. Procuo traços da cultura polonesa. As mulheres estão bem vestidas, meias brancas, *kostiol*.

Tomo banho junto a Nuska no Tiéterev, riacho miserável, velhos judeus se banhando com suas pernas longas e magras, cobertas de pelos grisalhos. Judeus jovens. As mulheres enxáguam as roupas no Tiéterev. Uma família, mulher bonita, a criança com o marido.

Feira em Jitómir, sapateiro velho, anil, giz, cadarços.

Prédio da sinagoga, arquitetura antiga, como tudo isso me cala fundo na alma.

Vidro para o relógio, 1200 rublos. Mercado. Pequeno judeu filósofo. Uma loja inimaginável – Dickens, vassouras e sapatos dourados. Sua filosofia – todos dizem – é que alguns lutam pela justiça, e todos roubam. Se pelo menos algum governo fosse bom. Palavras notáveis, a barbicha, conversamos, chá com três tortinhas de maçã – 750 rublos. Velha interessante, maldosa, esperta, sem pressa. Como todos têm gana de dinheiro. Descrever a feira, cestos com cerejas, o interior do refeitório. A conversa com uma russa, que veio pedir emprestada uma bacia. Suor, chá fraco, caio na vida, adeus, defuntos.

O genro, Podólski, intelectual subnutrido, algo sobre os *profsoiusi*, sobre o serviço com Budiónni,⁶ eu, é claro, sou russo, a mãe é judia, e daí?

O *pogrom* de Jitómir, organizado pelos poloneses, e depois, é claro, pelos cossacos.

Após o aparecimento de nossas tropas de vanguarda os poloneses entraram na cidade por 3 dias, o pogrom judeu, cortaram as barbas, o que era comum, reuniram no mercado 45 judeus, levaram para as dependências do matadouro, torturas, cortaram línguas, gritos por toda a praça. Incendiaram 6 casas, a casa de Koniúkhovski na rua da Catedral – observo quem se salvou das metralhadoras, o porteiro, em cujas mãos uma mãe atirou uma criança de uma janela em chamas – foi grampeado, o *ksiondz* encostou uma escada na parede dos fundos, deste modo se salvaram.

O sábado está passando, do sogro vamos ao *tsadik*. Não consegui entender o nome. Para mim um quadro estremeedor, mesmo sendo perfeitamente clara a mortandade e a decadência completa. O próprio *tsadik* – sua figura magra de ombros largos. O filho – um menino bem criado de capote, são visíveis os cômodos pequeno-burgueses, porém amplos. Tudo em ordem, a mulher – uma judia comum, mesmo que de tipo moderno.

Rostos de judeus velhos.

Nos cantos, conversas sobre a carestia.

Estou perdido no livro das rezas. Podólski me ajuda.

No lugar da vela – uma lamparina.

Estou feliz, rostos enormes, narizes aduncos, barbas negras grisalhas, penso em muitas coisas, até logo, mortos. O rosto de *tsadik*, pince-nez niquelado.

- De onde você é, jovem?

- De Odessa.

- Como vivem lá?

- Lá as pessoas vivem.

- E aqui é um horror.

Conversa curta.

Vou embora abalado.

⁶ **Budiónni, Simion Mikhailovitch** (1883-1973) – criador e comandante do Primeiro Exército de Cavalaria. Desempenhou importante papel durante a Guerra Civil. Foi um dos primeiros Marechais da União Soviética.

Podólski está pálido e triste, dá-me o seu endereço, uma tarde maravilhosa. Vou indo, penso em tudo, ruas tranquilas, desconhecidas. O Kondrátiev está com uma judia moreninha, pobre comandante com seu gorro, ele não faz sucesso.

E depois à noite, o trem, com os slogans comunistas pintados (contrasta com o que eu vi junto aos velhos judeus).

Batidas de máquinas de escrever, nossa própria usina elétrica, nossos jornais, há uma sessão de cinema, o trem brilha, troa, os soldados de cara gorda fazem fila atrás das lavadeiras (por dois dias).

JITÓMIR – 4. 6. 20

Pela manhã – pacotes para *Iugorosta*, comunicação sobre o pogrom de Jitómir, para casa, para Oréchnikov, para Narbut.⁷

Leio Hamsun. Sobelman narra-me o roteiro de seu romance.

Um novo manuscrito de Job, um velho que viveu por séculos, seus discípulos levam-no daqui para simular uma ascensão, um estrangeiro metido, a revolução russa.

Schultz, eis o principal, a luxúria, o comunismo, como nós tomamos as maçãs dos senhores, Schultz conversa, sua calvície, as maçãs no seu regaço, o comunismo, a figura de Dostoiévski, aqui temos algo, aqui é preciso imaginar, é uma luxúria inesgotável, Schultz nas ruas de Berditchiov.

Khelémskaia,⁸ que tinha pleurite, diarreia, ficou amarela, o capote sujo de mousse de maçã. Por que, Khelémskaia, você está aqui? Você precisa casar, marido no escritório técnico, engenheiro, aborto ou a primeira criança, eis como seria a sua vida, sua mãe, você tomaria seu banho semanal, seu romance, Khelémskaia, eis como você deveria viver, e você se adaptaria à revolução.

Abertura de um clube comunista na redação. Eis o proletariado – são judeus e judias incrivelmente fracos vindos da clandestinidade. Triste e assustadora tribo, marchando para frente. Mais tarde descrever o concerto, as mulheres cantam canções ucranianas.

O banho no Tiéterev. Kiperman, como procuramos comida. O que é Kiperman? Como sou tolo, perdi meu dinheiro. Ele vacila como um caniço, tem um nariz grande, é nervoso, talvez louco, no entanto enganou-me, como ele retarda o pagamento, dirige o clube. Descrever suas calças, o nariz e a fala sem pressa, o sofrimento na prisão, é um homem assustador, o Kiperman.

Noite no bulevar. Corrida atrás de mulheres. Quatro alamedas, quatro estágios: apresentação, conversa, surgimento do desejo, satisfação do desejo. Em baixo o Tiéterev, um velho *liekpom* dizendo que os comissários têm de tudo, até vinho, mas ele é bem intencionado.

Eu e a redação ucraniana.

Gújin, de quem hoje se queixou Khelémskaia, procura algo melhor. Estou cansado. E de repente a solidão, a vida, e o que ela significa fluindo diante de mim.

⁷ Narbut, Vladimir Ivanovitch (1888-1944) foi diretor da Iugorosta em Odessa (1920-22).

⁸ Khelémskaia – membro da Seção Política.

No trem recebi as botas e uma *guimnastiorka*. Ao amanhecer irei a Novograd. O carro – um Thornicroft.⁹ Tudo foi sequestrado de Deníkin.¹⁰ O amanhecer no pátio de um convento ou uma escola. Dormir no carro. Às 11 horas estou em Novograd. Vamos adiante num outro Thornicroft. Desvio por uma ponte. A cidade está mais ativa, as ruas parecem as mesmas. Pego minha mala. O quartel-general foi para Kórets. Uma das judias pariu, no hospital, é claro. Um compridão narigudo pede emprego e corre atrás de mim com a mala. Prometo voltar amanhã. Novograd – Tsviaguel.

No caminhão estava o taifeiro de gorro branco, o judeu Morgan, encurvado. Esperamos por ele, ele está na farmácia, o desgraçado tem gonorréia. O carro vem de Fastov.

Dois motoristas gordos. Estamos voando, um motorista russo verdadeiro, botou as entranhas de todos para fora. O centeio está amadurecendo, os mensageiros galopam, infelizes, enormes caminhões empoeirados, meninos poloneses louros, nus, inchados, prisioneiros, narizes poloneses.

Kórets, descrevê-lo, um judeu e uma casa grande, *iechive bokher* de óculos, sobre o que eles falam, velhos de barbas amareladas, comerciantes curvados, fracos, solitários.

Quero ficar, mas os telefonistas enrolam os fios. É claro, o Estado-Maior foi embora. Colhemos maçãs e cerejas. Partimos numa velocidade alucinada. Depois o motorista, casaco vermelho, come o pão com os dedos sujos de óleo de motor. A 6 verstas antes de chegar – o magneto está cheio de óleo. O conserto é feito sob o sol escaldante. Suor e motoristas. Termina a viagem numa carroça de feno (esqueci de dizer – o inspetor de artilharia Timochenko (?) inspeciona os canhões em Kórets. Nossos generais). Anoitecer. Noite. Parque em Tochtche. Tsótov¹¹ corre com o Estado-Maior, as carroças também, o quartel general está em Róvno, maldição. Estamos danados. Judeus, resolvo ficar na casa de David Utchenik, os soldados desaconselham, os judeus insistem. Lavo-me, beleza, muitos judeus. Os irmãos de Utchenik – são gêmeos? Os feridos chamam para conhecê-los. São diabos fortes, feridos nas coxas, deslocam-se sozinhos. Chá de verdade, janto. Os filhos de Utchenik, menina de olhos apertados, pequena mas esperta, menina agitada de 6 anos, mulher gorda com dentes de ouro. Estão sentados ao meu redor, casa movimentada. Utchenik conta – primeiro os poloneses roubaram, depois vieram estes com assovios e uma barulheira danada, levaram tudo, todas as coisas da mulher.

A filha – você é judeu? Utchenik está sentado vendo como eu como. Em seus joelhos a menina treme. Ela está assustada, os porões, os tiroteios e os vossos. Eu digo – vai ficar bom, conto o que é a revolução, falo de boca cheia. Para nós é ruim, seremos saqueados, não durma.

Noite, lampião diante da janela, gramática judaica, a alma dói, os meus cabelos são úmidos, a tristeza é úmida. Com chá, sua-se. Aparece um reforço – Tsukerman com um fuzil. Radiotelegrafista. Os soldados no pátio, mandam dormir, dão risada. Ouço: desconfio, fiquem onde estão, vou ceifá-los.

Capture a prisioneira. Estrelas, a noite sobre o lugarejo. Um cossaco alto, de brinco, gorro com topo branco.

⁹ **Thornicroft** – carro de fabricação britânica fornecido às tropas brancas do general Deníkin e tomado pelos vermelhos.

¹⁰ **Deníkin, Anton Ivanovitch** (1872-1947) – comandante do exército branco de voluntários.

¹¹ **Tsótov, S. A.** (1882-1938) – comandante de Estado-Maior de campanha da 6ª Divisão de Cavalaria.

Prenderam a louca Stásova – um coxim, ela chamou com o dedo, vamos que eu vou dar para você, comigo ela iria trabalhar a noite inteira, se contorcendo, pulando, mas não teria fugido. Os soldados mandaram todos dormir. Jantam – ovos fritos, chá, picadinho, grosseria inimaginável, esparramados à mesa, patroa, sirva. Utchenik está diante de sua casa, colocam um vigia, comédia, vá dormir, eu mesmo guardo minha casa. Horrível a história com a prisioneira louca, se a acham – a matam.

Não durmo. Eu atrapalhei, disseram, tudo está perdido.

Noite difícil, o tolo com corpo suíno – é o radiotelegrafista. Unhas sujas e maneiras delicadas. Uma conversa sobre a questão judaica. O ferido de camisa negra – fedelho e cafajeste, os velhos judeus correm, as mulheres em fuga. Ninguém dorme. Algumas mocinhas nos degraus, um soldado dorme no divã.

Escrevo o diário. Há uma lâmpada. A janela dá para o parque, passa um combóio. Ninguém deita para dormir. Chegou o carro. Morgan procura um padre, eu o levo aos judeus.

Hórin. Os judeus e os velhos junto às portas. Tochtche foi saqueada, Tochtche está calada. Tochtche está quieta. Serviço limpo. Murmurando – levaram tudo e nem choraram, são especialistas.

Hórin, uma rede de lagos e afluentes, luz do entardecer, aqui houve a batalha, bem diante de Róvno. Conversas com judeus, isso me toca, eles pensam que sou russo e a minha alma se abre. Sentamo-nos no barranco do rio. Paz e suspiros pelas costas. Saio para defender Utchenik. Eu disse-lhes que minha mãe era judia, conversa, Biélaia Tsérkov, o rabino.

RÓVNO – 6. 6. 20

Dormi algumas horas, inquieto. Acordo, o sol, as moscas, a cama boa, travesseiros judeus rosados, plumas. Os soldados batem com as muletas. De novo – sirva-nos, patroa.

Carne frita, açúcar de um cálice facetado, estão todos escarrapachados, suas melenas pendem, usam roupas de campanha prontos para partir, calças vermelhas, gorros, as pernas balançando de um modo desafiador. As mulheres com as faces cor de tijolo, correm ao redor, nenhuma delas dormiu. Duvid Utchenik muito pálido, de colete. Diz-me: não vá embora enquanto eles ainda estão aqui. Um furgão vem recolhê-los. O sol, o parque em frente, o furgão aguarda, foram embora. Terminou. Salvei-os.

O carro chegou ontem ao entardecer. A uma hora vamos de Tochtcha para Róvno. O Górin resplandece ao sol. Passeio pela manhã. Parece que a patroa não pernitoou em casa, a empregada e suas amigas ficaram com os soldados, que queriam violentá-la, a noite inteira, até o amanhecer. Ela alimentou-os sem parar com maçãs, conversas decentes, estamos cansados de guerra, queremos casar, vão dormir. A menina vesga virou falante. Duvid vestiu o seu colete, seu talit, reza contrito, agradece, há farinha na cozinha, fazem massa, estão se mexendo, a empregada de pernas grossas, descalça, é uma judia gorda com peito macio e está arrumando e falando sem parar. As falas da patroa: ela quer que tudo esteja bem. A casa ganha vida.

Vou de Thornicroft a Róvno. Dois cavalos caídos. Pontes quebradas. Um automóvel sobre a balsa, tudo estala, comboios sem fim, ajuntamento, xingamento, descrever

o comboio ao meio dia diante da ponte quebrada, cavaleiros, caminhões, carroças com obuses. Nosso caminhão corre loucamente, apesar de estar todo quebrado, poeira.

Faltando 8 *verstas* para chegar – pára. Cerejas, durmo, suo ao sol. Kusítski, uma figura cômica, lê a sorte num piscar de olhos, põe as cartas. Um enfermeiro de Borodians, as mulheres pagam em natura pelo tratamento, com galinhas assadas ou consigo mesmas, está preocupado o tempo todo – será que o chefe da unidade de saúde vai liberá-lo, mostra-me suas feridas reais, quando sai, manca, largou a garota na estrada a 40 *verstas* de Jitómir, ou então, ela disse, que o chefe do Estado-Maior da divisão a cortejava. Perde a chibata, senta-se semi-nu, bate papo, mente sem pejo, uma foto do irmão, antigo capitão de cavalaria, agora comandante da divisão casado com uma princesa polonesa, fuzilado pelas tropas de Deníkin.

Eu sou um médico.

Em Róvno há poeira, ouro em pó derretido flui sobre as casinhas tristes.

Chega a brigada. Tsótov à janela, os habitantes de Róvno, a aparência dos cossacos, espantosamente calma, um exército confiante. As moças e os judeus jovens observam com admiração, os judeus velhos olham indiferentes. Dar a atmosfera de Róvno, algo de desconexo, instável, e há a vida e as tabuletas polonesas.

Descrever o entardecer.

Os Khastos, uma garota esperta de cabelos negros, vinda de Varsóvia, conduz-me; o enfermeiro, mau cheiro verbal, coquetismo, ”você vai comer conosco”, lavo-me no cômodo de passagem, tudo é incômodo, beatitude, estou sujo e suado, depois chá quente com meu próprio açúcar.

Descrever aquele Khast, figura complexa, voz insuportável, acham que eu não entendo iídiche, brigam sem interrupção, medo animal, o pai – não é coisa simples, o enfermeiro sorridente, cura gonorréia(?), sorri, invisível, mas parece que é de pavio curto, a mãe – somos intelligenti, não temos nada, afinal ele é enfermeiro, trabalhador, que venham eles, porém devagarinho, estamos cansados, um acontecimento estonteante – o filho redondo com sorriso astuto e idiota atrás das lentes redondas de seus óculos, conversa capcioso, servem-me comida, um monte de irmãs, todas canalhas (?). Um dentista, um neto ou coisa que o valha, com o qual conversam aos guinchos histéricos, como com os anciãos. Chegam judeus jovens, gente de Róvno, com as faces chatas e amareladas de medo e olhos de peixe, contam as atrocidades polonesas, mostram passaportes, havia um ato solene sobre a anexação com a Polônia junto com a Volínia. Encontro-me pensando na cultura polonesa, em Sienkiewicz, nas mulheres deles, na Polônia grande potência, nasceram tarde demais, agora vige a autoconsciência de classe.

Dou a roupa para lavar. Tomo chá sem parar, suo feito uma besta e observo os Khastos com atenção, fito-os. Noite no divã. Pela primeira vez desde o dia da partida me dispo. Eles fecham todas as venezianas, há luz elétrica, um abafamento horrível, lá dorme um monte de gente, relatos sobre os saques das tropas de Budiónni, frêmito e horror, atrás das janelas os cavalos fungam, pela rua Chkólna passam os comboios, é noite.

Passei a noite sobre o feno com os soldados do esquadrão do Estado-Maior. Dormi mal, penso nos manuscritos. Angústia, fraqueza, sei que superarei isso, mas quando? Penso nos Khostos, piolhos, lembro-me de tudo, e dessas almas fedorentas e dos olhos de ovelha, e das vozes altas, estridentes e inesperadas. E do pai, sorridente.

O mais importante – ele e o seu sorriso, pavio curto, muitos enigmas, lembranças mal-cheirosas de escândalos passados. Figura imensa, a mãe, ela é brava, medrosa, comilona, desagradável, parada, olhar de expectativa. Revoltante e elaborada mentira da filha, os olhos sorridentes do filho atrás dos óculos.

Vagueio pela aldeia. Vou a Klevan, um lugarejo tomado pela 3ª Brigada de cavalaria da 6ª Divisão. Nossas patrulhas apareceram ao longo da estrada de Róvno a Lutsk, o Lutsk está sendo evacuado.

Nos dias de 8 a 12 há combates acirrados, morreu Dúnditch,¹² morreu Chtchadólov, comandante do 36º Regimento, perdemos muitos cavalos, amanhã saberemos ao certo.

Ordens do Budiónni, sobre a entrega de Róvno, sobre a enorme exaustão das tropas, sobre o fato de os ataques furiosos de nossas brigadas não darem os resultados de antes, batalhas ininterruptas desde o dia 27 de maio, se não houver um descanso o exército não terá condições de combater.

Será que não foi prematura essa ordem? Tem sentido, isto acordará a retaguarda em Klevan. Sepultamento de 6 ou 7 soldados vermelhos. Sigo a tatchanka.¹³ Marcha fúnebre. Na volta do cemitério, uma marcha animada, não se vê nenhuma procissão. O marceneiro, judeu barbudo, está montando caixões.

A rua principal é também a *Schossowa*.

Minha primeira requisição é uma caderneta de notas. Anda comigo o servente Menache. Almoço no Mudrik, a mesma história, os judeus foram saqueados, espanto, eles esperavam o regime soviético como um redentor, e de repente gritos, chibatas, *jidi*.

Fui rodeado por um grupo deles, conto-lhes sobre a nota para Wilson, sobre os exércitos de trabalho, os judeuzinhos escutam, sorrisos astutos e simpáticos, um judeu de calça branca que viera ao bosque de pinhos se tratar, quer ir para casa.

Os judeus estão sentados em aterros, moças e velhos, está calmo, quente, poeirento, o camponês (Parfenti Mélnik, o mesmo que serviu no exército em Elisavetpolie) queixa-se que a égua está inchada de tanto leite, tomaram o seu potrinho, tristeza, os manuscritos, os manuscritos, eis o que escurece a alma.

O coronel Górov foi eleito prefeito pela população, 60 anos, aristocrático rato da pré-reforma.¹⁴ Falamos do exército, sobre Brusílov,¹⁵ se Brusílov foi-se, o que temos de pensar. Bigodes grisalhos, murmúrio sem dentes, um sujeito à antiga, fuma tabaco caseiro, mora no prédio da administração, tenho pena do homem.

¹² **Dúnditch, Oleko** (1893-1920) foi sub-comandante do 36º Regimento de Cavalaria da 6ª Divisão.

¹³ **Tatchanka** – um veículo leve de quatro rodas e plataforma plana tirada por uma ou duas parselhas de cavalos. Durante a Guerra Civil, era usada como plataforma de metralhadora pesada Maxim (cerca de 66 kg) e manejada por uma equipe de dois a três homens. Foi utilizada tanto pelas tropas de cavalaria vermelha como branca. Pela sua rapidez e mobilidade era uma arma temível.

¹⁴ **Tempo de pré-Reforma** – refere-se ao período anterior a 1861, quando o Alexandre II promoveu reformas de caráter econômico e social, incluindo a emancipação dos servos.

¹⁵ **Brusílov, Aleksei Alekseevitch** (1853-1926) – general russo que comandou o setor sudoeste do Front Oriental na I Guerra Mundial. De 1920 a 1924 serviu como assessor e Inspetor de Cavalaria no Exército Vermelho.

O escrivão da administração local, um *khokhol* bonito, ordem ideal, re-treinado em polonês, mostra-me os livros, na estatística da *volost* – 18600 pessoas, dentre eles 800 poloneses. Quiseram unir-se à Polônia, houve um ato solene de anexação ao Estado polonês.

O escrivão também é da pré-reforma, está com calças de veludo, fala *khokhol*, afetado pelos novos tempos, bigodinho.

Klevan, suas estradas, suas ruas, os camponeses e o comunismo estão muito distantes uns do outro.

Plantação de lúpulo, muitas mudas, verdes paredes retangulares, um cultivo complicado.

O coronel tem os olhos azuis, o escrivão, os bigodes sedosos.

É noite, o trabalho do Estado-Maior em Beliov. Quem é Jolnárkevitch?¹⁶ Um polonês? Os seus sentimentos? Uma comovente amizade de dois irmãos. Konstantin e Mikháilo.¹⁷ Jolnárkevitch é um velho servidor, preciso sem esforço, enérgico sem espalhafato, bigodes poloneses, pernas finas polonesas. O Estado-Maior é o Jolnárkevitch e mais 3 escriturários esgotados ao anoitecer.

É um trabalho imenso, a disposição das brigadas, não há suprimentos, e o principal – a direção operacional, é feita imperceptivelmente.

Os mensageiros dormem no chão junto ao Estado-Maior. Ardem velas finas, o chefe do Estado-Maior da divisão, de gorro, esfrega a testa e dita sem parar – notas operacionais, ordens para a artilharia divisional, para o Estado-Maior de campo, mantemos a direção para Lutsk.

É noite, durmo sobre o feno com Lépin, um lituano, os cavalos desgarrados vagueiam à nossa volta, arrancam o feno que está sob minha cabeça.

BELIOV – 12. 7. 20

Pela manhã comecei a escrever o diário das ações militares. Analiso relatórios operacionais. O diário será uma peça interessante.

Depois do almoço monto no cavalo do mensageiro Sókolov. (Com tifo reincidente, de blusão de couro, está deitado ao lado, no chão, magro e raçudo, segurando uma chibata na mão emagrecida, fugiu do hospital – não lhe davam comida e era chato. Doente nesta terrível noite da retirada de Róvno, todo encharcado de água, comprido, combaleante, conversa com os donos da casa, quer saber, porém de modo imperativo como se todos os camponeses fossem seus inimigos). Chpákov, uma colônia tcheca. Região rica, muita aveia e muito trigo. Atravesso as aldeias – Peresópnitsa, Milostóvo, Plóski, Chpákov. Há a linária, dela se extrai óleo de girassol e há muito trigo sarraceno.

Aldeias prósperas, calor de meio-dia, estradas poeirentas, céu transparente sem nuvens, o cavalo é preguiçoso, meto-lhe o chicote e ele corre. É a minha primeira viagem a cavalo. Em Milostóvo pego uma carroça de Chpákov, vou atrás da tatchanka e dos cavalos com uma ordem escrita do Estado-Maior divisional.

Meu coração amolece. Observo com admiração a vida não russa, limpa e forte dos tchecos. Um bom chefe da aldeia, os cavaleiros galopam em todas as direções, cada

¹⁶ Jolnárkevitch, Konstantin Kárlovitch – Chefe do Estado-Maior da 6ª Divisão. No texto, usualmente, Bábel refere-se a ele como “Konstantin Kárlovitch” ou “K. Kárlitch” e ainda “Karl Kárlovitch”.

¹⁷ Mikháilo, irmão de Konstantin Jolnárkevitch.

vez com novas exigências, quarenta carroças de feno, 10 porcos, agentes do Comitê de requisições, pão, o recibo está com o chefe da aldeia, recebemos a aveia, obrigado. Comandante do pelotão de reconhecimento do 34º Regimento.

Sólidas casas brilham ao sol, telhas de barro, ferro, pedra, maçãs, prédio de pedra da escola, mulheres de tipo semi-urbano, aventais coloridos. Vamos ao moleiro Iurípov, o mais rico e culto deles. Um tcheco típico, alto e bonito com um bigode à européia. Belo pátio, pombal – isso me toca – máquinas novas de moagem, prosperidade passada, paredes brancas, pátio amplo, uma casa térrea espaçosa e clara, um belo quarto. Uma família decerto boa, a deste tcheco: um pobre e velho pai fibroso, boa gente, um filho forte com dentes de ouro, aprumado e de ombros largos. Provavelmente uma boa esposa jovem, e filhos.

O moinho, naturalmente, foi aperfeiçoado.

O tcheco está empanturrado de recibos. Pegamos os quatro cavalos e demos recibo em nome do Comissariado regional de Róvno, levamos o faeton e damos em troca uma tatchanka quebrada, três recibos pela farinha e aveia.

Chega a brigada, bandeiras vermelhas, um corpo poderoso e compacto, comandantes confiantes, experientes, os olhos calmos dos combatentes com melenas, poeira, silêncio, ordem, banda, distribuem-se pelas casas. O comandante da brigada grita-me para não pegar nada daqui, ”aqui é o nosso distrito”. À distância, o tcheco observa preocupado o agitado comandante da brigada, jovem e ágil. Conversa amavelmente comigo, oferece a tatchanka quebrada, mas ela cai aos pedaços. Eu estou sem ânimo. Vamos à segunda, à terceira casa. O chefe da aldeia indica onde podemos pegar coisas. O velho tem realmente um faeton, o filho sopra no meu ouvido que ele está quebrado, a dianteira é ruim. Penso: será que você tem uma noiva ou será que vocês todos vão à igreja aos domingos? Está quente, dá preguiça, sinto pena, oscavaleiros vasculham tudo. Assim é a liberdade, no começo. Não peguei nada, poderia fazê-lo, não sou um bom homem de Budiónni.

Na volta, anoiteceu. Pegaram um polonês no centeio, como se caçassem uma fera. Amplos campos, sol escarlate, névoa dourada, os trigais se agitam, conduzem o gado pela aldeia, caminhos poeirentos rosados. Das bordas das nuvens peroladas saem línguas de fogo, chamas alaranjadas em formato incomum, delicado. As carroças levantam poeira.

Trabalho no Estado-Maior (o cavalo trota bem), vou dormir ao lado de Lépin. Ele é lituano, focinho achatado, suíno, óculos, parece ser de gênio bom. Um homem de Estado-Maior.

Graceja grosseiramente de um modo inesperado. Vó, quando é que você vai morrer? Não pára.

No Estado-Maior não há querosene. Ele diz – nós buscamos a luz, mas não temos iluminação, vou brincar com as moças da aldeia, estendeu a mão, não solta, cara tensa, o lábio suíno treme e os óculos balançam.

BELIOV – 13. 7. 20

Sou aniversariante. Faço 26 anos. Penso em minha casa, meu trabalho, minha vida voa. Não há manuscritos. Angústia cega, vou superar. Continuo com o meu diário, será uma coisa interessante.

Os escriturários são bonitos e jovens, jovens russos do Estado-Maior cantam árias de operetas, um pouco estragados pelo trabalho no Estado-Maior. Descrever os ordenanças, o chefe do Estado-Maior e os demais: Tcherkáchin, Tarássov – trapeiros, lambe-botas, puxa-sacos, glutões, preguiçosos, herança do passado, eles sabem quem manda.

O trabalho do Estado-Maior em Beliov, uma máquina bem ajustada, excelente chefe, trabalho automático e um sujeito vivo. Uma descoberta: ele é polonês. Tiraram-no dali, mas por insistência do comandante da divisão tiveram que repô-lo. Estimado por todos, dá-se bem com o comandante da divisão, o que ele sente? Nem é comunista, é polonês, mas serve lealmente, como um cão de guarda. Entenda-se isso.

Sobre as operações.

Onde estão as nossas unidades.

Operação sobre Lutsk.

A composição da divisão, os comandantes de brigada.

Eis como decorre o trabalho do Estado-Maior: a diretiva, depois a ordem, depois o relatório operacional, depois o relatório do grupo de reconhecimento, arrastamos a Seção Política, o Tribunal Revolucionário, a reserva da remonta.

Vou a Iasiniévitchi trocar a carroça por uma tatchanka e cavalos. Uma poeira incrível, calor. Atravessamos Peresópnița, alegria nos campos, meu 27º ano. Medito, centeio maduro, sorgo, muito boa aveia em alguns lugares, as pétalas da papoula fenecem, não há cerejas, as maçãs não amadureceram ainda, muita linhaça, trigo sarraceno, muitos campos pisados, lúpulo.

Terra rica, mas na medida certa.

O chefe de reserva da remonta Diákov: um quadro feérico, calças vermelhas com listras prateadas, cinto marchetado, ele é de Stavrópol, figura apolínea, bigodes curtos e grisalhos, 45 anos, tem um filho e um sobrinho, xingações fantásticas, trazem coisas do departamento de abastecimento, arrebentou a mesa mas conseguiu o que queria. Os soldados gostam de Diákov, nós temos um comandante heróico, foi atleta, é semi-alfabetizado, “agora eu sou Inspetor de Cavalaria”, um general. Diákov é comunista, antigo e bravo companheiro de Budiónni.

Encontrou um milionário, com a dama pelo braço. “Como é senhor Diákov, não nos encontramos no clube?” “Estive em 8 países, quando pisar no palco, só preciso pisar”.

Ele é dançarino, harmonista, espertalhão, mentiroso, uma figura pitoresca. Lê os papéis com dificuldade, sempre os perde, esta burocracia sufoca, se eu renunciar o que farão sem mim, xingamentos, conversas com camponeses, eles ficam boquiabertos.

Uma tatchanka e um par de cavalos magros, falar sobre os cavalos.

Com as exigências que fiz a Diákov, ufa, cansei. Distribuir a roupa de baixo, uma coisa atrás de outra, atitude paternalista. Você será (diz ao doente) o tropeiro aqui. Vamos para casa. É noite. Serviço do Estado-Maior.

Moramos na casa da mãe do chefe da aldeia. Mulher alegre de fala rápida, a barra da saia presa, trabalha como formiga para os seus e ainda para 7 pessoas. Tcherkáchin (o ordenança de Lépin) é insolente e aborrecido, não dá sossego. Estamos sempre exigindo alguma coisa, há crianças perambulando em nossa volta, tomamos o feno. A casa está cheia de moscas, crianças, velhos, uma noiva, soldados que se amontoam e gritam.

A velha está doente. Os velhos vêm visitar e ficam em silêncio contrito. Uma lâmpada.

É noite, o Estado-Maior, o telefonista falante, K. Kárlitch escreve relatórios. Os mensageiros, o escrevente de plantão, dormem. Na aldeia, uma escuridão, um escriturário sonolento datilografa uma ordem, K. Kárlitch é preciso como um relógio, os mensageiros chegam silenciosamente.

A operação em Lutsk. Conduzida pela 2ª Brigada, ainda não tomaram a cidade. Onde estão as nossas unidades avançadas?

BELIOV – 14. 7. 20

Sókolov está morando com a gente. Está deitado sobre o feno, comprido, russo, com botas de couro. Mícha, um rapaz inofensivo e corado de Oriol. Quando ninguém olha, Lépin se engraça com a empregada de rosto achatado e tenso. Nossa hospedeira é de fala rápida, chistes, trabalha sem se cansar. A velha sogra, uma velhinha ressecada, gosta dela. Tcherkáchin, ordenança de Lépin, abusa, tagarelando sem parar.

Lépin adormeceu no Estado-Maior, a cara completamente idiota, não consegue acordar de jeito nenhum. Ouve-se um gemido pela aldeia, trocam cavalos por trastes, pisam os trigais, tomam o gado. Queixas ao chefe do Estado-Maior. Tcherkáchin é preso, espancou um mujique. Lépin gasta 3 horas para escrever uma carta ao Tribunal. Alega que o Tcherkáchin encontra-se sob a revoltante influência das tiradas provocadoras do oficial vermelho Sókolov. Não aconselho colocar 7 soldados numa só casa.

Sókolov, raivoso e magro, diz-me: “estamos destruindo tudo, odeio a guerra”.

Por que todos eles, Jólnárlkevitch e Sókolov, estão aqui, na guerra? Tudo isso é inconsciente, inerte, impensado. Belo sistema.

Frank Mosher.¹⁸ Aviador americano abatido, descalço mas elegante, seu pescoço é uma coluna, dentes brancos ofuscantes, o traje sujo de óleo e lama. Pergunta-me ansioso, será que cometi um crime lutando contra a Rússia soviética? Nossa causa é forte. Ah, como cheira a Europa, café, civilização, força, cultura antiga, muitos pensamentos, olho-o, não consigo deixar de olhá-lo. Carta do major Fauntleroy – vai mal a Polônia, não há constituição, os bolcheviques são fortes, os socialistas estão no centro da atenção mas não no poder. É necessário encontrar novos métodos de guerra. O que dizem os soldados da Europa Ocidental? O imperialismo russo, querem eliminar as nacionalidades, os costumes – e, o que é mais importante, tomar todas as terras eslavas. Que palavras antigas. Conversas sem fim com Mosher, mergulho no passado. Vão chacoalhá-lo Mosher, hein, Conan Doyle, cartas para Nova York. Mosher é sincero ou não? Quer ficar sabendo, febrilmente, o que é bolchevismo. Sensação triste e adocicada.

Estou me acostumando com o Estado-Maior. Meu cocheiro, Grichtchuk tem 39 anos, 6 anos como prisioneiro na Alemanha, a 50 *verstas* de casa (ele é do distrito de Kremenéts). Não o deixam ir lá, ele não diz nada.

O comandante da divisão Timochenko¹⁹ está no Estado-Maior. Figura colorida. É um colosso, calças vermelhas com aplicações de couro, quepe vermelho, aprumado, antigo líder de pelotão, foi metralhador, no passado sub-oficial de artilharia. Contos len-

¹⁸ **Frank Mosher**, codinome usado pelo Capitão Merian C. Cooper de Jacksonville, Florida, que teve a idéia de formar o Esquadrão Kosciuszko, com pilotos americanos, para lutar ao lado dos poloneses. O esquadrão era comandado pelo Major Cedric E. Fauntleroy.

¹⁹ **Timochenko, Simion Konstantinovitsh** (1895-1970) – Comandante da 6ª Divisão até agosto de 1920. Futuro Marechal da União Soviética e Comissário da Defesa.

dários. O comissário da 1ª Brigada assustou-se com o fogo: rapazes, a cavalo! Começou a bater com a chibata em todos os chefes, inclusive em Kniga,²⁰ que atirou nele. "A cavalo, suas cadelas!" Corre, 5 tiros, camaradas, ajudem, "você vão ver só!" Furou o braço e um olho, o revólver falhou, eu esculhambei o comissário, eletriza os cossacos. Um homem de Budiónni – com ele na frente, ou os poloneses nos matam, ou ele mata.

A 2ª Brigada ataca Lutsk, à tarde teve de recuar, o inimigo contra-ataca com grande vigor, quer alcançar Dúbno. Nós ocupamos Dúbno.

Comunicado: foram tomados Minsk, Bobruisk, Molodietchno, Proskúrov, Sventsíani, Sárni, Staro-Konstantínov. Aproximam-se da Galícia, onde haverá manobra da cavalaria para Stir ou Bug. Kovel é evacuado, há forças maiores em Lvov, segundo Mosher. Haverá um assalto.

O agradecimento do comandante da divisão pela batalha diante de Róvno. Transmitir a ordem.

A aldeia, deserta, luzes no Estado-Maior, judeus presos.

Os homens de Budiónni trazem o comunismo, uma velha chora. Pois é, os russos vivem uma vida sem graça. Onde está a alegria ucraniana? Começa a colheita. A papoula está madura, onde achar grãos para os cavalos e *vareniki* com cerejas?

Que divisões temos à nossa esquerda?

Mosher está descalço, é meio-dia, Lépin, tapado.

BELIOV – 15. 7. 20

Interrogatório dos desertores. Eles mostram nossos próprios panfletos. É grande o seu efeito, os folhetos ajudam os cossacos.

É curioso o nosso comissário, Bakhtúrov,²¹ aguerrido, gordo, xingador, está sempre nas linhas de frente.

Descrever o trabalho do correspondente de guerra, o que é um correspondente de guerra?

Preciso pegar os boletins das operações com o Lépin, é uma tortura. O Estado-Maior está instalado na casa de um judeu convertido.

À noite, os mensageiros ficam junto ao prédio do Estado-Maior.

Começam a ceifar. Estou aprendendo a reconhecer as plantas. Amanhã será o aniversário de minha irmã.

Descrição da Volínia. Os mujiques vivem miseravelmente, sujeira, estamos comendo. Matiách lírico, mulherengo, mesmo quando fala com a velha é insinuante.

Lépin corteja a empregada.

Nossas unidades estão a uma versta e meia de Lutsk. O exército prepara o avanço da cavalaria, concentra as forças em Lvov e as conduz para Lutsk.

Pegamos uma proclamação de Pilsudski²²: "guerreiros da *Rzecz Pospolita*", uma proclamação tocante. "Nossos túmulos branqueiam com os ossos de cinco gerações de combatentes, nossos ideais, nossa Polónia, nossa casa brilhante, a pátria olha para vocês,

²⁰ Kniga, V. I. (1882-1961) – Comandante da 1ª Brigada da 6ª Divisão.

²¹ Bakhturov, P. V. (1889-1920) – Comissário da 6ª Divisão de novembro de 1919 a agosto de 1920.

²² Pilsudski, Józef (1867-1935) – Presidente da Polónia e comandante-em-chefe do Exército Polonês, 1918-1922. Foi Ministro da Defesa de 1926 a 1935.

trêmula, nossa jovem liberdade, só mais um esforço, nós lembraremos de vocês, tudo para vocês, soldados da *Rzecz Pospolita*”.

Tocante, triste, mas não tem argumentos férreos como os dos bolcheviques, não tem promessas e palavras como ordem, ideais, vida em liberdade. Estamos levando a melhor!

NOVOSIÉLKI – 16. 7. 20

Foi recebida a ordem do exército: tomar as passagens sobre o rio Stir no setor Rójechtche-Iálovitchi.

O Estado-Maior muda para Novosiélki, a 25 *verstas*. Vou junto com o comandante da divisão, o esquadrão do Estado-Maior, os cavalos galopam, florestas, carvalhos, trilhas, o quepe vermelho do comandante da divisão, sua figura possante, corneteiros, beleza, uma nova tropa, comandante e esquadrão: um só corpo.

A residência, hospedeiros jovens bastante ricos, há porcos, uma vaca, só sabem dizer “não há nada”.

Jolnárkiévitch conta o caso do enfermeiro esperto. Duas mulheres: era preciso dar conta delas. Deu óleo de rícino para uma, e quando o óleo atuou, deu em cima da outra.

Uma coisa terrível, o amor de soldado. Dois cossacos robustos combinaram com a mesma mulher. Vai aguentar – aguentarei. Um foi três vezes, na vez do outro ela ficou dando voltas pelo quarto e borrou todo o chão. Eles a enxotaram e não pagaram nada, foi esforçada demais.

Sobre os oficiais de Budiónni: são condottieri ou futuros usurpadores? Saíram do meio dos cossacos, o que é o principal. Descrever a origem destes destacamentos, todos esses Timochenko, Budiónni, eles mesmos formaram os destacamentos de um modo geral, de vizinhos da stanítsa. Agora o regime soviético deu-lhes organização.

A ordem dada à divisão é cumprida, uma forte coluna se desloca de Lutsk para Dúbno. A ordem de evacuação de Lutsk, evidentemente, foi revogada pois lá chegam tropas e equipamentos.

Com os jovens hospedeiros. Ela, alta com traços de beleza rural, arranja-se com 5 crianças, esparramadas no banco. É curioso, cada criança cuida da outra, “mãe dê-lhe o peito”. A mãe, aprumada, corada e séria, está deitada entre as crianças que se mexem. O marido é bom. Sókolov: é preciso fuzilar estes filhotes, para que parir? O marido: é dos pequenos que sairão os grandes.

Descrever nossos soldados: Tcherkáchin (voltou hoje meio beliscado do Tribunal) é insolente, comprido, depravado, que exemplar da Rússia comunista. Matiách, *khokhol*, preguiçoso ao extremo, mulherengo, sempre metido em algum rolo, botas desamarradas, movimentos lentos. O ordenança de Sókolov, Mícha, esteve na Itália, é bonito, desleixado.

Descrever a viagem com o comandante de divisão. Um pequeno esquadrão, a comitiva do comandante, Bakhtúrov, velhos companheiros de Budiónni. Na saída tocam uma marcha.

O chefe do Estado-Maior está sentado num banco. Um lavrador está se engasgando de indignação, mostra um traste semi-morto que lhe deram em troca de um cavalo

bom. Chega Diákov, a conversa é curta e grossa, por um cavalo desses pode receber 15 mil, por este outro 20 mil. Se conseguir se levantar, então é um cavalo.

Tomam porcos, frangos, a aldeia geme. Descrever o nosso sistema de abastecimento. Durmo dentro de casa. Suas vidas, um horror. Moscas. Falar dessas moscas, miríades delas. Cinco crianças infelizes gritando.

Escondem de nós os mantimentos.

NOVOSIÉLKI – 17. 7. 20

Começo o diário da guerra desde 16.7. Vou a Polja, no Departamento Político, lá comem pepinos, há sol, dormem descalços atrás de montes de feno. Iakóvliev promete cooperar. O dia passa em trabalho. Lépin ficou com um lábio inchado. Ele tem os ombros caídos. É difícil estar com ele. Nova página: estudo a ciência das operações militares.

Junto a uma casa há uma vaca esfaqueada. As tetas azuladas encostam no chão, apenas pele. Uma pena indescritível! Uma jovem mãe assassinada .

NOVOSIÉLKI — MÁLI DOROGOSTAI – 18. 7. 20

O exército polonês concentra-se na região de Dúbno-Krimiénets para um avanço decisivo. Sustamos a manobra antecipando-nos. O exército passa para a ofensiva no setor sul, nossa divisão está na reserva. Nossa tarefa é tomar as passagens sobre Stir na região de Lutsk.

Pela manhã entramos em Máli Dorogostai (ao norte de Mlínov), deixamos o comboio, os doentes e também o Estado-Maior administrativo. É obvio que a operação é iminente.

Vem uma ordem do *front* Sudoeste, quando formos para a Galícia – as forças soviéticas estarão cruzando a fronteira pela primeira vez – devemos tratar bem a população. Não estamos entrando num país conquistado, o país pertence aos operários e aos camponeses da Galícia, e somente a eles, nós estamos indo lá ajudá-los a estabelecer o regime soviético. Uma ordem importante e sábia, será que a guardarão os trapeiros? Não.

Desfilamos. Corneteiros. Rebrilha o quepe do comandante da divisão. Converso com ele sobre a minha necessidade de um cavalo. Passamos por florestas, é tempo de colheita que é pouca, pobre. Aqui e ali um par de mulheres e alguns velhos. Florestas seculares da Volínia. Grandiosos carvalhos verdes e carpinos, entende-se porque o carvalho é rei.

Andamos pelas veredas com dois esquadrões do Estado-Maior, eles estão sempre com o comandante da divisão, são uma tropa de elite. Descrever os arreios de seus cavalos, sabres em veludo vermelho, sabres curvos, coletes, tapeçarias sob as selas. Estão vestidos pobremente, apesar de cada um ter 10 túnicas, isso é o máximo da moda, sem dúvida.

Terras aradas, caminhos, sol, o trigo está amadurecendo, pisamos os campos, a colheita é fraca, os caules de baixa estatura. Aqui há muitos colonos tchecos, alemães e poloneses. São outra gente, há abundância, limpeza, esplêndidos pomares, comemos maçãs e

peras ainda verdes, todos querem hospedar-se em casas de estrangeiros, surpreendo-me, também, com esse desejo. Os estrangeiros estão assustados.

Cemitério judeu fora de Malin, centenas de anos, as pedras tombaram, quase todas do mesmo formato, ovais na parte de cima; o cemitério está tomado pelas ervas, ele já viu Khmelnítski²³ e agora Budiónni, infeliz população judaica, tudo se repete, agora esta é a história: poloneses, cossacos, judeus. Tudo se repete com espantosa precisão, só há uma novidade: o comunismo.

Cada vez com maior frequência encontramos trincheiras da última guerra, arame farpado por todos os lados, será suficiente para as cercas pelos próximos 10 anos. Aldeias destruídas, reconstrução em toda parte, mas pouca, não há nada, nenhum material para tanto, nenhum cimento.

Nas paradas com os soldados, feno para os cavalos, todos têm longas histórias: Deníkin, seus sítios, seus líderes, os Budiónni e os Kniga, campanhas com 200 homens, assaltos de bandoleiros, a vida cossaca rica e livre, quantas cabeças de oficiais foram cortadas. Lêem o jornal, mas não guardam os nomes, como é fácil reverter tudo.

Comaradagem esplendida, união, amor pelos cavalos, o cavalo ocupa um quarto do dia, infundáveis permutas e conversas. O papel e a vida do cavalo.

Uma relação peculiar com a chefia, simples, familiar.

Máli Dorogostai, completamente arrasada, está em reconstrução.

Entramos no pomar do padre. Tomamos o feno, comemos frutas, um pomar maravilhoso cheio de sombra, igreja branca. Havia vacas, cavalos, o padrego de trancinhas anda atônito e recolhe recibos, Bakhtúrov deitado de bruços, come coalhada com cerejas, diz: dar-lhe-ei recibos, como não.

Na casa do padre comemos pelo ano inteiro. Está arruinado, dizem. Quer se alistar, “você tem capelões?”

Ao entardecer no alojamento. De novo: “não tem nada”, todos mentem. Escrevo o diário, servem batatas na manteiga. À noite na aldeia, um enorme círculo flamejante diante dos olhos, da aldeia destruída partem campos amarelos. Noite. Luzes no Estado-Maior, há sempre luzes no Estado-Maior. Karl Kárlovitch dita as ordens, nunca esquece nada, os telefonistas estão sentados de cabeça baixa. Karl Karlóvitch já serviu em Varsóvia.

MÁLI DOROGOSTAI — SMORDVÁ — BEREJTSY — 19.7.20

Dormi mal à noite. Cólicas no estômago. Ontem comemos peras verdes. Sinto-me péssimo. Sairemos ao amanhecer.

O inimigo ataca no setor de Mlinov-Dúbno. Forçamos a entrada em Radsivilov.

Hoje ao amanhecer houve um avanço decisivo de todas as divisões, de Lutsk até Kreminets. A 5ª e a 6ª Divisão estão concentradas em Smordova. Kósin foi tomado.

Avançamos, portanto, para o sul.

Saímos de Máli Dorogostai. O comandante da divisão saúda os esquadrões, os cavalos fremem. A banda toca. Alongamo-nos pela estrada. É insuportável. Atravessamos Mlinov-Berijtsi, não conseguimos entrar em Mlinov, que é um lugarejo judeu.

²³ **Khmelnítski, Bogdan** (1595 – 1657) – Hetman (*líder*) dos cossacos zaporogas, Liderou a rebelião contra o domínio polonês na Ucrânia com o objetivo de transferir o controle da região a leste do rio Dniepr para a Rússia.

Aproximamo-nos de Berejtsi, há um canhoneio, o Estado-Maior retorna, cheiro de graxa, pelas beiradas arrastam-se unidades de cavalaria. Smordva, casa do padre, senhoritas provincianas chorosas de meias brancas, há muito que não via iguais. A mulher do padre ferida, manca, o padre é fibroso, a casa, sólida. O chefe do Estado-Maior e o comandante da 14ª Divisão; aguardamos a chegada das brigadas. O Estado-Maior está numa elevação, um Estado-Maior verdadeiramente bolchevique, o comandante da divisão Bakhtúrov, comissários. Estamos sob o fogo, o comandante da divisão é batuta: inteligente, persistente, dandi, seguro de si, imaginou um movimento de contorno contra Bokúnin, o avanço é atrasado, ordens são dadas às brigadas. Koliósov²⁴ e Kniga chegam a galope (o famoso Kniga, famoso por quê). Magnífico o cavalo de Koliósov, Kniga tem o rosto de padeiro, um *khokhol* eficiente. As ordens são rápidas, um consulta o outro, o tiroteio aumenta, os obuses caem a 100 passos.

O comandante da 14ª Divisão é mais mole, tolo, conversador, um intelectual, passa-se por um homem de Budiónni, xinga sem parar, “eu lutei a noite toda”, gosta de exhibir-se. As brigadas deslocam-se em longas fitas curvas na margem oposta, alvejamento dos comboios de suprimentos, colunas de pó. Os regimentos de Budiónni com os comboios, tapetes sob as selas.

Sinto-me cada vez pior. Estou com 39,8 de febre. Chegam Budiónni e Vorochílov²⁵.

Conselho de guerra. O comandante da divisão passa voando. Começa a batalha. Estou deitado no pomar do padre. O Grechtchuk, completamente apático. O que é Grechtchuk: mansidão, silêncio sem fim, moleza sem limites. Está a 50 *verstas* de casa, 6 anos fora de casa, e não foge.

Sabe o que é a chefia, os alemães lhe ensinaram.

Começam a chegar os feridos, ataduras, os ventres nus, paciência infundável, calor insuportável, tiroteio contínuo dos dois lados, não há como se esquivar. Budiónni e Vorochílov sentados nos degraus. O quadro da batalha, os cavaleiros voltam, empoeirados, suados, corados, nenhum sinal de agitação, cortaram com sabres, são profissionais, tudo transcorreu na maior calma – é isso que os torna especiais, confiança em si mesmos, trabalho árduo, correm as enfermeiras a cavalo, o blindado Jgutchi. À nossa frente a mansão do conde Liedokhovski, um edifício branco junto ao lago, não é alto demais e nem ostensivo, cheio de nobreza, lembro-me da infância, romances, lembro de muitas coisas. Na enfermaria, um jovem judeu bonito e lastimável, talvez recebesse o salário do conde, está cinza de tão triste. “Perdão, como está a situação no *front*?” Os poloneses o atormentavam, zombavam dele. Pensa que agora começará a viver; a propósito: os cosacos nem sempre procedem bem.

O reboar da batalha – cavaleiros a galope, relatos da situação, os feridos, os mortos.

Durmo junto ao muro da igreja. Um comandante de brigada dorme com a cabeça apoiada no ventre de uma mocinha.

Suei, sinto-me melhor. Cavalgo até Berejtsi, lá está o Estado-Maior, uma casa destruída. Tomo chá de cereja, deito na cama dos donos, suo, pó de aspirina. Se ao menos pudesse dormir. Recordo-me – tive febre, calor, há soldados gemendo junto à cerca da igreja e outros de sangue frio põem os potros a correr, para dentro.

²⁴ **Koliósov, N. P.** – Comandante de um dos regimentos da 6ª Divisão.

²⁵ **Vorochílov, Kliment Efremovitch** (1881-1969) – Comissário do Primeiro Exército de Cavalaria e membro do Conselho Revolucionário Militar. Comissário do Povo da Defesa de 1925 a 1940. Um dos primeiros Marechais da União Soviética.

Berejtsi, Sienkiewicz, tomo chá de cereja, deitado num colchão de molas, ao lado uma criança respira com dificuldade. Apago-me por um par de horas. Acordam-me. Suei. À noite voltamos para Smordva, e daí para mais adiante, até a borda do bosque. Viagem à noite, a lua, em algum lugar, à frente está o esquadrão.

Uma pequena *isbá* na floresta. Homens e mulheres dormem junto à parede. Konstantin Kárlovitch dita. Um quadro raro, o esquadrão dorme em volta, tudo está mergulhado em trevas, não se vê nada, um vento frio sopra da floresta, tropeço em cavalos, no Estado-Maior há gente comendo, sinto-me mal, deitado no chão junto à *tatchanka*, durmo 3 horas, coberto com um xale e com o capote de Barsúkov, é bom.

ELEVAÇÃO JUNTO A SMORDVA, PELTCHA – 20. 7. 20

Saímos às 5 horas da manhã. Chuva, umidade, andamos pelas florestas. A operação vai indo bem, nosso comandante da divisão escolheu bem o caminho para o desvio, continuamos em movimento circular. Estamos encharcados, trilhas florestais. A volta que damos leva-nos a Peltcha, por Bokuika. Uma informação: às 10 horas foi tomada Dobrívodka e às 12 horas, após uma resistência mínima, Kósin. Perseguímos o adversário, vamos a Peltcha.

Florestas, sendas florestais, os esquadrões serpenteiam à frente.

Minha saúde melhora, por razões insondáveis.

Estudo a flora de Volínia, muita coisa foi derrubada, bordas da mata cortadas, restos de guerra, arame farpado, trincheiras brancas. Carvalhos verdes majestosos, carpinos, muitos pinheiros, salgueiro – uma árvore grandiosa e modesta, chuva na floresta, caminhos lavados pela água na floresta, freixos.

Por veredas florestais vamos a Peltcha. Chegamos por volta das 10 horas. Novamente uma aldeia, uma patroa altona, aquele cansativo “não há nada”, bem limpo, o filho foi soldado, dá-nos ovos, não há leite, dentro da casa um calor insuportável. A chuva empapa todas as estradas, lama preta pegajosa, não dá para chegar ao Estado-Maior. Fico o dia inteiro dentro de casa, faz calor, atrás da janela a chuva. Como é aborrecida e insossa esta vida: pintinhos, uma vaca escondida, a sujeira, a estupidez. Paira sobre a terra uma tristeza inexprimível, tudo está molhado, negro, outono, enquanto lá em Odessa...

Em Peltcha foi capturado o comboio do 49º Regimento polonês de infantaria. Repartem as coisas junto à minha janela, xingamentos completamente idiotas, e a seguir outras palavras indizíveis que nem se tem vontade de repetir. Sobre as xingações, a mãe do Salvador, a mãe da besta, as camponesas se encolhem, a mãe de Deus – as crianças perguntam, os soldados se insultam. Mãe de Deus. Vou te atirar, bate.

Coube-me uma sacola para papeis e uma bolsa de sela. Descrever esta vida turva. O camponês já não trabalha no campo. Durmo na cama dos donos da casa.

Soubemos que a Inglaterra ofereceu um plano de paz entre a Rússia e a Polônia, será que terminaremos logo?

Tomamos Dúbno. Apesar do que possamos dizer, a resistência foi mínima. Por quê? Os prisioneiros dizem, e nós mesmos vemos por nossa conta – é uma revolução de gente miúda. Muito pode ser dito sobre isso – a beleza do frontão da Polônia é muito tocante, minha condessa. O destino, o orgulho, os judeus, o conde Liedokhovski. Revolução proletária. Quando eu respiro é o odor da Europa que vem daí.

Entramos em Boratín por Dobrívodka, florestas, campos, contornos delicados, carvalhos, de novo a música e o comandante da divisão e, ao lado, a guerra. Parada para descanso em Jabokriki, como pão branco. O Grichtchuk, às vezes, parece-me horrível. Será que ele ficou pancada? Os alemães, essa mandíbula mastigante.

Descrever o Grichtchuk.

Em Boratin uma aldeia forte e ensolarada. Khmil rindo para a filha, um campo-nês calado mas rico, ovos fritos na manteiga, leite, pão branco, comilança, sol, limpeza. Recupero-me da doença. Para mim todos os camponeses têm a mesma cara, uma jovem mãe. Grichtchuk está radiante, deram-lhe ovos fritos com toucinho, belo galpão sombreado, trevo. Por que será que o Grichtchuk não foge?

Um belo dia. Minha entrevista com Konstantín Kárlovitch. O que é o nosso cossaco? Por camadas: rapacidade, audácia, profissionalismo, espírito revolucionário, crueldade bestial. Somos a vanguarda, mas do quê? A população espera redentores, os judeus a liberdade e chegam os cossacos de Kuban...

O comandante do exército convoca o comandante da divisão para uma reunião em Kósin. São 7 *verstas* até lá. Vou junto. Areias. Cada casa fica gravada em meu coração. Pencas de judeus. Seus rostos, eis o gueto, e nós somos um povo velho, extenuado, mas ainda há alguma força, uma loja, tomo um café excelente. Derramo balsamo na alma do lojista, que está prestando atenção ao rumor dentro da loja. Os cossacos gritam, xingam, sobem nas prateleiras, pobre loja, o judeu de barba ruiva sua... Vagueio sem rumo, não consigo sair de lá. O lugarejo havia sido destruído, está sendo reconstruído. Existe há 400 anos, restos de uma sinagoga, um magnífico velho templo em ruínas, uma antiga igreja católica e agora uma igreja ortodoxa de uma brancura encantadora, com porta tríplice que se avista de longe, agora igreja ortodoxa. Um velho judeu, gosto de falar com os nossos, eles me entendem. O cemitério, casinha destruída do rabi Asrael, três gerações. Um monumento sob uma árvore que cresceu sobre ele, essas velhas pedras, todas do mesmo formato, com a mesma mensagem, este judeu exausto – meu guia. Uma família de judeus obtusos de pernas grossas, vivendo em um galpão de madeira junto ao cemitério. Três caixões de soldados judeus, mortos na guerra russo-germânica. Os Abramovitch de Odessa, a mãe veio ao enterro, e eu vejo esta judia que sepulta o filho morto por uma causa, para ela, odiosa, incompreensível e criminosa.

Um cemitério novo e o velho – o lugarejo tem 400 anos.

Entardecer, ando por entre as casas, os judeus e as judias lêem cartazes e os proclamam. “Polônia – cadela da burguesia” e assim por diante. “Os insetos podem matar” e “Não retirar os aquecedores dos vagões do trem de carga”.

Esses judeus são como retratos, compridos, calados, de longas barbas. Não são como os nossos, gordos e joviais. Velhos, altos rondam sem destino. O mais importante: a loja e o cemitério.

Mais 7 *verstas* de volta até Boratin, belo entardecer, minha alma transborda, proprietários ricos, mocinhas assanhadas, ovos fritos, toucinho, os nossos espantam as moscas, a alma russo-ucraniana. Realmente não estou interessado.

BORATIN – 22. 7. 20

Antes do almoço – relatório para o Estado-Maior do exército.

Tempo bom, ensolarado, uma aldeia rica e florescente. Vou ao moinho, o que é um moinho de água, o servente judeu. Depois, tomo banho no riacho frio e raso sob o sol não muito quente da Volínia. Duas meninas brincam na água. Sinto um estranho desejo, que procuro dominar, de dizer palavrões, palavras brutas e escorregadias.

Sókolov está passando mal. Arranjo os cavalos para levá-lo ao hospital. O Estado-Maior parte para Liechniuv (Galícia, pela primeira vez cruzamos a fronteira). Espero pelos cavalos. É bom estar na aldeia, cheia de luz e fartura.

Partiremos para Khótin em duas horas. O caminho passa pelo bosque, estou alarmado. Grichtchuk é obtuso e assustador. Monto o cavalo pesado de Sókolov. Estou sozinho na estrada. É dia claro, transparente, não faz calor, há um calor suave. Um furgão à frente, com cinco homens que parecem poloneses. É um jogo, avançamos, “são de onde?” Mútuo medo e desconfiança. Vemos os nossos perto de Khátin, entramos.

Um tiroteio. Galope selvagem de volta; arrasto o cavalo pelo cabresto. As balas zunem, gemem. Fogo de artilharia. Grichtchuk, ora cavalga com uma energia soturna e silenciosa, ora, nos momentos de perigo, é incompreensivelmente, mole, enegrecido, um queixo barbudo. Em Boratin já não há mais ninguém. O comboio está fora de Boratin; começa a confusão. A epopéia do comboio é repulsiva e miserável. Quem comanda é o Gússev. Passamos metade da noite próximo a Kósin, trocando tiros. Mandamos nossos batedores, ninguém sabe de nada, passam cavaleiros com ar eficiente, um alemão alto – o comandante do distrito. É noite. Estamos com sono, sensação de impotência, não se sabe onde nos levam. Acho que são uns 20 a 30 homens, daqueles que expulsamos para a floresta e que agora nos atacam. E de onde atira a artilharia? Adormeço por meia hora, dizem que houve uma troca de tiros, os nossos mandaram um cordão para frente. Avançamos. Os cavalos estão exaustos, uma noite horrível. Avançamos num comboio colossal, numa escuridão impenetrável, não sabemos através de que aldeias. Em algum lugar, de um lado, há um incêndio. Outros comboios cruzam a estrada. A frente foi abalada ou é apenas pânico no comboio?

A noite estende-se sem fim, acabamos num buraco. Grichtchuk guia estranhamente, alguém bate-nos por detrás a haste da carroça, gritos em algum lugar ao longe. Paramos a cada meia *vertsta*, ficamos esperando aborrecidos e sem objetivo por muito tempo.

Rompe-se uma correia, a tatchanka não obedece, passamos pelo campo, é noite. Grichtchuk tem um acesso de desespero, animal, obtuso, sem esperança, o que me enfurece: que se dane a correia, que se dane, que se dane. Ele está cego, ele mesmo o admite, o Grichtchuk, ele não enxerga nada à noite. O comboio nos deixa atrás, os caminhos estão difíceis, lama negra. O Grichtchuk agarrando o que resta da correia, diz com sua voz de tenor soante e inesperada: estamos perdidos, os poloneses vão nos alcançar, há canhoineio de todos os lados, nós comboieiros estamos andando em círculo. Continuamos ao

acaso com a correia partida. A tatchanka geme, ao longe um amanhecer turvo e pesado, campos úmidos. Ao amanhecer encontramos um lugarejo – Verbá. O leito da estrada de ferro – morto, miúdo, cheira a Galícia. São 4 horas da manhã.

EM VERBÁ – 23. 7. 20

Os judeus tresnoitados estão parados como pássaros tristes, azuis, desgrenhados, de colete e sem meias. Um amanhecer úmido, sem alegria. Verbá inteira está entupida de comboios, milhares de carroças, todos os cocheiros com o mesmo rosto. Destacamentos de primeiros socorros, o Estado-Maior da 45ª Divisão. Rumores ruins, provavelmente absurdos, apesar da sequência de nossas vitórias... Duas brigadas da 11ª Divisão foram aprisionadas, os poloneses tomaram Kósin, pobre Kósin, o que irá acontecer lá. É curiosa a situação estratégica: a 6ª Divisão está em Lechniuv, os poloneses em Kósin, em Boratin, e na nossa retaguarda, estamos como bolos esmagados. Esperamos na estrada que vem de Verbá. Estamos parados há duas horas, Mícha, de chapéu branco alto com fita vermelha, galopa pelo campo. Todos comem – pão com palha dentro, maçãs verdes, com dedos sujos e bocas fedidas – uma comida suja e repugnante. Vamos adiante. É espantoso, paradas a cada 5 passos, filas sem fim dos comboios da 45ª e 11ª Divisão. Nós ora perdemos o nosso comboio, ora o encontramos de novo. Campos, centeio pisado, aldeias sem comida ou quase, região de morros, aonde chegaremos? Estrada para Dúbno. Florestas. Magníficas florestas, antigas e sombreadas. Faz calor, mas há sombra nas florestas. Muitas árvores cortadas para as necessidades militares, malditas sejam. Clareiras nuas com tocos de árvores espetados. Antigas florestas da Volínia em Dúbno, precisamos descobrir onde conseguem o mel, escuro, perfumado.

Descrever as florestas.

Krivicha, tchecos arruinados, uma mulher rechonchuda. O que se vê é um horror; ela cozinha para 100 pessoas, moscas, a Chúrcka do comissário, suada e desconjuntada, carne fresca com batatas, pegam o feno todo, ceifam a aveia, batata aos *puds*, a garota mal se aguenta em pé, restos de uma propriedade próspera. Um pobre tcheco comprido e sorridente, sua esposa uma mulher estrangeira farta e boa.

Uma bacanal. A roliça Chúrka de Gussév com uma comitiva, soldados – uma droga, são dos comboios, todos marcam ponto na cozinha, despejam-se batatas, presunto, assam biscoitos. Temperatura insuportável, sufocamos, nuvens de moscas. Tchecos mal tratados. Gritos, grosseria, avareza. Apesar de tudo tenho um almoço excelente – carne de porco frita com batatas e um esplendido café. Após o almoço durmo sob as árvores – numa encosta tranquila e sombreada, os balanços voam diante dos olhos. Diante dos olhos – tranquilos morros verdes e amarelos, banhados de sol, e florestas, florestas de Dúbno. Durmo três horas. Depois vou a Dúbno. Vou junto com Prichtchepa, novo conhecido, *caftan*, capuz branco, um comunista analfabeto, me leva para conhecer a mulher. O marido dela – um grosseirão – anda a cavalo pelas aldeias, comprando víveres dos camponeses. A mulher rechonchuda, lânguida, esperta, uma judia jovem e sensual, casada há 5 meses, não ama o marido, alias, isso é bobagem, flerta com Prichtchepa. Sou o centro de atenção, er ist ein [ilegível]– fita-me, pergunta o sobrenome, não tira os olhos de mim, tomamos chá. É uma situação idiota, estou quieto, amolecido, educado, agradeço a cada movimento dela. Diante dos meus olhos – a vida de uma família judia,

chega a mãe, algumas mocinhas, Prichtchepa é o galanteador. Dúbno já mudou de mãos várias vezes. Parece que os nossos não saquearam o lugar. E de novo todos fremem, e de novo a humilhação sem fim, e ódio aos poloneses que arrancavam as barbas. O marido – haverá liberdade para o comercio, agora, para comprar alguma coisa e vender logo, sem especulação. Digo que haverá isso tudo, tudo se encaminha para melhor – meu sistema usual – na Rússia há coisas maravilhosas: trens expressos, alimentação gratuita para crianças, teatros, a Internacional. Eles ouvem com deleite e desconfiança. Penso: vocês terão o céu de diamantes, tudo será revolvido, virado pelo avesso, mais uma vez sinto pena.

Sinagogas de Dúbno. Tudo destruído. Sobraram dois pequenos vestibulos, séculos, dois pequenos cômodos, tudo cheio de recordações, quatro sinagogas bem juntinhas, depois o pasto, campos e sol poente. As sinagogas, baixas e antigas, casinhas verdes e azuis, hassídicas, no interior, nenhuma arquitetura. Vou à sinagoga hassídica. É sexta-feira. Que figuras retorcidas, que faces exaustas, tudo ressuscita para mim, o que foi há 300 anos. Os velhos correm pela sinagoga, não há gemidos, por alguma razão todos andam de um canto a outro, a reza corre extremamente solta. Provavelmente, aqui ajuntaram-se os judeus de Dúbno de aspecto mais repugnante. Eu rezo, ou melhor, quase rezo e penso em Guerchel, como posso descrever. Uma tarde suave na sinagoga, isto sempre age sobre mim, quatro pequenas sinagogas, uma ao lado da outra. Religião? Nenhum enfeite no prédio, tudo branco e liso até o ascético, tudo descarnado, sem sangue, até o grotesco, para poder sentir há que se ter alma de judeu. Mas no que consiste a alma? Será que é justamente no nosso século que elas vão perecer?

Um cantinho de Dúbno, quatro sinagogas, o entardecer de uma sexta-feira, judeus e judias junto a pedras demolidas – tudo fixado na memória. Depois, noite, arenque, estou triste, pois não tenho com quem “acoplar-me” de noite. Prichtchepa e a zombeteira e irritante Jenia, seus olhos judaicos e brilhantes, pernas grossas e peito macio. Prichtchepa afundando as mãos, e o insistente olhar dela, e o marido bobo que alimenta o cavalo, obtido na troca, num pequeno cubículo.

Pernoitamos com outros judeus, Prichtchepa pede que lhe toquem algo, o menino gordo de rosto duro, sufocando de pavor, diz que não tem disposição. O cavalo está no quintalzinho em frente. E Grichuk está a 50 *verstas* de casa e não foge.

Os poloneses avançam na região de Kósín – Boratin, estão atrás de nós, a 6ª Divisão está em Lechniuv, Galícia. A operação se dirige para Bródi, Radzivilov à frente e com uma brigada para a retaguarda. A 6ª Divisão está empenhada em combates pesados.

24. 7. 20

Pela manhã, no Estado-Maior do exército, a 6ª Divisão liquida o inimigo que atacou-nos em Khótín. A zona de combate está entre Khótín e Kósín. Kósín, eu penso, infeliz Kósín.

Cemitério, lápides redondas.

De Krivikh vou com Prichtchepa até Liechniuv pela Demídovka. A alma de Prichtchepa é a de um garoto analfabeto e comunista, os seus pais foram mortos pelos Kadetes.²⁶ Conta como ele foi recolhendo os seus bens pelo povoado, a *stanitsa*. Figura

²⁶ **Kadetes** – membros do Partido Democrático Constitucional, um partido pré-revolucionário liberal que se opunha ao bolchevismo.

pitoresca de capuz, simples como uma folha de grama, será trapeiro e despreza Grichtchuk, pois este não gosta e nem entende de cavalos. Passamos por Khorupan, Smordva e Demídovka. Lembrar o quadro – comboios, cavaleiros, aldeias semi-destruídas, campos e florestas, carvalhos, aqui e acolá feridos e a minha tantchanka.

Chegamos a Demídovka ao anoitecer. Um lugarejo judeu, estou alerta. Judeus andando pela estepe, tudo foi destruído. Estamos numa casa com uma multidão de mulheres. A família Liákhestski, Chvekhveli, não, isso não é Odessa. A dentista Dora Aronovna, lê Artsibáchev,²⁷ e ao redor, os cossacos se divertem. Ela é orgulhosa, brava, diz que os poloneses rebaixaram seu amor próprio, despreza os comunistas por serem plebeus. Um bando de filhas de meias brancas, pai e mãe piedosos. Cada filha tem sua personalidade, uma delas dá pena, de cabelos pretos e pernas tortas, a outra é uma beleza opulenta e a terceira tem um jeito de dona de casa. Todas elas, provavelmente, solteironas.

O principalmotivoda discórdia: hoje é sábado.

Prichtchepa os obriga a fritar batatas, e amanhã é dia de jejum, 9 de Av.²⁸ Não digo nada, pois sou russo. A dentista, pálida de orgulho e ciosa de sua própria dignidade, declara que ninguém irá desenterrar batatas, pois é feriado.

Prichtchepa que se conteve por algum tempo, não resiste – judeus, a mãe, todo o arsenal de palavrões. Todos eles, odiando-nos e odiando a mim, assustados, colhem as batatas no pomar alheio. Esbarram nas cruces, Prichtchepa está por conta. Como tudo isso é duro – o Artsibáchev e a ginásiana, órfã de Róvno, e Prichtchepa, de capuz. A mãe torce as mãos – acender uma fogueira no sábado, todos xingam. Budiónni esteve aqui e já foi embora. Há uma discussão entre um jovem judeu e Prichtchepa. O jovem de óculos e cabelos negros, nervoso, pálpebras vermelhas, inflamadas, uma fala russa estropiada. Ele crê em Deus, Deus é um ideal que carregamos em nossa alma, cada um tem seu Deus na alma. Se procedes mal, Deus sofre. Estas bobagens são ditas com exaltação e dor. Prichtchepa é profundamente ignorante, fala da religião na antiguidade, confunde cristianismo com paganismo, o mais importante é que na antiguidade havia a comuna. É claro, que é tudo sem sentido, sua educação é zero, e a do judeu 6 anos de ginásio em Róvno. Cita Platónov²⁹ – é tocante e engraçado – os clans mais antigos, Perun³⁰, o paganismo.

Comemos feito bois, batata frita e 5 copos de café cada um. Suamos, não param de nos servir, isso é terrível. Conto lorotas sobre o bolchevismo, o florescimento, os trens expressos, as tecelagens de Moscou, as universidades, a alimentação gratuita, a delegação de Revel, e para coroar tudo, a história dos chineses. Cativo toda esta gente sofrida.

É 9 de Av. A velha chora, sentada no chão, e o filho, que adora a mãe, diz que crê em Deus só para agradá-la. Canta com uma agradável voz de tenor e conta a história da destruição do Templo. As palavras assustadoras dos profetas – eles comem fezes, as virgens são desonradas, os homens mortos, Israel subjugada, palavras de ira e de tristeza. A lamparina fumega, a velha geme, o jovem canta melodicamente, moças de meias brancas, lá fora a Demídovka, noite, cossacos. Tudo como então, quando o Templo foi destruído. Vou dormir no pátio, fedido e molhado.

²⁷ **Artsibáchev, Mikhail Petrovitch** (1878-1927) escritor russo, conhecido por seus contos inspirados nas idéias de Nietzsche.

²⁸ **9 de Av** – é o nono dia do mês hebreu Av (aproximadamente julho-agosto) – é um dia santificado que comemora a data da destruição dos dois Templos de Jerusalém

²⁹ **Platonov, Serguei Fiodorovitch** (1860-1933) – um historiador russo.

³⁰ **Perun** – deus do trovão na mitologia eslava.

Grichtchuk está mal – parece em transe, anda como um sonâmbulo, não alimenta direito os cavalos, relata os problemas tarde demais, só tem boa vontade para com os mujiques e as crianças.

Os metralhadores vieram de seus postos e acamparam em nosso pátio, é noite e eles estão de capuz. Prichtchepa corteja uma judia de Kreminets, bonitinha, cheíinha, de vestido liso. Ela cora de leve, o sogro caolho está sentado por perto, ela floresce, com Prichtchepa pode-se conversar.

Ela desabrocha e negaceia. Sobre o que eles conversam? Depois ele que ir para a cama, passar o tempo. Ela sofre, e quem compreende a sua alma melhor que eu? Ele diz – vamos nos escrever. Penso com tristeza – será que ela – como diz o Prichtchepa – concordou? (com ele todas concordam). Agoralembro que ele, provavelmente, tem sífilis. A questão é – será que se curou?

A moça, depois – vou gritar. Descrever as primeiras conversas delicadas deles, o que vocês pensam a respeito, ela é uma pessoa educada, serviu no Comitê Revolucionário.

Meu Deus, penso eu, as mulheres agora ouvem todos os palavrões, vivem como soldados, onde ficou a delicadeza?

À noite, temporal e chuva, corremos para o galpão, sujo e escuro, úmido e frio. Ao amanhecer, os metralhadores são mandados de volta para as suas posições, preparam-se sob uma chuva torrencial, capuzes e cavalos enregelados. Triste Demídvka.

25. 7. 20

Pela manhã, saída de Dimídvka. Duas horas torturantes, acordamos as judias às 4 horas da manhã e as obrigamos a cozinhar carne russa. E isso no dia 9 de Av. Mocinhas semi-nuas e desgrenhadas percorrem as hortas molhadas. Uma excitação insistente toma conta de Prichtchepa, ele ataca a noiva do filho do velho caolho. Neste momento requisitaram a carroça deles e começa uma incrível contenda. Os soldados comem a carne das panelas. Ela: eu vou gritar – ele aperta o rosto dela contra a parede, uma cena deplorável. Ela faz de tudo para salvar a carroça. Eles a escondem no sótão, será uma boa judia. Ela discute com o comissário, ele diz que os judeus não querem ajudar o Exército Vermelho.

Eu perdi a minha pasta, depois a encontrei no Estado-Maior da 14ª Divisão, em Líchnia.

Vamos para Ostrov, são 15 verstas. Daí a estrada vai para Liechniuv. É perigoso lá, há patrulhas polonesas. O padre e sua filha, parecida com Plevítskaia³¹ ou com um alegre esqueleto. Uma estudante de Kiev, anseia por polidez. Conto-lhe minhas invenções, ela não se cansa de ouvir. 15 *verstas* perigosas, galopam as sentinelas, passamos pela fronteira, uma calçada de madeira. Trincheiras por toda parte.

Chegamos ao Estado-Maior. Liechniuv. Um lugarejo semi-destruído. Os russos o emporcalharam o quanto basta. Uma igreja católica, uma igreja uniata, uma sinagoga, belos edifícios, vida infeliz, alguns judeus espectrais, uma patroa repugnante, é da Galícia, moscas e sujeira. Um bobalhão comprido e semi-selvagem, eslavos de segunda

³¹ **Plevítskaia, Nadejda Vassilievna** (1884-1941) – Popular cantora russa, emigrou em 1920. Envolvida no rapto do general Evgeni Miller, dirigente da União Militar Russa em Paris, organizado pelo seu marido, general Skoblin, a mando de NKVD, foi julgada e condenada, na França, como agente soviética em 1938.

categoria. Transmitir o espírito de Liechniuv destruída, triste e sem seiva, sujeira semi-estrangeira.

Durmo no galpão. Há combates sob Bródi e junto às travessias em Tchurovitse. Circulares sobre a Galícia Soviética. Pastores. Pernoite em Liechniuv. Como tudo isso é inimaginavelmente triste, e essa pobre gente da Galícia, e as sinagogas destruídas, e a vida miúda sobre o fundo desses acontecimentos assustadores, chegam-nos apenas os seus reflexos.

LIECHNIUV – 26. 7. 20

A Ucrânia está em chamas. Wrangel³² não foi liquidado. Makhnó³³ faz incursões pelas províncias de Iekaterinoslav e Poltava. Surgiram novos bandos, há um levante na região de Kherson. Por que eles se rebelam, será que o casaco comunista é curto demais?

O que está acontecendo em Odessa – estou com saudade.

Há muito trabalho, recomponho o passado. Hoje, pela manhã, tomaram Bródi, o inimigo foi cercado e fugiu de novo. Uma ordem cortante de Budiónni: deixamo-os escapar quatro vezes, sabemos agitar mas não temos forças para segurar.

Conferência em Kósin, discurso de Budiónni – nada mais de manobras, só ataques frontais, vivemos perdendo o contato com o inimigo, não há reconhecimento, não há cuidado, os comandantes de divisão não tem iniciativa, não há vida em suas ações.

Converso com alguns judeus, pela primeira vez são judeus desinteressantes. Ao lado, uma sinagoga destruída, um ruivo de Bródi, conterrâneos meus de Odessa.

Mudo para a casa do judeu sem as pernas, prosperidade, limpeza, silêncio, excelente café, crianças limpas, o pai perdeu ambas as pernas na frente italiana, casa nova, ainda em construção, mulher interesseira mas decente, educada. Um quatinho sombreado, eu descanso dos galicianos.

Estou angustiado, preciso repensar tudo, a Galícia, a guerra mundial e o meu próprio destino.

A vida de nossa divisão. Sobre Bakhtúrov, sobre o comandante, sobre os cossacos, os saques, a vanguarda da vanguarda, sinto-me um estranho.

Há pânico ao anoitecer, o inimigo empurrou-nos para fora de Tchurovitse, estava a versta e meia de Liechniuv. O comandante da divisão foi embora a galope e depois voltou. E começa a nossa romaria, de novo uma noite sem sono, comboios, o misterioso Grichtchuk, os cavalos se movem em silêncio, xingações, florestas, estrelas, paramos em algum lugar.

Ao amanhecer estamos em Bródi, tudo isso é horrível – arame farpado por toda parte, chaminés queimadas, cidade exangue, casas insossas, dizem que aqui há mercadorias, os nossos não deixarão escapar. Aqui havia fábricas antigamente, um cemitério militar russo, e pelas cruces solitárias e sem nomes junto a sepulturas – eram mesmo soldados russos.

³² **Wrangel, Piotr Nikolaevitch** (1878-1928) – general tsarista, conhecido como Barão Negro. Em 1920 sucedeu o general Dinikin no comando dos Exércitos Brancos, forçado pelos vermelhos teve de retirar-se para a Criméia.

³³ **Makhnó, Nestor Ivanovitch** (1886-1934) – líder do movimento anarquista na Ucrânia, lutou contra os brancos e não se submeteu ao controle pelos vermelhos.

A estrada completamente branca, florestas cortadas, tudo desfigurado, os galicianos nas estradas, uniformes austríacos, homens descalços e de cachimbo na boca, o que há em seus rostos, alguns segredos de insignificâncias, banalidade, submissão.

O Radzivilov é pior que Bródi, arame nos postes, bonitos prédios, amanhecer, tristes figuras, frutos arrancados, judeus esfarrapados bocejando, estradas estragadas, crucifixos retirados, terra inepta, igrejas católicas baleadas, onde estão os padres – estavam os contrabandistas. Estou vendo a vida como era antes.

KHÓTIN – 27. 7. 20

Saindo de Radzivilov – aldeias sem fim, cavaleiros a galope. É duro depois de uma noite insone.

Khótin é aquela mesma aldeia onde estávamos sob fogo cerrado. As acomodações são horríveis, a pobreza, o banho, as moscas. Um mujique sóbrio, humilde e aprumado, a mulher escolada, não nos darão nada. Consigo toucinho e batatas. Levam uma vida ridícula e solitária, um quartinho e miríades de moscas, a comida horrível, e não querem nada melhor – a avareza, o desagradável e imutável arranjo da habitação. As peles fedendo ao sol e a sujeira sem fim – me exasperam.

Havia um proprietário lá – Svéchnikov, a usina – destruída, a mansão – destruída, a grandiosa estrutura da fábrica, o edifício de tijolos vermelhos; da disposição das aléias já não há nem traço, os mujiques não ligam.

Nosso fornecimento para a artilharia demora para chegar. Fico absorvido pelo trabalho no Estado-Maior – triste trabalho de matança. Eis um mérito do comunismo – não pregam hostilidade para com o inimigo, exceto, é verdade, contra os soldados poloneses.

Trouxeram uns prisioneiros, um deles, que estava completamente são, foi ferido, sem nenhum motivo, com dois tiros dados por um soldado vermelho. O polonês se contorce e geme. Colocam-lhe uma almofada sob a cabeça.

Zinóviev foi morto, um comunista novinho de calças vermelhas, o estertor na garganta e as pálpebras azuis.

Circulam rumores surpreendentes: no dia 30 começam conversações sobre uma trégua.

À noite, no fétido buraco chamado pátio. Não consigo dormir, passo no Estado-Maior, a travessia do rio não parece nada brilhante.

Noite alta, bandeira vermelha, silêncio, soldados vermelhos sedentos por mulheres.

KHÁTIN – 28. 7. 20

Luta pela travessia em Tchurotitsa. A 2ª Brigada, na presença de Budiónni, esvai-se em sangue. O inteiro batalhão de infantaria está ferido, quase todos mortos. Os poloneses estão nas velhas trincheiras blindadas. Os nossos não conseguem nenhum resultado. Será que a resistência dos poloneses ficou mais forte?

Não é visível nenhuma desintegração diante da paz.

Estou alojado numa casa pobre, onde o filho de cabeça grande toca violino. Aterrorizo a dona da casa, ela não nos dá nada. O Grichtchuk, petrificado, cuida mal dos cavalos, parece que ele está acostumado a passar fome.

O negócio está quebrado. O senhor Svéchnikov, a grandiosa destilaria em ruínas (símbolo do senhor russo?), quando liberaram o álcool todas as tropas se embebedaram.

Estou exasperado, não paro de me indignar. A sujeira, a apatia, a desesperança da vida russa são insuportáveis. Aqui a revolução fará alguma coisa.

A dona da casa esconde os porcos e a vaca, fala rápido, untuosa, com ódio impotente, é indolente, e eu sinto que ela está destruindo a propriedade. O marido acredita na autoridade, é encantador, gentil, passivo, parecido com Stróev.

É aborrecido na aldeia, viver aqui é horrível. Afundo no trabalho do Estado-Maior.

Descrever o dia – reflexos da luta, que se passa a poucas *verstas* de nos, os ordenanças, a mão de Lépin inflamou.

Os soldados dormem com as mulheres.

Uma história – como um regimento polonês depôs as armas quatro vezes e se defendeu de novo, quando começaram a massacrá-lo.

O entardecer, calma, conversa com Matiaj, ele é infinitamente preguiçoso, lânguido, infantil, e de certo modo agradável, carinhosamente lascivo. Uma verdade assustadora – todos os soldados tem sífilis. Matiaj está sarando (quase não se tratou). Ele já teve sífilis e curou-se em duas semanas. Com o seu compadre ia pagar em Stavropol 10 kopeques de prata, o compadre morreu. O Mícha já teve várias vezes, o Senitchka e o Guerassi, ambos têm sífilis, todos vão com as mulheres e têm noivas em casa. Praga de soldado. Praga russa – é assustador. Comem cristal pilado, bebem ácido carbólico, vidro moído. Todos os combatentes – quepes de veludo, estupros, melenas, batalhas, revolução e sífilis. A Galícia está contaminada.

Carta para Jênia,³⁴ sinto saudades dela e de casa.

É preciso ficar de olho na Seção Especial e no Tribunal Revolucionário.

Será que no dia 30 haverá mesmo conversações de paz?

Ordem de Budiónni. Pela quarta vez deixamos o inimigo escapar, em Bródi ele estava completamente cercado.

Descrever Matiaj, Mícha. Os mujiques – quero compreendê-los.

Temos forças para manobrar, cercar os poloneses, mas o aperto, é de fato fraco, e eles escapam. O Budiónni está por conta, repreende o comandante da divisão. Escrever a biografia do comandante da divisão, do comissário Kniga e de outros.

LIECHNIUV – 29. 7. 20

Pela manhã vamos a Liechniuv. De novo na mesma casa do Froim, de barba preta e sem pernas. Durante minha ausência roubaram dele 4 mil guldens, levaram as botas também. A mulher, uma canalha fingida, está mais fria, vê que é difícil tirar algo de mim, como eles são sovinas. Converso com ele em alemão. Começa o tempo ruim.

O Froim tem crianças mancas, muitas, não consigo distingui-las. A vaca e o cavalo, ele os esconde.

³⁴ Jênia – Evguênia Borisovna Gronfain, mulher de Babel, então em Odessa.

A Galícia é insuportavelmente aborrecida, igrejas destruídas e crucifixos, o céu nublado, a população esmagada, medíocre e insignificante. Gente triste, acostumada a assassinatos, soldados, desordem, mulheres russas chorosas, trigais ralos, não há sol, os padres de chapéus de abas largas – sem igrejas. Tédio deprimente de todos os que tentam fazer algo da vida.

Os eslavos – esterco da história?

O dia transcorre cheio de sobressaltos. Os poloneses romperam a linha da 14ª Divisão à nossa direita, tomaram Bierestetchko de novo.

Não há notícias, é uma quadrilha, eles avançam para a nossa retaguarda.

O clima no Estado-Maior. Konstantin Kárlovitch está em silêncio. Os escriturários – esta ralé obesa, insolente, sífilítica está alarmada.

Após um dia duro e monótono, uma noite chuvosa, lama – tenho sapatos, não botas. Agora começa uma chuva forte, a verdadeira vencedora.

Chapinhamos na lama, chuva miúda e penetrante.

O fogo de canhões e metralhadoras está cada vez mais perto. Sinto um sono insuportável. Não há o que dar aos cavalos. Tenho um novo cocheiro – o polonês Govínski, alto, ágil, conversador, agitado e, naturalmente, um rapaz insolente.

Grichtchuk vai para a casa, às vezes ele explode – fui martirizado – não soube aprender o alemão, pois o seu patrão era severo, eles só brigavam e nunca conversavam.

Revela que tem passado fome há sete meses, eu é que não lhe dava comida suficiente.

Completamente descalço, com lábios chupados, olhos azuis – o polonês é conversador e alegre, um trânsito, não o suporto.

O sono aperta de modo irresistível. Dormir é perigoso. Deito-me vestido. As duas pernas artificiais de Froim estão na cadeira, ao meu lado. Uma lâmpada está acesa, sua barba negra, os filhos amontoados no chão.

Levanto umas dez vezes – Govínski e Grichtchuk dormem – me dá raiva. Consegui dormir às quatro horas, uma batida na porta – vamos embora. Há pânico, o inimigo alcançou a vila, tiros de metralhadora. Os poloneses se aproximam. Não conseguem tirar os cavalos de dentro, quebram o portão.

Grichtchuk com o seu desespero revoltante, somos quatro, os cavalos não foram alimentados, é preciso ir procurar a enfermeira. Grichtchuk e Govínski querem deixá-la para trás. Grito desvairado – a enfermeira!? Estou furioso, a enfermeira é tola e bonita. Voamos pela estrada para Bródi, eu oscilo e durmo. Faz frio, o vento e chuva são penetrantes. É preciso tomar cuidado com os cavalos, os arreios não inspiram confiança. O polonês canta, tremo de frio, a enfermeira fala bobagens. Balanço e durmo. Uma nova sensação – não consigo abrir os olhos. Descrever este inexprimível desejo de dormir.

Fugimos dos poloneses de novo. Aqui está – a guerra de cavalaria. Acordo – estamos diante de edifícios brancos. É uma aldeia? Não, é Bródi.

BRÓDI – 30. 7. 20

Um amanhecer desanimado. A enfermeira já me cansou. Deixamos Grischuk em algum lugar. Que fique com Deus.

Para onde ir? O cansaço deprime. 6 horas da manhã. Um galiciano, vou com ele. A mulher está no chão com o recém-nascido. Ele – um sujeito tranquilo, velhinho, as crianças estão com a esposa nua, são três, quatro.

Há mais uma mulher. Poeira depositada pela chuva. Um porão. Um crucifixo. Pintura da Virgem Santa. Os uniatas, realmente, não são nem isso e nem aquilo. Uma grossa camada de catolicismo. Beatitude, calor, um mau cheiro quente vindo das crianças, das mulheres. Silêncio e melancolia. A enfermeira dorme, eu não consigo, percevejos. Não há feno; grito com o Govinski. Os donos da casa não têm pão, nem leite.

A cidade está destruída, saqueada. Uma cidade de grande interesse. Cultura polonesa. Uma povoação judia antiga, rica e peculiar. Esses mercados horríveis, anões de capote, capotes e *peiot*, velhos antigos. Rua Chkólnaia, 9 sinagogas, todas semi-destruídas, observo a nova sinagoga, a arquitetura [ilegível], os chames, um judeu barbudo e falante – se houvesse paz, como seria bom o negócio, conta-me como os cossacos saquearam a cidade, das humilhações infligidas pelos poloneses. Uma bela sinagoga, que sorte temos, há pelo menos velhas pedras. É uma cidade judia, é a Galícia, descrever. Trincheiras, fábricas destruídas, Hotel Bristol, garçonetes, cultura da “Europa Ocidental” e como nós nos atiramos avidamente sobre isso. Esses tristes espelhos, os donos – pálidos judeus austríacos. E o que eles contam – aqui havia dólares americanos, laranjas, casimira.

A estrada, o arame farpado, as florestas derrubadas e uma tristeza, tristeza sem fim. Não há o que comer, nada a esperar, guerra, todos são igualmente ruins, igualmente estranhos, hostis, selvagens. Havia uma vida tranquila outrora e, principalmente, plena de tradições.

Os homens de Budiónni nas ruas. Nas lojas só limonada nada mais, as barbearias ainda estão abertas. Na feira – só cenouras, chuva o tempo todo, sem parar, penetrante, sufocante. Melancolia insuportável, gente e almas mortas.

No Estado-Maior – calças vermelhas, auto-confiança, almas miúdas fazendo-se de importantes, uma horda de jovens, entre eles há judeus, estão à disposição do comandante do exército, preocupados com a alimentação.

Não esquecer de Bródi e essas figuras tristes, os barbudos, os judeus, vindos de outro mundo, e os cossacos nas ruas.

Tenho problemas com Govinski, não há nenhum alimento para os cavalos. O Hotel Odessa de Halperin, fome na cidade, não há o que comer, à noite um bom chá. Consolo o dono, pálido e inquieto como um ratinho. Govinski encontrou uns poloneses, tirou deles um quepe, alguém ajudou até mesmo Govinski. Ele é insuportável, não alimenta os cavalos, perambula por aí, conversa, não arruma nada, tem medo de ser preso, já tentaram prendê-lo e vieram ter comigo.

Noite no hotel, ao lado um casal e suas conversas, e palavras e na boca de uma mulher, ó gente russa, como passam mal as suas noites e que vozes têm agora as suas mulheres. Ouço com a respiração presa, sinto opressão.

Noite horrível neste Bródi desgraçado. Estar alerta. À noite levo feno para os cavalos. No Estado-Maior. Pude dormir, o inimigo avança. Voltei para a casa, dormi profundamente, com coração amortecido. Govinski acordou-me.

BRÓDI — LIECHNIUV — 31. 7. 20

De manhã, antes da saída, com a tatchanka esperando na rua Zolotáia, uma hora na livraria, livraria alemã. Aqui, todos os magníficos livros e álbuns, o Ocidente, ei-lo o Ocidente, e a cavalheiresca Polônia, uma crestomatia, a história de todos os Boleslvs.³⁵ Por algum motivo, parece-me, que esta beleza, esta Polônia, jogou roupas rebrilhantes sobre o seu corpo decrépito. Eu enfronho-me em tudo, como um louco, reviro tudo, está escuro, houve aglomeração, o saque de artigos de escritório, rostos desagradáveis de jovens da comissão de troféus com ar arqui-marcial. Desprendo-me da loja com mágoa.

Coletâneas, Tetmajer,³⁶ traduções novas, uma enorme quantidade da nova literatura nacionalista polonesa, compêndios.

O Estado-Maior está em Stanislávitchik ou Kojéchkovo. A enfermeira, ela servia nos grupos da Tcheká, muito russa, uma beleza suave e quebrada. Vivia com todos os comissários, penso eu, e de repente – o seu álbum do ginásio de Kostromá, inspetoras de classe, corações ideais, pensão Romanov, tia Mânia, patins.

Liechniuv de novo, e os meus hospedeiros de antes, asujeira terrível, o verniz da hospitalidade e o respeito aos russos e à minha disposição amigável sumiu, não somos bem-vindos entre gente arruinada.

Sobre os cavalos, não há com que alimentá-los, estão emagrecendo, a tatchanka se desmancha. Por bobagens, eu odeio Govínski, um infeliz alegre e voraz. Já não me dão café.

O inimigo contornou-nos, afastou-nos da travessia, há rumores sinistros sobre o rompimento das linhas da 14ª Divisão, os mensageiros galopam. Ao entardecer, em Grjimalovka (ao norte de Tchurovitse), uma aldeia destruída, conseguimos aveia, chuva ininterrupta, um trecho curto até o Estado-Maior, mas intransponível para os meus sapatos, viagem torturante, a frente avança. Tomei um excelente chá, faz calor, a dona da casa, inicialmente, se fez de doente, a aldeia esteve o tempo todo dentro da zona do combate pela travessia. Escuridão, alarme, o polonês se mexe.

À noitinha veio o comandante da divisão, magnífica figura, luvas, sempre vindo da frente, noite no Estado-Maior, o trabalho de Konstantin Kárlovitch.

GRJIMALOVKA — LIECHNIUV — 1. 8. 20

Meu Deus, é agosto, logo morreremos, a inextinguível crueldade humana. A situação no *front* piora. Há tiros próximo à aldeia. Somos empurrados para fora da travessia. Todos já se foram, ficaram só algumas pessoas do Estado-Maior, minha tatchanka está à porta do Estado-Maior, posso ouvir o combate, estou bem, não sei porquê; somos poucos, não há comboio de mantimentos, nem o pessoal administrativo do Estado-Maior, a vida é calma, fácil, o enorme autodomínio de Timochenko. Kniga está apático. Timochenko: diga-lhe se ele não conseguir expulsá-los o fuzilarei, diga a ele com todas as letras, e, apesar disso, o comandante da divisão sorria. Temos diante de nós a estrada estragada pela chuva, as metralhadoras atiram em diversos pontos, a presença invisível do inimigo neste céu cinza e leve. O inimigo chegou junto à aldeia. Perdemos a travessia por sobre o Stir. Voltamos para a infeliz Liechniuv, mais uma vez.

³⁵ **Boleslavs** – dinastia de príncipes poloneses do século XII.

³⁶ **Tetmajer, Casimir** (1865-1940) – poeta e escritor polonês.

O comandante da divisão vai até a 1ª Brigada. Liechniuv está horrível, ficamos por duas horas, o Estado-Maior administrativo fugiu, o inimigo cresce como uma parede por toda a parte.

A luta sob Liechniuv. Nossa infantaria está nas trincheiras – é incrível, os rapazes de Volínia descalços, meio-idiotas – camponeses russos, e eles realmente lutam contra os poloneses, contra os senhores opressores. Não há rifles, os cartuchos não servem, esses rapazes perambulam pelas trincheiras banhadas de calor, transferem-nos de um canto a outro. Uma casa junto à borda da floresta, um galiciano atencioso serve-me chá, os cavalos estão parados na baixada.

Fui até a bateria de canhões, preciso, sem pressa, é um trabalho técnico.

Sob o fogo de metralhadoras, uivo de tiros, péssima sensação, passamos através de trincheiras, um soldado vermelho em pânico, e naturalmente somos cercados. Govínski esteve na estrada, queria largar os cavalos, depois foi com eles, encontrei-o junto ao bosque, a tatchanka estava quebrada, complicações, procuro onde ficar, os metralhadores põem-me para fora, enfaixam um menino ferido, uma perna no ar, ele urra, há um amigo junto dele de quem mataram o cavalo. Atrémos a tatchanka, rodamos, ela range, não vira. Sinto que Govínski vai-me desgraçar, é o destino, sua barriga nua, buracos nos sapatos, o nariz judeu e as desculpas de sempre.

Passo para a carruagem de Mikhail Kárlovitch, que alívio. Cochilo, já é de tarde, estou com a alma abalada, o comboio, paramos no caminho para Bielávtsi, depois seguimos pela estrada ao lado da floresta, a tarde, o frescor, a estrada, o pôr do sol – rodamos para as posições da frente, levamos carne para Konstantin Kárlovitch.

Estou ávido e lamentável. As unidades estão na floresta, elas recuaram, o quadro habitual, o esquadrão, Bakhturov lê o comunicado sobre a III Internacional, como gente do mundo inteiro se reuniu, a touca branca da enfermeira tremeluz entre as árvores, por que ela está aqui? Vamos de volta, que espécie de pessoa é Mikhail Kárlovitch? Govínski fugiu, não há cavalos. É noite, durmo na carruagem junto com Mikhail Kárlovitch. Estamos perto de Bielávtsi.

Descrever a gente, o ar.

O dia passou, eu vi a morte, os caminhos brancos, os cavalos por entre as árvores, o alvorecer e o pôr do sol. E o que é mais importante – os homens de Budiónni, os seus cavalos, os deslocamentos e a guerra. Pelo centeio andam alguns galicianos humildes, descalços e espectrais.

Noite na carruagem.

(Fiquei junto ao bosque com a tatchanka dos escriturários).

BIELÁVTSI – 2. 8. 20

Um problema com a tatchanka. Govínski aproxima-se do lugarejo, é claro que não encontrou o ferreiro. O meu escândalo com o ferreiro tira a mulher do sério, gritos e lágrimas. Os galicianos não a querem consertar. Do arsenal de persuasões, ameaças, pedidos, o que mais funcionou foi a promessa de açúcar. É uma longa história, o ferreiro está doente, arrasto-o à procura de outro, mais choro, e o arrastam de volta para a casa. Não querem lavar a minha roupa de jeito nenhum.

Finalmente a consertam.

Estou cansado. Alarme no Estado-Maior. Vamos embora. O inimigo está nos apertando, corro para prevenir o Govínski, faz calor, receio chegar tarde. Corro pela areia, avisei-o, alcançamos o Estado-Maior além da aldeia, ninguém quer levar-me, vão embora, sinto-me mal. Por algum tempo cavalgo com Barsúkov, movemo-nos para Bródi.

Dão-me uma tatchanka-ambulância do 2º Esquadrão, aproximamo-nos da floresta, estou com o cocheiro Ivan. Chegam Budiónni, Vorochílov, teremos uma batalha decisiva, nem um passo adiante. À frente as três brigadas manobram, falo com o comandante do Estado-Maior. Um ar de início de batalha, uma grande campina, aeroplanos, manobras da cavalaria no campo, nossa cavalaria, explosões ao longe; começou a batalha, as metralhadoras, o sol, em algum lugar as tropas se encontraram, um “hurra” abafado, nós nos afastamos com o Ivan, perigo mortal, o que eu sinto não é medo, é uma passividade, ele parece assustado, ir para onde, o grupo com Korotchaev³⁷ vai para a direita, e nós, por algum motivo, para a esquerda, a luta referve, alguns feridos alcançam-nos a cavalo; um, mortalmente pálido: – leve-me irmãozinho – pede, as calças encharcadas de sangue, ameaça atirar se não o levamos, apeamo-lo, ele está assustador, o sangue molha a túnica de Ivan, o cossaco, paramos, vou enfaixá-lo, sua ferida é leve, na barriga, um osso quebrado, levamos mais um homem cujo cavalo foi morto. Descrever o ferido. Vagamos longamente pelos campos sob o fogo, não se vê nada, estas estradas indiferentes e a graminha, mandamos cavaleiros, chegamos na estrada – e agora ir para onde, Radzivilov ou Bródi?

Em Radzivilov deverão estar o Estado-Maior administrativo e todos os comboios, em minha opinião ir para Bródi é mais interessante, a batalha é para tomar Bródi. Prevalence a opinião de Ivan, uns comboieiros dizem que em Bródi estão os poloneses, os comboios correm, o Estado-Maior do exército já se foi, vamos para Radzivilov. Chegamos à noite. Todo este tempo comemos cenouras e ervilhas cruas, fome penetrante, estamos sujos e sem dormir. Escolho uma casa no arrabalde de Radzivilov. Eu acertei, meu faro afiou-se. Um velho, uma jovem. A coalhada é excelente, devoramos. Preparam um chá com leite, o Ivan vai buscar açúcar. Tiroteio de metralhadora, troar de comboios, corremos para fora, o cavalo começa a mancar, é assim mesmo, corremos em pânico, atiram em nós, não entendemos nada, agora vão pegar-nos, atiramo-nos para a ponte, aglomeração, desabamos no brejo, pânico selvagem, um morto caído, carroças abandonadas, obuses, tantchankas. Uma confusão, noite, medo, os comboios intermináveis estão parados, movemo-nos, a campina, paramos, dormimos, estrelas. Em toda essa história o que mais lamento é a perda do chá, lamento imensamente. Penso nisso a noite inteira e odeio a guerra.

Que vida atribulada.

3. 8. 20

A noite em campo aberto, vamos a Bródi de vagonete. A cidade fica mudando de mãos. O mesmo quadro horrível, a cidade semi-destruída aguarda de novo. O posto de provisões no subúrbio, encontro-me com Barsukóv. Vou ao Estado-Maior. Está deserto, morto, triste. Tsótov dorme sobre as cadeiras, como um morto. Dormem também Bor-

³⁷ **Korotchaev, D. D.** – serviu temporariamente como comandante da divisão, substituindo Gorodnikov, O. I. (1879-1960) ausente por doença.

dulin e Pollak. O edifício do Banco de Praga, saqueado e depredado, as privadas, estas divisórias bancárias, vidros espelhados.

Dizem-me que o comandante da divisão está em Kliokotov, ficamos umas duas horas em Bródi devastada e apreensiva, chá numa barbearia. Ivan espera fora do Estado-Maior. Ir ou não ir. Vamos para Kliokotov, desviamos da estrada para Liechniuv, não se sabe se são os poloneses ou os nossos, vamos às apalpadelas, os cavalos estão exaustos, um deles manca cada vez mais. Comemos batatas na aldeia. Aparecem as brigadas, é uma beleza inexplicável, uma força formidável em movimento, fileiras infindáveis. Uma casa grande em ruínas, uma debulhadeira, um locomóvel Clenton, um trator, o locomóvel ainda funcionando, faz calor.

O campo de batalha, encontro o comandante da divisão, onde está o Estado-Maior, perderam o Jolnarkevitch. Começa a batalha, a artilharia cobre, as explosões estão próximas, é uma hora pesada, uma batalha decisiva – ou paramos o avanço polonês ou não. Budiónni ameaça Kolésnikov³⁸ e Gríchin – fuzilarei vocês, pálidos, eles vão embora a pé.

Antes disso – um campo assustador, semeado de homens massacrados, crueldade desumana, feridas inverossímeis, crânios quebrados, corpos brancos nus e jovens brilham ao sol, blocos de notas espalhados, folhas de papel, livros dos soldados, evangelhos e corpos no meio do centeio.

Estas impressões recebo-as mais na mente que nos olhos. A batalha começa, dão-me um cavalo. Vejo como se formam as colunas, as fileiras vão ao ataque, tenho pena desses infelizes, não há gente, só colunas. O fogo atinge sua maior intensidade. O massacre desenvolve-se em silêncio. Movo-me, há rumores sobre a convocação do comandante da divisão?

O início de minhas aventuras, vou pela estrada junto ao comboio, a batalha recrudescer, encontro um posto de provisão, fomos alvejados na estrada, o silvo dos obuses, explosões a vinte passos, sentimento de desespero, os comboios galopam. Juntei-me ao 20º Regimento da 4ª Divisão, feridos, um comandante bronco, não, diz, não estou ferido, foi só uma pancada, profissionais; e tudo, os campos, o sol, os cadáveres, estou sentado junto à cozinha, fome, ervilhas cruas, não há o que dar ao cavalo.

A cozinha, conversas, estamos sentados na grama, de repente o regimento entra em ação, preciso ir a Radzivilov, o regimento vai a Liechniuv, sinto-me impotente, tenho medo de me desgarrar. Viagem sem fim, estradas poeirentas, mudo para uma carroça, Quasímodo, dois jegues, visão cruel – este cocheiro corcunda, taciturno, de rosto escuro, como as florestas de Múrom.

Rodamos, tenho uma sensação horrível – estou me afastando da divisão. Acalento uma esperança – depois posso acompanhar o ferido a Radzivilov, o ferido tem um rosto judeu pálido.

Entramos na floresta, tiroteio, obuses a 100 passos, um infindável rodear pelas bordas da mata.

A areia é pesada, intransitável. Um poema sobre os cavalos sofridos.

Um apiário, revistamos as colméias, há quatro casas na floresta – não há nada, tudo já foi roubado, peço pão a um soldado vermelho, ele me responde que não quer nada com os judeus, sou um estranho, de calça comprida, não sou um deles, estou sozinho. Vamos mais adiante, de tão cansado mal consigo montar, preciso cuidar do cavalo eu

³⁸ Kolésnikov – comandante de brigada na 3ª Divisão.

mesmo. Chegamos a Koniúchkov, roubamos aveia, dizem-me – procure, pegue, pegue tudo – eu procuro a enfermeira pela aldeia, mulheres histéricas, cinco minutos depois de nossa chegada começa o saque. Não sei porque as mulheres se batem, gritam, choram de modo insuportável, procuro a enfermeira, estou com uma melancolia invencível, roubei uma caneca de leite do comandante do regimento, arranquei uma broa das mãos do filho da camponesa.

Sairemos daí a 10 minutos. É isso mesmo! Os poloneses estão em algum lugar por perto. Voltar de novo, penso que não vou aguentar, ainda mais a trote. No começo vou com o comandante, depois me junto ao comboio, quero sentar numa carroça, todos têm a mesma resposta – os cavalos estão cansados, está bem – tira-me daqui e senta você mesmo. Senta meu caro, só que aqui tem os mortos, olho sob a coberta, há mortos em baixo.

Chegamos ao campo, lá há muitos comboios da 4ª Divisão, uma bateria de canhões, de novo uma cozinha, procuro a enfermeira, uma noite dura, quero dormir, é preciso alimentar o cavalo, estou deitado, os cavalos comem um estupendo trigo, os soldados pálidos no meio do trigo, completamente mortos. O cavalo me estranha, corro atrás dele, encontro uma enfermeira, dormimos sobre uma tatchanka, a enfermeira é velha, calva, provavelmente judia, uma sofredora, essa xingação insuportável, o carroceiro tenta empurra-la para fora, os cavalos se enroscam, não dá para manter acordado o carroceiro, ele é rude e xinga-nos, ela diz – os nossos heróis são gente horrível. Ela o cobre, eles dormem abraçados, aquela enfermeira velha, infeliz. Gostaria de atirar no carroceiro, todo esse xingamento, a enfermeira não é deste mundo, adormecemos. Acordo duas horas depois – roubaram o arreio. Desespero. O amanhecer. Estamos a 7 *verstas* de Radzivilov. Vou andando ao acaso. Infeliz do cavalo, somos todos infelizes, o regimento irá adiante. De novo, a partida.

Deste dia – o importante é descrever os soldados vermelhos e o ar.

4. 8. 20

Estou viajando sozinho para Radzivilov. Estrada difícil. Ninguém pelo caminho, o cavalo está cansado, a cada passo tenho medo de encontrar os poloneses. Não houve esse problema felizmente. Na região de Radzivilov não há tropas, há confusão no lugarejo, mandam-me para a estação, a população já está completamente acostumada às mudanças. Chekó está de automóvel. Eu estou no alojamento de Budiónni. Uma família judia, moças, um grupo do ginásio Bukhtiev, de Odessa, o meu coração gelou.

Que sorte, dão-me cacau e pão. Novidades – há um novo comandante da divisão – Apanásenko³⁹ e um novo chefe do Estado-Maior – Chekó.⁴⁰ Surpresas.

Chega Jolnarkiévitich junto com o esquadrão, seu estado é lastimável, Tsótov anuncia-lhe que ele está destituído, “vou vender bolachas em Sukhoverka”, é a nova escola para vocês, vocês sabem dispor as tropas para o combate, diz, eu também sabia, agora, sem as reservas, não sei.

Ele está febril, diz o que não deveria, discute com Chekó, que logo eleva a voz, diz que o chefe do Estado-Maior ordenou-lhe que se apresentasse – não tenho nada a passar para ninguém, não sou um menino para ficar andando pelos estados-maiores, deixou o

³⁹ **Apanásenko, I. R.** (1890-1943) – substituiu Timochenko no comando da 6ª Divisão de Cavalaria.

⁴⁰ **Chekó, I. V.** – chefe do Estado-Maior sob Apanásenko.

esquadrão e foi embora. A velha guarda está saindo, tudo cai em pedaços, agora é Kons-tantin Kárlovitch que vai.

Mais uma impressão – igualmente penosa e inesquecível – a chegada do comandante da divisão sobre um cavalo branco acompanhado dos ordenanças. Toda a canalha do Estado-Maior, correndo atrás de galinhas para o comandante do exército, atitude paternalista deles, insolente. Chekó é arrogante, pergunta das operações, o outro explica sorrindo, figura magnífica, desespero. A batalha de ontem é um brilhante sucesso da 6ª Divisão – 1000 cavalos e 3 regimentos enviados para as trincheiras, o inimigo desfeito, repellido, o Estado-Maior está em Khótin. De quem é o sucesso – de Timochenko ou de Apanásenko? O camarada Khmelníski – judeu, comilão, covarde, insolente, próximo ao comandante do exército, uma galinha, um leitão, o milho, os ordenanças o desprezam, aqueles ordenanças insolentes, a única preocupação deles são as galinhas, o toucinho; comem, são gordos, os motoristas devoram toucinho – todos em frente ao prédio. Não há o que comer para o meu cavalo.

O moral muda completamente, os poloneses se retiram, ainda ocupam Bródi, mas os batemos de novo. O Budiónni conseguiu.

Quero dormir, não consigo. As mudanças na vida da divisão terão consequências. O Chekó está na carroça. Eu estou com o esquadrão. Vamos a Khótin, de novo a trote, fizemos 15 *verstas*.

Alojo-me com o Bakhtúrov. Ele está abatido, não há mais comandante da divisão, sente que também não ficará muito tempo lá. A divisão está estremecida, os combatentes andam quietos – será que vai passar? Finalmente jantei, carne, mel. Descrever Bakhtúrov, Ivan Ivánovitch e o Piotr. Durmo no celeiro, paz, finalmente.

KHÓTIN – 5. 8. 20

Um dia de descanso. Eu como, passeio pela aldeia banhada de sol, todos nos descansamos, almocei e jantei – há mel, leite.

O mais importante – mudanças internas, tudo está de cabeça para baixo.

Tenho muita pena do comandante da divisão, os cossacos estão agitados, há conversas pelas esquinas, fenômeno interessante, eles reúnem-se, cochicham. Bakhtúrov está deprimido, o comandante da divisão era um herói, agora o novo comandante não o deixa entrar no quarto, seis mil no lugar de seiscientos, grande humilhação, jogam na cara dele – você é um traidor, Timochenko deu risada. Apanásenko, uma figura nova e vistosa, é feio, áspero, passional, com muito amor próprio, ambicioso, escreveu uma proclamação para Stavrópól e para o Don sobre as desordens na retaguarda, somente para o seu torrão natal ficar sabendo que agora ele é o comandante da divisão. Timochenko era mais fácil, mais alegre e amplo, e quem sabe pior. Os dois homens, decerto não se gostavam. O Chekó se impõe, ordens espantosamente ásperas, arrogância. O trabalho no Estado-Maior mudou completamente. Não temos mais comboio e nem o Estado-Maior administrativo. Lépin levanta a cabeça, está zangado e responde mal ao Chekó.

À noite música e dança – o Apanásenko busca popularidade, o círculo se amplia, escolhe um cavalo capturado dos poloneses para Bakhtúrov, hoje todos cavalgam em cavalos poloneses, cavalos magníficos, de peito estreito, altos, ingleses, cavalos ruivos, isso não dá pára esquecer. Apanásenko manda desfilarem os cavalos.

O dia inteiro em conversas sobre as intrigas. Uma carta para a retaguarda. Saudades de Odessa.

Lembrar – a figura, o rosto, a alegria de Apanásenko, seu amor aos cavalos, como ele conduz os cavalos, escolhe um para o Bakhtúrov.

Sobre os ordenanças, que ligaram o seu destino ao dos “senhores”. O que vai fazer Mikheev, o manco Sukhánov, esses Grébuchki, Tarássov, o Ivan Ivánovitch com o Bakhtúrov. Todos vão na esteira. Sobre os cavalos poloneses, sobre os esquadrões, que galopam pela poeira, sobre os cavalos poloneses altos, dourados e de peito estreito. As melenas, correntinhas, as roupas feitas de tapetes.

No brejo atolaram 600 cavalos, infelizes poloneses.

KHÓTIN – 6. 8.20

No mesmo lugar. Estamos colocando as coisas em ordem, ferramos os cavalos, comemos, uma pausa nas operações.

Minha hospedeira é uma mulher pequena, frágil, tímida, com os olhos sofridos e gentis. Deus, como os soldados a atormentam, uma cozinhação sem fim, roubamos o seu mel. Seu marido veio para casa, umas bombas jogadas de avião espantaram os cavalos dele. O velho não comeu por cinco dias, agora parte em busca de seus cavalos pelo mundo afora, é uma epopéia. Um velho bem velho. O dia quente, um silêncio branco, denso, a alma se alegra, os cavalos estão de pé, parados, debulham-lhes aveia, os cossacos dormem em volta deles o dia inteiro, os cavalos descansam – e isso é o que vem em primeiro lugar.

Ocasionalmente aparece a figura do Apanásenko, que ao contrário do reservado Timochenko, é um dos nossos, ele é nosso pai-comandante.

Bakhtúrov parte pela manhã, junto com o seu séquito. Acompanho o trabalho do novo comissário, um operário moscovita obtuso, mas com as arestas polidas; eis onde está a força – nos caminhos padronizados mas grandiosos. Três comissários, descrever sem falta o manco Gubánov, um jovem de 23 anos, o terror do regimento, o esgrimista implacável; o sóbrio Chiráiev e o astuto Gríchin. Estão sentados no pomar, o comissário militar faz perguntas, bisbilhotam, falam, grandiloquentes, sobre a revolução mundial, a dona sacode as macieiras, todos já almoçaram, o secretário do comissário, comprido e retumbante, perambula ao redor, procurando comida.

No Estado-Maior há novos ares – Chekó fica escrevendo ordens especiais, altissonantes e estridentes, mas curtas e enérgicas e oferece suas opiniões ao Conselho Militar Revolucionário; age por sua própria iniciativa.

Todos sentem falta de Timochenko. Não haverá nenhum motim.

Por que não passa a minha angústia? Porque estou longe de casa, porque destruímos, feito um furacão, feito a lava, odiados por todos. A vida se esvai, estou num grande funeral interminável.

Ivan Ivánovitch senta na banquetta e fala dos dias quando ele gastava de 20 a 30 mil de uma vez. Todos tem ouro, todos o pegaram em Rostóv, jogaram o saco com dinheiro na sela e lá se foram. Ivan Ivánovitch vestia e sustentava mulheres. É noite, o galpão, o feno perfumado, mas o ar está pesado, sinto-me esmagado por algo, talvez pela triste insensatez de minha vida.

BERESTIETCHKO – 7. 8. 20

Agora, já é de noitinha, 8 horas. Acenderam-se as luzes no lugarejo. No cômodo, ao lado, um réquiem. Há muitos judeus, tristes cantos familiares, eles balançam enquanto cantam, estão sentados em bancos, duas velas, uma lâmpada sempiterna no parapeito. A cerimônia é pela neta do dono, morta de medo após os saques. Sua mãe chora e conta-me, durante a reza, – estamos em pé diante da mesa – ”a magoa me martela já são dois meses agora”. A mãe mostra o retrato apagado pelas lágrimas e todos dizem – era uma beleza extraordinária, um comandante andava atrás dela, batidas à noite, arrancavam da cama, os poloneses reviravam as casas, depois os cossacos, ela teve vômito sem parar, esvaiu-se. E o principal para os judeus – era uma beleza, nunca se vira igual no lugarejo.

Um dia memorável. Pela manhã – de Khótin a Berestietchko. Cavalgo junto com o secretário do comissário Ivanov, um rapaz comprido, glutão, sem rumo, maltrapilho – e nada menos que o marido da cantora Komaróva, “nós dávamos concertos, eu vou mandar buscá-la”. A mênade russa.

Cadáver de um polonês morto, um cadáver medonho, inchado e nu, algo monstruoso.

Berestietchko já trocou de mãos várias vezes. Campos históricos fora de Berestietchko, sepulturas de cossacos. E eis o mais importante: tudo se repete – cossacos contra poloneses, e mais vezes – camponeses contra senhores poloneses.

Não me esquecerei do lugarejo, as propriedades sob os telhados, longas estreitas, fedorentas, tudo isso tem 100 – 200 anos, sua população é mais resistente que em outros lugares, o principal é a arquitetura, as casinhas branco-azuladas, as ruazinhas, as sinagogas, as camponesas. A vida vai se ajeitando mal e mal. Aqui se vivia bem – os judeus abastados, os ucranianos ricos, feiras aos domingos, uma categoria especial de artesãos russos – fabricantes de couro, negociavam com a Áustria, contrabando.

Aqui, os judeus são menos fanáticos, mais bem vestidos, mais robustos, pode-se até dizer mais alegres, velhos idosos, capotes, velhinhas, tudo respira velhos tempos, tradição, o lugarejo é embebido da história sangrenta do gueto judeu-polonês. O ódio aos poloneses é unânime. Eles saquearam, torturaram, marcaram o farmacêutico com ferro em brasa. Agulhas sob as unhas, cabelos arrancados, por alguém ter atirado num oficial polonês – uma idiotice. Os poloneses enlouqueceram, eles destroem a si próprios.

Uma igreja antiga, sepulturas de oficiais poloneses dentro do cercado, novos montículos, de 10 dias atrás, cruzeiras brancas de bétula, tudo isso é horrível. A casa do padre foi destruída, encontro livros antigos, manuscritos latinos preciosíssimos. O padre Tuzinkiewicz – encontro o seu retrato, é gordo e baixo, labutou aqui por 45 anos, só viveu neste lugar, um escolástico, uma coleção de livros, muitos em latim, edições de 1860, eis quando viveu Tuzinkiewicz, as acomodações antigas, enormes, quadros escuros, fotos de prelados reunidos em Jitómir, retratos do papa Pio X, um belo rosto, um espantoso retrato de Sienkiewicz – ei-lo, a essência da nação. Sobre tudo isso fede a pequena alma de Súkhin. Como tudo isso é novo para mim – os livros, a alma do padre católico, um jesuíta. Eu tento captar a alma e o coração de Tuzinkiewicz, e acho que consegui. Subitamente, Lépin toca o piano de um modo tocante. Às vezes ele canta em lituano. Lembrar de seus pés descalços – uma graça. É uma criatura muito engraçada.

Um acontecimento terrível – o saque na igreja, os paramentos rasgados, os tecidos brilhantes e preciosos, destruídos, no chão, uma enfermeira levou três fardos, rasgaram

o forro, levaram as velas, jogaram fora as bulas, levaram o dinheiro. Um esplêndido santuário de 200 anos, o que ele já viu (manuscritos de Tuzinkiewicz), quantos condes e servos, uma magnífica pintura italiana, padres rosados embalando Jesus-menino, um soberbo e escuro Cristo, Rembrandt, uma Madona no estilo de Murilo, quem sabe do próprio Murilo, e o mais importante, estes jesuítas santos e bem nutridos, uma figurinha chinesa sinistra atrás de um véu, um judeuzinho barbudo vestido de *contuch* escarlate, um banco, uma banquetta quebrada, a figura de S. Valentim. O serventuário treme como um pássaro, se contrai, mistura a fala russa com a polonesa, não posso tocá-lo, soluça. Esses animais, eles vieram para saquear, isso é claro, destroem-se os antigos deuses.

Entardeceu no lugarejo. A igreja está fechada. Antes de anoitecer vou ao castelo dos condes Raciborowski. Um velho de 70 anos e sua mãe de 90. Havia somente os dois, ambos loucos, assim diz o povo. Descrever este par. Antiga casa de condes poloneses, provavelmente com mais de 100 anos, uma pintura clara antiga, as bases das luminárias, chifres, restos de chifres, pequenos quartos para a criadagem em cima, lajotas, passagens, excrementos pelo chão, meninos judeus, um piano Steinway, sofás abertos até as molas, lembrar das portas de carvalho, brancas e leves. Cartas em francês de 1820, *notre petit héros achève 7 semaines*. Meu Deus, quem escreveu, quando escreveu, estas cartas pisadas, pego algumas relíquias, um século, a mãe – uma condessa, um piano Steinway, um parque, um lago.

Não consigo me libertar – lembro de Hauptmann,⁴¹ de Elga.

Um comício no parque do castelo, os judeus de Berestietchko, o obtuso Vinokúrov, a criançada corre ao redor, elegem o Comitê Revolucionário, os judeus enrolam suas barbas, as judias escutam o que dizem do paraíso russo, da situação mundial, do levante na Índia.

Uma noite inquieta, alguém disse para ficarmos alerta, a sós com o decrepito caixeiro, sua inesperada eloquência. O que será que ele está dizendo?

BERESTIETCHKO – 8. 8. 20

Já estou me acostumando ao lugarejo. Aqui havia feiras. Os camponeses vendem peras. Pagam-lhes com um dinheiro que já não existe mais. Aqui a vida era ativa – os judeus levavam grãos para a Áustria, contrabando de mercadorias e de gente, a proximidade com a fronteira.

Galpões incomuns, subterrâneos.

Moro com a dona de uma estalagem, uma canalha ruiva e magra. Íltchenko comprou alguns pepinos, está lendo o “Jornal Para Todos”, discute política econômica, os judeus são os culpados de tudo – diz – uma criatura eslava obtusa, que durante o saque de Rostóv encheu seus bolsos. Algumas crianças abandonadas, a mãe morreu há pouco. A história com o farmacêutico, os poloneses enfiaram alfinetes sob suas unhas, gente enlouquecida.

Um dia quente, os moradores vagam por aí, começam a reviver, logo haverá negócios.

Uma sinagoga, Torás, quem a construiu foi um artesão de Kreminecs, pagavam-lhe 50 rublos por mês, pavões dourados, braços cruzados, antigas Torás, todos os chames

⁴¹ Hauptmann, Gerhardt (1862-1946) – dramaturgo alemão autor da peça “Elga” baseada na novela de Franz Grillparzer.

sem entusiasmo, velhos amarrotados, as pontes para Berestietchko, quando se moviam, os poloneses davam a tudo isso um colorido há muito perdido. O velhinho, com quem está hospedado Korotcháev, o comandante da divisão destituído, com o seu judeu-escudeiro. Korotcháev era chefe de Tcheká em algum lugar de Astrakhan. Se cavocarmos daí vai sair muita coisa. Amizade com o judeu.

Tomamos chá com o velhinho. Silêncio, paz de espírito. Fico vagando pelo lugarejo, dentro dos casebres a vida é triste, mas poderosa e imorredoura. Mocinhas de meias brancas, capotes, como há poucos gordos.

Fazemos o reconhecimento na direção de Lvov. Apanásenko escreve ofícios para o Comitê Executivo de Stavrópol, “vamos cortar cabeças na retaguarda”, ele está radiante. Batalha junto a Radzivilov, Apanásenko se conduz a contento – distribuição instantânea de tropas, quase mandou fuzilar a 14ª Divisão, porque esta recuou. Aproximamo-nos de Radzivilov. Os jornais moscovitas datam de 29/VII. Abertura do II Congresso da III Internacional, finalmente foi realizada a união dos povos, agora tudo está claro: existem dois mundos e a guerra entre eles foi declarada. Vamos lutar sem parar. A Rússia lançou o desafio. Iremos à Europa dominar o mundo. O Exército Vermelho tornou-se um fator de significado mundial.

É preciso atentar para Apanásenko. Um *ataman*.

O réquiem do velho silencioso pela neta.

O anoitecer, um espetáculo no jardim dos condes, são amadores de Berestietchko, um ordenança bobo, mocinhas de Berestietchko, tudo se aquieta, seria bom viver aqui, conhecer mais.

LACHKÓV – 9. 8. 20

Translado de Berestiétchko para Lachkóv. A Galícia. A carruagem do comandante da divisão, o ordenança do comandante da divisão, Lióvka – aquele mesmo que comercia e conduz os cavalos. Corre a voz que ele açoitou o seu vizinho Stepán, que foi policial na época de Deníkin e destratava a população, quando Stepán voltou à aldeia. Matá-lo não deixaram, mas bateram nele na prisão. Retalharam as suas costas, pularam e dançaram em cima dele. A conversa foi épica: “Está bom para você Stepán?” “Está ruim”. “E para aqueles que você maltratava estava bom?” “Não estava”. “E você pensou que estaria mal para você?” “Não, não pensei”. “Mas deveria ter pensado, Stepán, pois nós pensamos que se vocês nos pegassem, cortariam a nossa garganta,..., então, agora, Stepán, vamos matá-lo”. Deixaram-no quando ainda estava morno. E ainda há uma outra história, esta sobre a enfermeira Churka. É noite, uma batalha, os regimentos estão se formando, Lióvka está num faeton, o companheiro de Churka está gravemente ferido, entrega o cavalo a Lióvka, eles levam o ferido e voltam à luta. Vamos, Chura, só se vive uma vez e morre-se também só uma vez. Então está bem, vamos. Ela estudou em uma escola em Rostóv, galopa com o regimento, pode dar conta de quinze. E agora, Churka, vamos recuar, os cavalos enroscaram-se no arame farpado, ele cavalgou 4 *verstas*, aldeia, senta e corta o arame, o regimento atravessa, Chura sai das fileiras, Lióvka prepara o jantar, estão com fome. Jantaram, conversaram, vamos, agora Chura, mais uma vez. Está bem, então. Mas, onde?

Ela juntou-se ao regimento, a cavalo. Ele foi dormir. Se a minha mulher chegar – mato-a.

Lachóv – uma aldeia galiciana, verde, ensolarada, tranquila, próspera. Moro na casa do diácono. A mulher dele acabou de parir. Gente oprimida. Uma casa nova e limpa, sem nada dentro. Ao lado, moram judeus galicianos típicos. Pensam – será que ele é judeu? A história deles: saquearam, cortaram as cabeças de duas galinhas, acharam coisas escondidas no galpão, desenterraram, juntaram todo mundo dentro de casa, a mesma coisa de sempre – lembrar do menino de suíças. Contam-me que o chefe dos rabis vive em Belz, exterminaram todos os rabinos.

Descansamos, no meu jardim está o 1º Esquadrão. Noite, sobre a mesa, uma pequena lâmpada, os cavalos fungam em silêncio, aqui todos são de Kuban, comem juntos, dormem juntos, cozinham juntos, uma esplêndida camaradagem, silenciosa. Todos com jeito de camponeses. De tarde cantam canções parecidas com as da igreja, a plena voz. Devoção pelos cavalos, ao lado de cada homem, um monte: sela, brida, sabre decorado, capote. Eu durmo no meio deles.

De dia durmo no campo. Não há operações militares, que coisa bela e necessária é o descanso. A cavalaria e os cavalos descansam do trabalho desumano, os homens descansam de tanta crueldade, vivem juntos, cantam canções em surdina, contam, um ao outro, alguma história.

O Estado-Maior está na escola. O comandante da divisão está na casa do padre.

LACHKÓV – 10. 8. 20

O nosso descanso continua. Foi mandada uma patrulha de reconhecimento a Radzíchov, Sokolóvka, Stoiánov, tudo no caminho de Lvov. Veio a notícia da tomada de Aleksándrovsk, a situação internacional tem complicações enormes, será que vamos guerrear com o mundo inteiro?

Um incêndio na aldeia. Arde o galpão do padre. Dois cavalos lutaram com todas as forças, mas acabaram queimados. Não dá para tirar um cavalo do meio do fogo. Duas vacas conseguiram escapar, uma com a pele toda rachada, que sangra, é comovente, de dar pena.

A fumaça envolve toda a aldeia, chamas brilhantes, rolos fofos de fumo negro, um montão de madeira. Calor no meu rosto, todas as coisas da casa e da igreja são jogadas no jardim. Apanásenko, de jaqueta vermelha e capa negra, bem barbeado – é uma aparição assustadora, um *ataman*.

Nossos cossacos dão um espetáculo deprimente, roubam as coisas pela porta dos fundos, os olhos ardem, um constrangimento, é difícil erradicar esse hábito. Todos os estandartes, as antigas vidas de santos, os ícones, estranhas figurinhas branco-rosadas e branco-azuladas, feias e de caras achatadas, chinesas ou budistas, muitas flores de papel, será que a igreja vai pegar fogo, as camponesas torcem as mãos em silêncio, os aldeões assustados e silenciosos correm descalços, cada um senta diante de sua casa com um balde. Eles estão apáticos, abatidos, insensíveis – o que não é comum, em outra ocasião eles teriam corrido para apagar o fogo. O roubo deu para controlar – os soldados, como feras rapaces, andam rodeando as malas do padre, dizem, lá há o ouro do padre, pode-se roubar do padre. O retrato do conde Andrzej Szeptycki, o metropolitano da Galícia,

um magnata másculo, com um anel preto na mão grande e aristocrática. O velho padre serviu 35 anos em Lachkóv, seu lábio inferior não pára de tremer, conta-me de Szeptycki, que “não foi criado no espírito polonês”, é da nobreza rutena, dos “condes Szeptycki”, que depois de se juntaram aos poloneses, o irmão dele é comandante-em-chefe do exército polonês, mas Andrzej voltou para os rutenos.

Sua cultura antiga, tranquila e sólida. Um padre bom e educado, guardou alguma farinha, galinhas, quer falar da universidade, dos rutenos. Não teve sorte, Apanásenko, de jaqueta vermelha, mora em sua casa.

À noite – um espetáculo incomum, a estrada arde vivamente, meu quarto está iluminado, estou trabalhando, a lâmpada acesa, tranquilidade, os cossacos de Kuban cantam com sentimento, suas figuras esbeltas junto às fogueiras, as canções são todas ucranianas, os cavalos vão dormir. Vou ver o comandante da divisão. Ele, contou-me Vinokúov, é um guerrilheiro, um ataman, um rebelde, a liberdade cossaca, um levante selvagem, seu ideal é Dumenko,⁴² uma ferida aberta, deve subordinar-se à organização, ódio mortal aos aristocratas, padres e principalmente à intelligentsia, que, ele, no exército, não consegue engolir. Ele, o Apanásenko, terminará o instituto, qual é a diferença dos tempos de Bogdan Khmelnítski?

Noite alta. São 4 horas.

LACHKÓV – 11. 8. 20

Um dia de trabalho, passo-o sentado no Estado-Maior escrevendo até cansar, um dia de paz. Chove ao anoitecer. No meu quarto dormem alguns cossacos de Kuban, é estranho – são pacíficos e ao mesmo tempo guerreiros, lavradores não muito jovens e apegados à casa, claramente de origem ucraniana.

Sobre os cossacos de Kuban. Uma comunidade de camaradas, sempre enturmados. Os cavalos fungam embaixo da janela. Tanto de dia como de noite, esplêndido cheiro de esterco, de sol e de cossacos que dormem. Duas vezes ao dia cozinham um enorme balde de sopa e carne. À noite visitam uns aos outros. Uma chuva incessante, eles se secam e jantam no meu quarto. Um cossaco religioso de chapéu mole, rosto pálido e bigode claro. São sérios, amigáveis, selvagens, mas de algum modo mais atraentes, apegados à casa, xingam menos e são mais pacíficos do que os cossacos do Don e de Stavrópol.

Chegou a enfermeira, como tudo é claro, é preciso descrevê-la, ela está gasta, quer ir embora, lá estavam todos – estes pelo menos falam, o comandante, Iákovlev, e – horror – o Gússev. Ela dá pena, quer ir embora, está triste, fala de modo confuso, quer falar comigo sobre algo e olha-me com olhar confiante, como dizendo que eu sou amigo, e os outros, os outros são de fazer chorar. Com que rapidez destruíram um ser humano, rebaixaram-no, tornaram-no feio. Ela é ingênua, tola, suscetível a todas as frases revolucionárias, a tolinha fala muito sobre a revolução, serviu na seção de cultura e educação da Tcheká, quantas influências masculinas.

Uma entrevista com Apanásenko. É muito interessante. É preciso lembrar o seu rosto obtuso e assustador, a sua figura forte e compacta, como a de Útotchkin.⁴³ Seu

⁴² **Dumenko, B.M.** (1888-1920) – Herói da Guerra Civil. Comandante de Cavalaria Vermelha. Acusado falsamente, foi fuzilado em maio de 1920.

⁴³ **Útotchkin, S.** (1896-1916) – um dos primeiros pilotos russos, nascido em Odessa.

ordenança (Liova), o gracioso cavalo dourado, os puxa-sacos, as carruagens, o adotado Volódia – um pequeno cossaco com rosto de velho que xinga como um adulto.

Apanásenko é ávido de glória, ei-la a nova classe. Apesar de todos os planos de guerra – ele afasta-se e cada vez volta de novo, organizador de destacamentos, simplesmente hostil ao oficialato, quatro cruzeiros de S. Jorge, funcionário, sub-oficial, sub-tenente sob Kérenski, presidente do comitê regimental, arrancava as ombreiras dos oficiais, longos meses nas estepes de Astrakhan, autoridade incontestada, um soldado profissional.

Sobre os *atamans*, havia muitos deles por lá, eles conseguiam metralhadoras, lutavam com Chkuró⁴⁴ e Mámontov⁴⁵, juntaram-se ao Exército Vermelho, uma epopéia heróica. Essa não é uma revolução marxista, é uma rebelião cossaca que quer ganhar tudo e não perder nada. O ódio de Apanásenko aos ricos, à intelligentsia, é um ódio que não se apaga.

Noite com os cossacos de Kuban, chove, é abafado, tenho uma estranha cocceira.

LACHKÓV – 12. 8. 20

Quarto dia em Lachkóv. Uma aldeia da Galícia mais maltratada que as outras. Viviam melhor que os russos, casas boas, forte senso de ordem, respeito aos padres, gente honesta mas exangue, criança escaldada dos meus hospedeiros, como e para que ela nasceu, a mãe sem uma gota de sangue, sempre parecem esconder algo, em algum lugar parece que há porcos grunhindo, provavelmente têm roupas escondidas por ali.

Um dia livre, o meu trabalho de jornalista é uma coisa boa, não deve ser negligenciado.

É preciso também escrever para o jornal a biografia de Apanásenko.

A divisão descansa – uma certa calma no coração e parece que as pessoas são melhores – canções, fogueiras, fogo à noite, brincadeiras, cavalos felizes e apáticos, andam a esmo, alguém lê jornal, ferram os cavalos. O que parece tudo isso. Sókolov sai de férias, dou-lhe uma carta para casa.

Escrevo – sempre sobre os cachimbos, sobre coisas há muito esquecidas, a revolução – que Deus a tenha, é para lá que é preciso ir.

Não esquecer do padre de Lachkóv, mal barbeado, bondoso, educado, talvez mercenário, mas mercenário é muito forte – apenas uma galinha, um pato, sua casa, ele vivia bem, gravuras engraçadas.

Um atrito entre o comissário militar e o comandante da divisão, ele levantou-se e saiu com o Kniga, enquanto Iákovlev, o comissário da divisão, fazia o relatório, Apanásenko veio ver o comissário.

Vinokúrov é um comissário militar típico, insiste na sua linha, quer consertar a 6ª Divisão, luta com a mentalidade guerrilheira, tem raciocínio lento, cansa-me com seus discursos, às vezes é rude, trata a todos sem cerimônia.

⁴⁴ Chkuró, A. (1887-1947) – general cossaco contra-revolucionário.

⁴⁵ Mámontov, K. (1869-1920) – general cossaco contra-revolucionário.

À Noite veio uma ordem – avançar para Busk, a 35 *verstas* a leste de Lvov.

Saímos de manhã. Todas as três brigadas concentradas no mesmo lugar. Monto o cavalo de Mícha, que aprendeu a galopar mas não sabe andar a passo, sacode terrivelmente. O dia todo a cavalo junto com o comandante da divisão. A granja de Porad. Na floresta, 4 aeroplanos inimigos fazem fogo em salva. Três comandantes de brigada Kolésnikov, Koratcháev, Kniga. Vassíli Nikoláevitch é esperto, foi por Tóporov contornando Tchaniz, não encontrando o inimigo em lugar algum. Paramos na granja Porad, casas destruídas, retiro uma velha do esconderijo, rolinhos de repolho recheados. Junto com o observador na bateria de canhões. Atacamos perto do bosque.

Vai mal – brejo, canais, não há lugar para a cavalaria manobrar, atacamos apeados, apáticos, será que o nosso moral está caindo? Batalha em Tóporov, encarnecida apesar de mais leve (comparada com o matadouro imperialista),⁴⁶ eles atacam pelos três lados, mas não conseguem nada, o furacão de fogo das duas baterias de nossa artilharia.

É noite. Todos os nossos ataques falharam. À noite o Estado-Maior muda-se para Nívitsa. Um denso nevoeiro, frio penetrante, os cavalos, os caminhos pelas florestas, fogueiras e velas, enfermeiras sobre tatchankas, uma jornada difícil após um dia de agitação e insucesso final.

O dia inteiro por campos e florestas. O mais interessante é o comandante da divisão, seus gracejos, seus xingamentos, suas exclamações abruptas, seus resmungos, um dar de ombros, está nervoso, a responsabilidade por tudo, paixão, se ele estivesse lá, tudo estaria bem.

O que ficou na memória? Cavalgada à noite, os gritos das mulheres em Porad, quando começaram parei de escrever, pois a 100 passos explodiram duas bombas jogadas do aeroplano. Estamos na borda da floresta a oeste de Stári Maidán, pegamos a roupa de cama, nosso ataque, algo nunca visto, de longe não parece tão feio, que patrulhas, os cavaleiros passam pelo prado, de longe não se percebe a razão de tudo isso, não parece tão assustador.

Quando chegamos perto do lugarejo, começou a febre, o momento do ataque, o momento quando tomaram a cidade, alarmante, febril, crescente estalar das metralhadoras levando o desespero ao auge, explosões incessantes e sobre tudo isso o silêncio pairando e nada se vê.

O trabalho do Estado-Maior de Apanásenko – toda a comunicação ao comandante do exército, está mostrando serviço.

Chegamos a Nívitsa enregelados e cansados. Uma cozinha quente. Uma escola.

A cativante mulher do professor, nacionalista, há nela uma alegria interior, faz perguntas, esquento o chá, defende a sua *móva*, a sua língua é boa e a nossa também, sempre com o riso nos olhos. E isso na Galícia, é bom, há muito eu não ouvia algo assim.

Durmo sobre a palha numa sala de aula, junto com Vinokúrov.

Estou resfriado.

⁴⁶ Referência à Primeira Guerra Mundial.

Não tive tempo para escrever. Avançamos. Avançamos em 13.8. Daí para adiante em movimento constante, estradas sem fim, o estandarte do esquadrão, os cavalos de Apanásenko, batalhas, fazendas, cadáveres. Um assalto frontal a Tóporov, Kolésnikov ataca, brejo, eu estou num ponto de observação, ao entardecer um furioso fogo das duas baterias. A infantaria polonesa está nas trincheiras, os nossos avançam, voltam, os condutores de cavalos levam os feridos. Os cossacos não gostam de ataques frontais, a maldita trincheira fumega. Isso foi no dia 13. No dia 14, a divisão se move para Busk, devemos chegar lá a qualquer custo, ao anoitecer chegamos a cerca de dez *verstas*. É lá que se deve realizar a operação principal – atravessar o Bug. Ao mesmo tempo procuramos um vau.

Uma fazenda tcheca em Adámi, um lanche na casa, batatas com leite, Sukhórukov, que se sente em casa em todos os regimes, lambe-botas, Súslov e os Lióvki de todo tipo tocam a mesma música. O principal – as florestas escuras, comboios, luz das velas caindo sobre as enfermeiras, um troar, as etapas do deslocamento. Estamos na orla da floresta, os cavalos mastigam, os heróis do dia são os aeroplanos, as ações aéreas só aumentam. Um ataque aéreo, eles sobrevoam sem parar, 5 ou 6 de uma vez, bombas a 100 passos, tenho um garanhão cinza, um cavalo horrível. Uma intriga com a enfermeira. Apanásenko, de repente, fez-lhe uma proposta indecorosa, ela, como se diz, passou a noite, e agora fala dele com desprezo, mas agrada-lhe Chekó, e ela por sua vez agrada ao comissário divisional, que disfarça o seu interesse, diz que ela é indefesa, sem meios de transporte, ninguém a protege. Ela conta como foi cortejada por Konstantín Kárlovitch, que a alimentava; proibiu que lhe escrevessem cartas, mas eles escreviam-lhe constantemente. Iákovlev agradava-lhe muito, o chefe da seção de registro, o jovem louro de boné vermelho, pediu sua mão e o coração e soluçava como um bebê. Corria ainda uma outra história, mas eu nada fiquei sabendo. Uma verdadeira epopéia a da enfermeira, e mais do que tudo, falam muito dela e a desprezam, seu próprio cocheiro não fala com ela, suas botinhas, seu aventalzinho, ela dá presentinhos, livros de Bebel.⁴⁷

A mulher e o socialismo.

Pode-se escrever um volume inteiro sobre as mulheres no Exército de Cavalaria. Os esquadrões galopam para a batalha, poeira, troar, sabres nus, xingação intensa, elas galopam com as saias arregaçadas na frente, empoeiradas, peitudas, todas putas, mas camaradas e putas porque são camaradas, é isso que conta, servem a todos com o que podem, são umas heroínas, e ao mesmo tempo elas são desprezadas, dão de beber aos cavalos, carregam feno, consertam os arreios, roubam coisas das igrejas e da população.

O nervosismo de Apanásenko, seus xingamentos, será isso a força de vontade?

À noite de novo em Nívitsa, durmo em algum lugar sobre a palha, não me lembro de nada, estou em farrapos, o corpo dolorido, cem *verstas* a cavalo.

Pernoito com Vinokúrov. A relação dele com Ivanóv. Quem é este pobre jovem alto e glutão de fala mansa, de alma fenecida e mente aguçada? O comissário é insuportavelmente grosso com ele, xinga a mãe sem parar, implica com tudo, o que pensas que estás fazendo, filho da mãe? Se não sabes, junta as suas coisas e dá o fora.

É preciso penetrar na alma do combatente, eu penetro, tudo isso é terrível, animalidade com princípios.

⁴⁷ Bebel, August (1840-1913) – socialista alemão, autor de “A Mulher e o Socialismo”.

Durante a noite, num assalto, a 2ª Brigada tomou Tóporov. Uma manhã inesquecível. Avançamos trotando. Um lugarejo assustador, horrível, os judeus junto às pontes parecem cadáveres, fico pensando, o que ainda acontecerá com vocês. Barbas pretas, costas encurvadas, casas destruídas, aqui mesmo [ilegível], restos da ordem e do bem estar alemão, a mágoa judia de sempre, inexprimível e quente. Há o mosteiro, também. Apanásenko está radiante. Passa a segunda brigada. Melenas, roupas feitas de tapetes, tabaqueiras vermelhas, carabinas curtas, os chefes montando cavalos imponentes, uma brigada de

Budiónni. Revista, bandas tocando, saudações, filhos da revolução, Apanásenko resplandece.

Saída de Tóporov – florestas, caminhos, o Estado-Maior à beira da estrada, mensageiros, comandantes de brigada, entramos a toda, na metade oriental de Busk. Que lugar encantador (no dia 18 um aeroplano sobrevoa, vai lançar as bombas a qualquer momento), judias limpas, pomares cheios de peras e ameixas, um meio dia brilhante – cortinas – nas casas restos de uma simplicidade burguesa limpa, possivelmente honesta, espelhos; estamos alojados com uma galiciana gorda, viúva do professor, sofás largos, muitas ameixas, cansaço insuportável devido ao excesso de tensão (um obus passou voando, não explodiu), não consegui dormir, fiquei deitado junto à parede com os cavalos e lembrei-me do horror da montoeira de comboios e da poeira da estrada, e a poeira – o admirável fenômeno de nossa guerra.

Estão lutando em Busk, do outro lado da ponte. Nossos feridos. É uma beleza – lá adiante, o lugarejo queimado. Dirijo-me à travessia, uma aguda sensação de batalha, é preciso correr por um pedaço da estrada pois ela é alvejada pelo inimigo, noite, o incêndio brilha, os cavalos estão parados junto às casas, há uma reunião com Budiónni, é o Conselho Militar Revolucionário. Uma sensação de perigo, não conseguiram tomar Busk num ataque frontal, despedimo-nos da gorda galiciana e no meio da noite vamos para Iablónovka. Os cavalos mal andam, pernoitamos num buraco sobre a palha, o comandante da divisão foi embora e o comissário não teve forças para ir mais adiante.

A 1ª Brigada encontrou um vau e cruzou o Bug em Poborjani. Pela manhã fomos com Vinokúrov para o vau. Ei-lo, o Bug, um riozinho miúdo, o Estado-Maior está no alto do morro, estou exausto de tanto andar, mandaram-me de volta a Iablónovka para interrogar prisioneiros. Uma desgraça. Descrever o sentimento de um cavaleiro: cansaço, o cavalo não anda, é preciso ir longe, não tem mais forças, a estepe queimada, solidão, ninguém para ajuda-lo, *verstas* infinitas.

Interrogatório de prisioneiros em Iablónovka. Gente só com roupa de baixo. Há judeus, poloneses louros exaustos, um rapazinho educado, há um ódio cego contra nós, a roupa ensopada de sangue de um ferido, não lhes dão água, um sujeito de rosto gordo insiste em mostrar-me seus documentos. Felizardos – penso eu – como vocês escaparam. Eles me rodeiam, estão contentes em ouvir o som de uma voz benevolente, poeira maldita, qual é a diferença entre os cossacos e eles, gente delicada.

De Iablónovka volto de tatchanka para o Estado Maior. Outra travessia, passam comboios infundáveis (eles não esperam nem um minuto, vão atrás das tropas que avançam) afundam no rio, os arreios rompem-se, a poeira é sufocante, aldeias galicianas, dão-me leite, em uma das aldeias até um almoço, os poloneses acabaram de sair de lá, tudo calmo, a aldeia é inerme, calor, o silêncio do meio-dia, não há ninguém na aldeia,

é espantoso que aqui o silêncio não é perturbado por nada, luz, paz – como se não houvesse um front a 100 verstas. As igrejas nas aldeias.

Mais adiante, o inimigo. Dois poloneses nus apunhalados, seus pequenos rostos retalhados, brilham ao sol no meio do centeio.

Voltamos a Iablónovka, chá com o Lépin, sujeira, Tcherkáchin o humilha e quer largar, se olharmos melhor, o rosto de Tcherkáchin é assustador, em sua figura alta e reta como um bastão, adivinha-se um mujique – e um beberrão, e um ladrão e um espertalhão.

Lépin – sujo, obtuso, sensível, incompreensível.

Um longo e interminável relato do bonito Bezkunóv: seu pai, Níjni Nóvgorod, chefe do departamento químico, o Exército Vermelho, aprisionado por Deníkin, uma biografia de um jovem russo, o pai, um comerciante. Foi inventor, negociava com restaurantes moscovitas. Conversamos durante toda a viagem. Vamos a Milátin, pelo caminho há ameixas. Em Stári Milátin há uma igreja, a habitação do padre, o padre tem uma residência luxuosa – é inesquecível – todo dia ele me dá um aperto de mão e sai para sepultar um polonês morto, depois senta, pergunta se nosso chefe é bom, um rosto tipicamente jesuíta, barbeado, os olhos cinzentos, inquietos, diz como tudo isso é bom, sua sobrinha chorosa pede para lhe devolverem a novilha, lágrimas e um sorriso coquete, tudo bem polonês. Não esquecer da moradia, alguns berloques, uma obscuridade agradável, jesuítica, cultura católica, mulheres limpas, e o padre perfumado e extremamente chocado, com o mosteiro pelo caminho. Quero ficar. Aguardamos uma decisão – onde ficar – no velho ou novo Milátin. Noite. Pânico. Mais comboios, em algum lugar os poloneses romperam a linha, na estrada, uma confusão babilônica, comboios em três filas, estou na escola de Milátin, duas bonitas solteironas, fiquei surpreso, como elas me lembram as irmãs Chapiro de Nikoláev, duas galicianas tranquilas e educadas, patriotas, com sua cultura, seu dormitório, talvez papelotes, neste troante Milátin em guerra, atrás das paredes, comboios, canhões, os comandantes-pais contam façanhas, uma poeira alaranjada, nuvens de poeira, o mosteiro está cheio delas. As irmãs oferecem-me cigarros, elas bebem as minhas palavras de que tudo será magnífico – um bálsamo para elas, elas florescem, e nós começamos a falar sobre cultura como intelectuais.

Batidas na porta. O comandante me chama. Um susto. Vamos ao Nóvi Milátin.

Nóvi Milátin. Com o comissário no asilo, um pátio, um galpão, noite, arcadas, a servente do padre, é escuro, sujo, miríades de moscas, um cansaço incomparável, um cansaço do *front*.

Amanhecer, saímos, devemos romper a defesa pela estrada de ferro (tudo isso se passa em 17/VIII), estrada de ferro Bródi – Lvov.

Minha primeira batalha, eu vi o ataque, eles reúnem-se junto aos arbustos, os comandantes de brigada vão com Apanásenko – chega o cauteloso Kniga, o esperto, uma torrente de palavras, apontam os montes com os dedos – à beira da floresta, à beira do vale, descobriram o inimigo, os regimentos se atiram ao ataque, os sabres ao sol, comandantes pálidos, as pernas firmes de Apanasenko, hurra!

O que aconteceu? Campos, poeira, o Estado-Maior na planície, o Apanásenko xingando, exaltado, o comandante da brigada – liquidar essa canalha... esses bandidos.

O animo antes da batalha, fome, calor, galopam ao ataque, as enfermeiras.

Rugem os hurras, os poloneses foram esmagados, cavalga até o campo de batalha, um pequeno polonês de unhas polidas esfrega a sua cabeça rosada de cabelos ralos,

responde com evasivas, negaceando, ora, sim, Chekó está exaltado e pálido, responde, quem é você – eu, murmura – parece que é sub-tenente, nós nos afastamos, levam-no para mais longe, um rapaz com um rosto bom, carrega a arma às suas costas, eu grito – Iákov Vassílievitch! Ele faz de conta que não ouve, vai mais adiante, um disparo, o pequeno polonês de ceroulas cai de bruços sobre seu rosto e se debate. É asqueroso viver, assassinos, é insuportável, baixeza e crime.

Tangem os prisioneiros, despem-nos, um quadro estranho – eles se despem muito rapidamente, agitam as cabeças, tudo isso sob o sol, um pequeno constrangimento, lá está o pessoal do comando, constrangimento, mas não é nada, ninguém liga. Não me esquecerei deste, parece que sub-tenente, morto traiçoeiramente.

À frente – coisas horríveis. Atravessamos a estrada de ferro em Zadvuradze. Os poloneses avançam pelos trilhos em direção a Lvov. Um ataque ao entardecer perto de uma fazenda. Uma carnificina. Cavalgo com o comissário pela linha, imploramos para não massacrar os prisioneiros. Apanásenko lava as mãos. Chekó manda continuar – o massacre teve o seu terrível desfecho. Eu não olhava para os rostos, eles furaram alguns, alvejaram outros, os cadáveres cobertos de corpos, um é despido, outro é alvejado, gemidos, gritos, estertores, o ataque foi obra de nosso esquadrão. Apanásenko ficou à parte. O esquadrão vestiu-se, como convinha. Mataram o cavalo de Matusévitch, com o rosto sujo, assustador, ele corre, à procura de um cavalo. Um inferno. Que liberdade horrível nos trazemos. Procuram na fazenda, arrastam gente para fora. Apanásenko – não gastem cartuchos, esfaqueiem. Apanásenko sempre diz – esfaquear a enfermeira, esfaquear os poloneses.

Pernoitamos em Zadvuradze, um alojamento ruim, estou com Chekó, boa comida, luta ininterrupta, levo uma vida de guerra, completamente esgotado, estacionamos na floresta, não há o que comer o dia todo. Chega a carruagem de Chekó, traz algo. Estou no posto de observação, vendo o serviço das baterias, as beiras da floresta, os vales, as metralhadoras ceifam, os poloneses defendem-se principalmente com os aeroplanos, eles se tornam terríveis, descrever um ataque aéreo, a batida lenta e distante da metralhadora, o pânico nos comboios, provocam nervosismo, planam constantemente, escondem-nos deles. Um novo uso da aviação, lembro-me de Mosher, o capitão Fauntleroy está em Lvov, nossas jornadas pelas brigadas. O Kniga, sempre com movimentos de flanco e o Kalésnikov – com ataque frontal, saio com Chekó em reconhecimento, florestas espessas, perigo mortal nas montanhas. Antes do ataque, as balas zunem em volta, o rosto triste do Sukhovarov com o sabre, corro atrás do Estado-Maior, aguardamos notícias, mas eles se movem dando voltas.

A batalha pelo Barchevitse. Após um dia de hesitação, ao entardecer, as colunas polonesas tentam alcançar Lvov. Quando

Apanásenko viu, ficou louco; ele se agita, as brigadas dão tudo, mesmo tendo que lidar com os inimigos em retirada, as brigadas estendem-se em filas sem fim, 3 brigadas de cavalaria são jogadas ao ataque. Apanásenko triunfa, funga, manda o novo comandante da 3ª Brigada Litovtchenko, no lugar do Kolésnikov ferido, veja – ei-los, vá, liquide-os, eles correm, ele corrige a ação da artilharia, interfere nas ordens do comandante da bateria, expectativa febril, esperavam repetir a história sob Zadvuradze, mas não deu. O brejo de um lado, e o fogo brutal do outro. Movimento para Ostróv, a 6ª Divisão de Cavalaria deve tomar Lvov pelo sudeste.

Perdas colossais entre o pessoal de comando: Korotcháev gravemente ferido, seu ajudante, um judeu – morto, o comandante do 34º Regimento – ferido, todos os comissários do 31º Regimento – fora de ação, todos os chefes de Estado-Maior das brigadas – feridos, os comandantes de Budiónni à frente.

Os feridos rastejam nas tatchankas. Assim é que estamos tomando Lvov, sentados na grama escrevem comunicados ao comandante do exército, as brigadas galopam, ordens à noite, florestas de novo, zunem as balas, o fogo da artilharia nos persegue de um ponto a outro, um medo aflitivo de aeroplanos, apeie-se, haverá uma explosão, um gosto horrível na boca e você corre. Não há com que alimentar os cavalos.

Eu entendi o que um cavalo significa para um cossaco ou um cavalarião.

Os cavaleiros apeiam nos caminhos poeirentos e quentes, carregam as selas na mão, dormem como mortos em carroças alheias, em toda parte há cavalos apodrecendo, a conversa é só sobre cavalos, o costume de trocas, galopes selvagens, os cavalos são mártires, os cavalos são sofrendores, sobre eles – uma epopéia, eu mesmo me imbuí com este sentimento – a cada jornada eu sofro por meu cavalo.

Visitas de Apanásenko com uma comitiva a Budiónni. Budiónni e Vorochílov estão na casa da fazenda, sentados à mesa. Apanásenko, em posição de sentido, faz o relatório. O insucesso do regimento especial – haviam planejado um ataque a Lvov, saíram, mas no regimento especial, a guarda de segurança, como sempre, dormia, foi retirada, os poloneses levaram a metralhadora a 100 passos, pegaram os cavalos, feriram metade do regimento.

Dia santo da Transfiguração – 19 de agosto – em Barchovitse, uma aldeia moribunda mas ainda respirando, calma, os prados, um bando de gansos (depois deram um jeito neles: Sidorenko ou Iegor cortam suas cabeças com um sabre sobre uma tábua). Comemos um ganso cozido, neste mesmo dia, eles são brancos e nos prados verdes enfeitam a aldeia, a população guarda o dia santo, mas é fraca, espectral, mal sai de suas choupanas, calada, estranha, espantada e completamente encurvada.

Nesta festividade há algo de calado e opressivo.

Um sacerdote uniata de Barchovitse. Um pomar destruído, conspurcado, aqui estive o Estado-Maior de Budiónni, e uma colméia destrocada e queimada, é um costume horrível, bárbaro – lembro das molduras quebradas, milhares de abelhas, zumbindo e se batendo em torno da colméia destruída, seus zumbidos alarmados.

O sacerdote explica-me a diferença entre o credo uniata e a ortodoxia. Cheptítski é um grande homem, anda com batina de lona. Um homem rechonchudo, de rosto escuro e fofo, face barbeada, olhos brilhantes com um terçol.

Avançamos rumo a Lvov. As baterias se arrastam cada vez mais perto. Uma batalha mal sucedida perto de Ostróv, mas no fim os poloneses vão embora. Notícias sobre a defesa de Lvov – professores, mulheres, adolescentes. Apanásenko irá massacrá-los, ele odeia a intelligentsia, isso vem do fundo, ele quer um regime de cossacos e mujiques, aristocrático á sua maneira.

Acabou uma semana de combates – em 21 de agosto nossas tropas estão a 4 *verstas* de Lvov.

Uma ordem – todo o exército de cavalaria deve estar à disposição do Front Ocidental. Deslocam-nos para norte – para Lublin. E lá que haverá o ataque. Retiraram o exército que agora está a 4 *verstas* da cidade, que se queria tomar há tanto tempo. Seremos substituídos pelo 14º Exército. O que é isso – loucura o a impossibilidade de se

tomar a cidade com a cavalaria? A travessia de 45 *verstas* de Barachovitse para Adámi, a lembrarei por toda a vida. Eu, no meu cavaleiro malhado, Chekó na carruagem, calor e poeira, poeira de Apocalipse, nuvens sufocantes, comboios sem fim, passam todas as brigadas, nuvens de poeira das quais não há salvação, a gente sufoca, ao redor uma algazarra, movimento, cavalo com o esquadrão pelos campos, perdemos Chekó, começa o mais assustador, cavalgando o meu cavalo lerdo, cavalgando sem parar e sempre a trote, estou esgotado, o esquadrão quer ultrapassar os comboios, ultrapassamos, tenho medo de ficar para trás, o cavalo anda como uma pluma, por inércia. Passam todas as brigadas, toda a artilharia, deixam para a cobertura, cada um, um regimento, que deve unir-se à divisão com a chegada da noite.

À noite atravessamos o Busk morto e tranquilo. O que há de tão especial nas cidades galicianas? Esta mistura do Oriente sujo e pesado (Bizâncio e os judeus) com o Ocidente alemão e cervejeiro. De Busk são 15 km. Não aguentarei. Troco os cavalos. Parece que não há coberta para selas. Cavalgar é uma tortura. Toda hora eu mudo de posição. Descanso em Koslów. Uma casa escura, pão com leite. O camponês, um homem suave e hospitaleiro, foi prisioneiro de guerra em Odessa. Estou deitado num banco, não consigo dormir, visto uma túnica que não é minha, os cavalos na escuridão, a casa abafada, as crianças no chão. Chegamos a Adámi às 4 da madrugada. Chekó dorme. Eu deixo o cavalo em algum lugar da casa, há feno, deito-me para dormir.

ADÁMI – 21. 8. 20

Rutenos assustados. Sol. É bom. Estou doente. Descanso. Passo o dia todo no galpão, durmo, melhora ao anoitecer, uma pressão na cabeça, dói. Estou alojado com Chekó. O laçao do chefe do Estado-Maior, Iegor. Comemos bem. Como conseguimos a comida. Vorobiov assumiu o 2º Esquadrão. Os soldados estão contentes. Na Polônia, para onde estamos indo, pode-se agir sem cerimônia, aqui com os galicianos, que não são culpados de nada, é preciso tomar cuidado. Descanso, não posso sentar na sela.

Conversa com o comandante da artilharia divisional Maksímov, nosso exército vai se aproveitar, esta não é uma revolução, mas um levante da selvagem liberdade cossaca.

Isto é simplesmente um meio, que o partido não despreza.

Dois odessitas – Manuílov e Boguslávski, comissário operacional da aviação, Paris, Londres, um judeu bonito, tagarela, um artigo numa revista européia, ajudante do chefe do Estado-Maior da divisão, os judeus no Exército de Cavalaria, eu digo-lhes o que é o quê. Trajando uma jaqueta, os excessos da burguesia odessita, há graves notícias sobre Odessa. A estão sufocando. O que haverá com o meu pai? Será que lhe tomaram tudo? Preciso pensar nas coisas de casa.

Comecei a puxar o saco.

Apanásenko escreve uma carta aos oficiais poloneses. Calhordas, parem com a guerra, rendam-se, senão os farei em pedaços, seus fidalgos. Uma carta de Apanásenko para o Don, para Stavrópol, lá criam dificuldades para os combatentes, filhos da revolução, somos heróis, somos destemidos, vamos avante.

Descrição do descanso do esquadrão, guinchos de porcos, roubo de galinhas, agentes, carcaças na praça. Lavam a roupa, debulham o centeio, cavalgam com feixes, os cavalos, mexendo as orelhas, comem centeio. O cavalo é tudo. Seus nomes: Stepán,

Mícha, irmãozinho, velhinha. O cavalo é o seu salvador, isso se sente a cada minuto, no entanto podem espancá-los de modo desumano. Ninguém cuida do meu cavalo. Mal ligam.

ADÁMI – 22. 8. 20

Manuílov, o ajudante do chefe do Estado-Maior, está com dor de ventre. É claro. Serviu com o Muravíov, na Tcheká, algo com investigação militar, um burguês, mulheres, Paris, aviação, algo a ver com a reputação, e também é comunista. O secretário Boguslávski, assustado, mantém-se calado e come.

Um dia calmo. Movimento adiante, para o norte.

Estou alojado com Chekó. Não posso fazer nada. Estou cansado, alquebrado. Durmo e como. E como comemos. O sistema. Os intendentos e forageiros, não nos dão nada. Chegada de soldados vermelhos na aldeia, revistam tudo, cozinham, a noite toda estalam os fogões, as filhas das hospedeiras sofrem, porcos guinchando, vão ao comissário com os recibos. Pobres galicianos.

É uma epopéia como comemos. E muito bem – porcos, galinhas, gansos. “Trapeiros”, “leiteiros”, são os que demoram.

VITKÓV – 23 A 24. 8. 20

Chegamos a Vitkóv numa carroça. A instituição do uso das carroças locais. Infelizes habitantes, arrastam-nos por duas – três semanas, depois deixam-nos ir embora, dão-lhes um salvo-conduto, mas outros soldados os pegam e abusam de novo. Um caso raro – voltou um menino do comboio. Noite. Alegria da mãe.

Vamos à região de Krasnostáv – Lúblin. Pegaram um exército que estava a 4 *verstas* de Lvov. A cavalaria não conseguiu tomar o lugar.

Estrada para Vitkóv. Sol. Estrada galiciana, infindáveis comboios, cavalos de remonta, Galícia destruída, os judeus nos lugarejos, em algum lugar uma fazenda que se salvou, é tcheca, pressupomos, assalto às maçãs ainda verdes e aos apiários.

Sobre os apiários, com mais detalhes, fica para uma outra vez.

No caminho, na carroça, penso e sofro pelos destinos da revolução.

É um lugarejo especial, construído após a destruição seguindo um plano, casinhas brancas, altos telhados de madeira, tristeza.

Moro com o ajudante do chefe do Estado-Maior, Manuílov não entende nada dos assuntos do Estado-Maior, sofrimento com os cavalos, ninguém nos dá nada, temos que ir nas carroças dos camponeses, Boguslávski tem ceroulas lilás, sucesso com as meninas de Odessa.

Os soldados pedem um espetáculo. Dão-lhes “O ordenança tapeou”.

Noite do chefe do Estado-Maior da divisão – onde está o 33º Regimento, para onde foi a 2ª Brigada, telefone, ordens do exército para os comandantes da 1ª, 2ª e 3ª Brigada!

Os mensageiros de plantão. Formação dos esquadrões, os comandantes de esquadrão Matusiévitich e o antigo comandante Vorobióv, invariavelmente alegre, parece um tolo.

A noite do chefe do Estado-Maior da divisão – sou convocado pelo comandante da divisão.

SÓKAL – 25. 8. 20

Finalmente uma cidade. Atravessamos o lugarejo Tartakúv, judeus, ruínas, limpeza do tipo judaico, raça, lojinhas.

Ainda estou doente. Não consigo recuperar-me das batalhas de Lvov. Que ar abafado nesses lugarejos. A infantaria esteve em Sókal, mas a cidade ainda é intocada. O chefe do Estado-Maior da divisão está alojado com uns judeus. Livros, eu vi alguns livros. Estou hospedado com uma galiciana, ainda por cima rica, comemos bem, galinha ao creme de leite.

Vou até o centro da cidade a cavalo. É limpo, prédios bonitos, tudo emporcalhado pela guerra, mas há vestígios de limpeza e de seu próprio caráter.

Comitê Revolucionário. Requisições e confiscos. É curioso: não mexem nos camponeses. Todas as terras estão a sua disposição. Os camponeses não são envolvidos.

Declarações do Comitê Revolucionário.

O filho do meu senhorio – um sionista e *ein angesprochener Nationalist*. Uma vida judia comum. Eles sentem-se atraídos por Viena, Berlim; o sobrinho, um jovem, ocupa-se de filosofia e quer entrar na universidade. Comemos manteiga e chocolate. Balas.

Manuílov tem atritos com o chefe de Estado-Maior da divisão. O Chekó manda-o à...

“Eu tenho amor próprio”, não o deixam dormir, não tem nenhum cavalo, isso é o Exército de Cavalaria, aqui não se descansa. Os livros *polnische, juden*.

Ao entardecer, o comandante da divisão de túnica nova, bem nutrido, de calça multicor, rosto vermelho e obtuso, diverte-se – música à noite, a chuva dispersa-nos. Chove uma chuva galiciana, torturante, chove e chove, sem fim e sem esperança.

O que fazem os nossos soldados na cidade? Há rumores obscuros.

Boguslávski traiu Manuílov. O Boguslávski é um escravo.

SÓKAL – 26. 8. 20

Um giro pela cidade com o jovem sionista. Sinagogas, uma hassídica, uma tremenda visão, 300 anos atrás, meninos de peiots, pálidos e bonitos, outra sinagoga que existe há 200 anos, as mesmas figuras de capote, movem-se, agitam os braços, uivam. É o partido dos ortodoxos, eles seguem o rabi de Belts, o famoso rabi de Belts, que fugiu para Viena. Os moderados seguem o rabi de Gusiátinsk. Essa é a sua sinagoga. A beleza do altar, feito por algum artesão, o esplendor dos lustres esverdeados, as mesinhas carcomidas, a sinagoga de Belts, uma visão dos tempos idos. Os judeus pedem que eu interceda para que eles não sejam arruinados, já lhes tomaram comida e mercadorias.

Os judeus escondem tudo. O sapateiro, o sapateiro de Sókal, um proletário. Sua figura de aprendiz, um hasside ruivo – o sapateiro.

O sapateiro esperava o regime soviético – o que ele não vê – comedores de judeus, saqueadores, e não terá lucro algum, ele está abalado e olha desconfiado. Há uma confusão com o dinheiro. Falando francamente, nós não pagamos nada, 15 – 20 rublos. O bairro judeu. Pobreza indescritível, sujeira, a reclusão do gueto.

Todas as lojinhas estão abertas, giz e breu. Os soldados buscam, xingam os judeus, andam a toa, entram nas moradias, procuram embaixo dos móveis, olhos ávidos, mãos tremulas, um exército incomum.

Um saque organizado da papelaria, o proprietário em lágrimas, rasgam tudo, fazem exigências, a filha educada na Europa, triste e corada, serve, recebe não se sabe que dinheiro, e com a sua cortesia de atendimento quer provar que tudo se passa como deve, só que tem fregueses demais. A proprietária, em desespero, não entende nada.

À noite haverá um saque na cidade – todos sabem disso.

Ao anoitecer há música – o comandante da divisão se diverte. Pela manhã ele escreveu para Don e Stavrópol. A frente não aguenta a desordem da retaguarda. Isso importuna.

Os lacaios do comandante da divisão levam cavalos imponentes, com enfeites peitorais e de cauda, de um lado a outro.

O comissário militar e a enfermeira. Ele é gente russa – um mujique esperto, bruto, às vezes insolente e atrapalhado. Tem a enfermeira em alto conceito. Sonda-me, pergunta-me dela, está enamorado.

A enfermeira vai se despedir do comandante da divisão, isso depois de tudo o que houve. Todos dormiram com ela. O arruaceiro Súslov, no quarto pegado – diz que o comandante da divisão está ocupado, está limpando o seu revólver.

Recebo botas e roupas de baixo. Sukhorúkov é quem recebia tudo, ele mesmo distribuía, ele é um lacaios-mor, descrevê-lo.

Converso com o sobrinho, aquele que quer entrar na universidade.

Sókal – é toda ela corretores e artesãos, o comunismo, dizem-me, dificilmente vai pegar aqui.

Que gente mal tratada, atormentada.

Pobre Galícia, pobres judeus.

O meu anfitrião tem 8 pombos.

Manuílov está em grave conflito com Chekó, em seu passado há muitos pecados. Um aventureiro de Kíev. Veio rebaixado, era chefe do Estado-Maior da 3ª Brigada.

Lépin. Uma alma escura e assustadora.

A enfermeira – 26 e 1.⁴⁸

KOMARÓV – 28. 8. 20

Saí de Vassilióv 10 minutos depois do esquadrão. Vou com três outros cavaleiros. Montes, clareiras, fazendas destruídas, em algum lugar colunas vermelhas no meio do verdor, ameixas. Tiroteio, não sabemos onde está o inimigo, não há ninguém ao redor, as metralhadoras martelam, bem perto, de vários lados. Um aperto no coração, assim o dia

⁴⁸ Alusão ao conto de M. Górkí “Vinte e seis e uma”.

todo, cavaleiros procuram seu Estado-Maior, levam comunicados. Próximo ao meio-dia encontrei, na aldeia devastada, onde no porão se esconderam todos os habitantes, sob as árvores, cobertas de ameixas, o meu Estado-Maior. Vou com o esquadrão. Entramos em Komaróv junto com o comandante da divisão, de gorro vermelho. Uma magnífica igreja vermelha semi-construída. Antes de entrarmos em Komaróv, após o tiroteio, eu cavalgava sozinho, silêncio, calor, dia claro, uma calma estranha e translúcida, a alma um pouco dolorida, sozinho, ninguém amola, campos, florestas, vales ondulantes, caminhos sombreados.

Paramos em frente à igreja.

Chegam Vorochílov e Budiónni. Vorochílov repreende os comandantes das divisões na frente de todos, falta de energia, é um homem esquentado, o fermento de todo o exército, anda e grita. Budiónni está calado, sorri, dentes brancos. Apanásenko se defende, vamos entrar na casa, por quê, grita, deixaram o inimigo escapar, não há contato, não há choque.

Será que o Apanásenko não serve?

O farmacêutico que me ofereceu um cômodo.

Rumores de atrocidades. Vou ao lugarejo.

Inexpressável medo e desespero.

Contam-me. Às escondidas, em casa, eles têm medo da volta dos poloneses. Ontem ao anoitecer vieram os cossacos do Essaúl Iákovlev. Um pogrom. A família de David Zis, em casa, nu e quase sem fôlego um velho profeta, uma velha morta, uma criança com os dedos decepados, muitos ainda respiram, um desagradável odor de sangue, tudo revirado, um caos, uma mãe sobre o filho morto, uma velha toda encolhida, 4 pessoas numa choupana, deitadas no sangue. Os judeus na praça, um judeu sofrido que me mostra tudo é substituído por um judeu alto. O rabi se escondeu em sua casa, nela tudo está revirado, até a noite não saiu da toca. Foram mortas 15 pessoas – Khussid Itska Galer – 70 anos, David Zis – aprendiz da Sinagoga – 45 anos, sua mulher e a filha – 15 anos, David Trost e a mulher – o circuncisador na casa da mulher violentada.

Ao anoitecer com os donos da casa, como na prisão, sábado eles não querem cozinhar, só quando o dia terminar.

Procuo as enfermeira, Súslov ri. Uma médica judia.

Estamos numa estranha casa antiga, aqui tem de tudo – manteiga, leite.

À noite, uma volta pelo vilarejo.

A lua, atrás das portas, sua vida à noite. Um uivo atrás das paredes. Vão dar um jeito. Susto e horror dos habitantes.

E o pior – os nossos homens passam indiferentes e arrancam tudo o que podem, tiram até dos mortos.

O ódio é o mesmo, os cossacos são os mesmos, a crueldade é a mesma, só os exércitos são diferentes, que disparate. A vida dos lugarejos. Não há salvação. Todos os destroem, os poloneses não davam abrigo. Todas as moças e mulheres mal andam. Ao anoitecer, um judeu falante com barbicha, já teve uma loja, a filha jogou-se do segundo andar, fugindo do cossaco, quebrou os braços, há muitas dessas.

Que poderosa e esplendida vida de nação havia aqui. Destino judeu. Ao anoitecer, o jantar, chá, estou sentado bebendo as palavras do judeu com barbicha, perguntatristo-nho – será possível negociar?

Uma noite opressiva, inquietante.

KOMARÓV — LABUNIE — PNIEVSK — 29. 8. 20

Sáímos de Komaróv. A noite passada os nossos homens saquearam, na sinagoga jogaram fora os rolos da Torá e levaram os sacos de veludo para usar nas selas.

O ordenança do comissário militar examinou os filastérios, queria levar as correias. Os judeus sorriem subservientes. Isso é a religião.

Todos olham com avidez para o que ainda não foi tomado, remexendo ossos e ruínas.

Eles vieram para se locupletar.

Meu cavalo começou a mancar, pego o cavalo do chefe do Estado-Maior da divisão, quero trocá-lo. Sou mole demais, converso com o chefe da aldeia, não consigo nada.

Labunie. Uma destilaria de vodka. 8 mil baldes de álcool. Estão sob guarda. Chove de modo penetrante e sem parar. É outono, cada vez mais perto de outono. A família polonesa do administrador. Os cavalos estão no coberto, os soldados vermelhos, apesar da proibição, bebem. Labunie é um grave perigo para o exército.

Tudo é misterioso e simples. As pessoas não falam, e parece que não se nota nada. Ó, gente russa. Tudo exala segredo e ameaça. O Sidorenko está conformado.

Operação em Zamostie. Estamos a 10 *verstas* de Zamostie. Ali perguntarei sobre R. Iu.

A operação, como sempre, não é complicada, um movimento de flanco para oeste e para o norte e tomar a cidade. Notícias alarmantes do Front Ocidental. Os poloneses tomaram Bielostok.

Vamos adiante. A propriedade saqueada de Kulagkorski em Lubunki. Colunas brancas. Acomodação atraente apesar de senhoril. Destruição inimaginável. A verdadeira Polônia – administradores, velhas, crianças loiras, ricos, aldeias semi-européias, com chefe de aldeia, um prefeito, todos são católicos, mulheres bonitas. Na propriedade roubam aveia. Os cavalos na sala de visita, cavalos negros. O que é que tem – abrigam-se da chuva. Livros preciosíssimos na arca, não tiveram tempo de levar embora, a constituição aprovada pelo senado no início do século 18, antigas gravuras de Nikolai I, código de leis polonesas, encadernações preciosas, manuscritos poloneses do século 16, crônicas de monges, romances franceses antigos.

Na parte de cima nenhuma destruição, só a busca, todas as cadeira, paredes, sofás, foram cortados, o assoalho remexido, não destruíram mas procuraram. O fino cristal, o dormitório, as camas de carvalho, o pote de pó de arroz, romances franceses nas mesinhas, muitos livros franceses e poloneses sobre a higiene de crianças, os pertences íntimos femininos quebrados, resto de manteiga na manteigueira, recém-casados?

Uma vida estabilizada, equipamentos de ginástica, bons livros, mesas, potes de remédios – tudo sacrilégicamente mutilado. Um sentimento insuportável, quero correr dos vândalos, mas eles andam, procuram, descrever a sua postura, seus rostos, chapéus, seus xingamentos – blasfemando, mãe de Deus, mãe do Salvador, arrastam feixes de aveia pela lama intransponível.

Aproximamo-nos de Zamostie. Um dia assustador. Chuva – a vencedora, não se acalma nem por um minuto. Os cavalos quase não conseguem andar. Descrever esta chuva insuportável. Arrastamo-nos até altas horas. Estamos encharcados, cansados, o capuz vermelho do Apanásenko. Contornamos Zamostie, as tropas estão a 3-4 *verstas* de lá. Não deixam o trem blindado se aproximar, cobrem-nos com o fogo da artilharia.

Estamos sentados no campo, aguardando comunicados, ao nosso redor escorrem torrentes turvas. O comandante de brigada Kniga está na choupana, recebe comunicados. Nosso pai-comandante. Não conseguimos fazer nada com o trem blindado. No fim se esclarece, não sabiam que aqui havia uma estrada de ferro não assinalada no mapa, confusão, eis a nossa intelligentsia.

Agitamo-nos, esperando a tomada de Zamostie. De jeito nenhum. Os poloneses lutam cada vez melhor. Gente e cavalos tremem. Pernoitamos em Pnievsk. Uma bela família polonesa. A diferença entre russos e poloneses é impressionante. Os poloneses vivem de modo mais limpo, alegre, brincam com as crianças, bonitos ícones, bonitas mulheres.

30. 8. 20

De manhã saímos de Pnievsk. A operação de Zamostie continua. O tempo horrível, como sempre, chuva, lama, estradas intransitáveis, quase não dormimos, no chão, na palha, de botas, sempre alerta.

De novo a confusão. Vamos com Chekó até a 3ª Brigada. Ele, de revolver em punho, avança sobre a estação de Zavadi. Estou sentado com Lépin na floresta. O Lépin se contorce. Luta junto à estação. Chekó tem o rosto de um condenado. Descrever a “rápida troca de tiros”. Tomamos a estação. Vamos pelo leito da estrada de ferro. 10 prisioneiros, conseguimos salvar um deles. Ferimento de revolver? É um oficial. Sempre na boca. Um sangue vermelho denso com coágulos, cobre todo seu rosto, que é horrível, vermelho, coberto por uma densa camada de sangue. Os prisioneiros estão todos despídos. Há uma calça jogada na sela do comandante do esquadrão, Chekó obriga-o a devolvê-la. Tentam vestir os prisioneiros, não conseguem. Um quepe de oficial. “Eles eram nove”. Em volta deles, palavras imundas. Os homens querem matá-los. Um jovem careca, que manca, um judeu de ceroulas, não consegue acompanhar o cavalo, seu rosto é assustador, provavelmente é um oficial, enerva a todos, não consegue andar, todos eles num medo animal, pobre gente infeliz, proletários poloneses, um outro polonês – aprumado, calmo, de suíças, e blusa de tricô, mantém-se dignamente, todos insistem – ele deve ser oficial. Querem massacrá-los. Junta-se uma tempestade sobre o judeu. Um operário furioso de Putílov – é preciso matar a todos, estes bastardos, o judeu pula atrás de nós, arrastamos os presos o tempo todo e depois os entregamos sob a responsabilidade da escolta. O que será deles? A raiva do operário de Putílov, a saliva espirra, o sabre, vou matar os bastardos e não responderei por isso.

Vamos ter com o comandante da divisão, ele está junto da 1ª e 2ª Brigada. O tempo todo, temos Zamostie à vista, são visíveis as suas chaminés, as casas, tentam tomá-la de todos os lados. Prepara-se um ataque noturno. Estamos a 3 verstas de Zamostie, esperamos a tomada da cidade, vamos pernoitar lá. Campo, noite, chuva, frio cortante, estamos deitados no chão molhado, não há nada para os cavalos, escuridão. Chegam os comunicados. O avanço será conduzido pela 1ª e 3ª Brigadas. Chegada habitual de Kniga e Levai, comandante da 3ª Brigada. Um *khokhol* semi-alfabetizado. Cansaço, apatia, uma sede implacável de sono, quase um desespero. Um cordão avança na escuridão, toda a brigada apeada. Junto de nós há um canhão.

Depois de uma hora a infantaria avançou. Nosso canhão atira sem parar, um som de estouros, macio, luzes na noite, os poloneses soltam rojões, um tiroteio intenso, tanto de rifles como de metralhadoras, é um inferno. Esperamos, são 3 horas da madrugada. A batalha amaina. Não surtiu efeito. Com uma frequência cada vez maior nós não atingimos o objetivo. O que é isso? O exército está cedendo?

Vamos para o pernoite em Sitarets, distante umas 10 *verstas*. A chuva se intensifica. Um cansaço inenarrável. Um único sonho – um alojamento. O desejo se realiza. Um polonês velho e desorientado com sua mulher. Os soldados, é claro, já o limpavam. Um susto extraordinário, todos estavam no porão. Muito leite, manteiga, massas, uma beleza. Provo todas as comidas. A boa velinha está no limite da resistência. Uma admirável manteiga derretida. De repente um tiroteio, as balas assobiam nos estábulos, junto aos pés dos cavalos. Arrancamo-nos. Desespero. Vamos para o outro lado da aldeia. Três horas de sono, interrompido pelos comunicados, interrogatórios, alertas.

TCHESNIKI – 31. 8. 20

Reunião com os comandantes de brigada. Casa de fazenda. Uma clareira sombreada. Destruição completa. Nada sobrou. Levamos a aveia até acabar. O pomar, o apiário, a destruição das colméias, é terrível, as abelhas zunem em desespero, eles explodem com pólvora, enrolam-se nos capotes e avançam sobre a colméia, uma orgia selvagem, tiram as molduras com os sabres, o mel escorre sobre o solo, as abelhas picam, elas são expulsas pela fumaça de trapos com breu, de trapos acesos. Tcherkachin. No apiário – um caos, destruição total, fumegam as ruínas.

Escrevo no pomar, uma clareira, flores, tenho pena de tudo isso.

Ordem do exército, deixar Zamostie e ir em auxílio da 14ª Divisão, pressionada pelo lado de Komaróv. O lugarejo foi retomado pelos poloneses. Infeliz Komaróv. A viagem pelos flancos e brigadas.

Diante de nós a cavalaria inimiga – em campo aberto, a quem massacrar, senão aos poloneses, aos cossacos do *Essaúl* Iakovlev. Um ataque é iminente. As brigadas se juntam na floresta – a umas 2 *verstas* de Tchesniki.

Vorichílov e Budiónni estão sempre conosco. Vorochílov é baixinho, com o cabelo embranquecendo, de calça vermelha com listas prateadas, o tempo todo apressando a gente, deixa todos nervosos, pressiona Apanásenko, por que não chega a 2ª Brigada.

Esperamos a chegada da 2ª Brigada. O tempo arrasta-se de modo torturante. Não me apresse camarada Vorochílov. Vorochílov – tudo está perdido, uma bagunça.

Budiónni está calado, às vezes sorri, mostrando dentes brancos ofuscantes. É preciso mandar primeiro a brigada e depois o regimento. Vorochílov está impaciente, ele manda todos ao ataque. Todos os que estão à mão. O regimento passa diante de Vorochílov e Budiónni. Vorochílov tira um enorme revolver, não poupar os poloneses, sua arenga é recebida com aprovação. O regimento sai em desordem, hurrá, vamos, um galopa, outro segura, o terceiro trota, os cavalos não querem ir, as marmitas e os tapetes. Nosso esquadrão vai ao ataque. Cavalgamos umas 4 *verstas*. Eles, em colunas, esperam-nos na elevação. É um milagre, ninguém se mexeu. Ordem e disciplina. O oficial de barba negra. Estou sob tiros de balas. Minhas sensações. A fuga. Os comissários militares procuram fazê-los voltar. Não adianta nada. Por sorte eles não nos perseguem, senão

seria uma catástrofe. Tentam reunir a brigada para um segundo ataque, não conseguem nada. Manuílov ameaça com revólveres. Só as enfermeiras são heroínas.

Galopamos de volta. O cavalo de Chekó está ferido e ele contundido, é assustador seu rosto petrificado. Ele não distingue nada, conduzimos o seu cavalo. Ele está sangrando muito.

Um relato da enfermeira – há enfermeiras que só procuram simpatia, nós ajudamos o combatente, partilhamos todas as preocupações com ele, bem que atiraria naqueles, mas atirar com que, com o pênis, que não tenho.

O comando está deprimido, terríveis indícios de decomposição do exército. O alegre e abobado Vorobióv conta suas façanhas, aproximei-me, 4 tiros frontais. Apanásenko se vira inesperadamente, você arruinou o ataque, seu miserável.

Apanásenko está sombrio, o Chekó, de dar pena.

Dizem que o exército não é mais o mesmo, é tempo de descansar. E o que mais. Pernoitamos em Tchesniki – estamos gelados, cansados, calados, uma lama intransponível e sugadora, outono, estradas arruinadas, tristeza. Perspectivas sombrias adiante.

TEREBIN – 1. 9. 20

Deixamos Tchesniki à noite. Ficamos parados por umas duas horas. Noite, frio, montados. Trememos. Ordem do exército – retirada, estamos cercados, perdemos o contato com o 12º Exército, não temos comunicação com ninguém. Chekó chora, sua cabeça treme, o rosto de criança magoada, está patético, quebrado. As pessoas são broncas. Vinokúrov nem o deixa ler a ordem do exército – ele está suspenso. Apanásenko, com relutância, cede-lhe a carruagem, o que eles pensam, não sou cocheiro.

É o começo do fim do 1º Exército de Cavalaria. Discussões sobre a retirada.

Chekó – um homem infeliz.

Manuílov está com 40º de febre, todos o odeiam, persegue Chekó, por quê? Não sabe se portar. Esperto, insinuante, sempre quer levar vantagem, o ordenança Boríssov, ninguém tem pena dele – eis onde está o horror. Um judeu?

O exército é salvo pela 4ª Divisão. Pelo “traidor” Timochenko.

Chegamos a Terebin, aldeia semi-destruída, frio. Outono, de dia durmo no galpão, à noite junto com o Chekó.

Conversa com Arsam Sliaguit. Montados lado a lado. Falamos de Tiflis, frutas, sol. Eu penso em Odessa, minha alma se dilacera. Arrastamos, atrás de nós, o cavalo de Chekó que está sangrando.

TERIBIN — METILIN – 2. 9. 20

Aldeias miseráveis. Choupanas inacabadas. População semi-nua. Estamos destruindo-as completamente. O comandante da divisão está em seu lugar. Ordem do exército – deter o inimigo que se dirige ao Bug, avançar sobre Vakievo – Gostinoie. Batemo-nos, trocamos tiros mas não obtemos sucesso. As discussões sobre a redução da capacidade operacional do exército só aumentam. Fugas do exército. Relatórios sem fim sobre licenças, doenças.

A principal doença da divisão é a ausência de comandantes de verdade, todos os comandantes saíram dos combatentes. Apanásenko odeia os democratas, não entendem nada, não há quem consiga levar um regimento ao ataque.

Os comandantes de esquadrão comandam os regimentos.

Dias de apatia, Chekó melhora, ele está deprimido. É duro viver dentro da atmosfera do exército que sofreu um revés.

MALITSE – 3 A 5. 9. 20

Deslocamo-nos para frente em direção a Málitse.

O novo ajudante do chefe do Estado-Maior da divisão é Orlóv. Uma figura gogoliana. Mentiroso patológico, “língua sem ossos”, rosto judeu, e o mais importante – se atentarmos bem, uma horrível facilidade de conversa, tagarelice, mentira, dor (ele manca), guerrilheiro de Makhnó, terminou o colégio, comandou um regimento. É assustadora essa sua leveza, o que será que tem por dentro.

O Manuílov, finalmente, escapou não sem escândalo, havia ameaça de prisão, que tolce a de Chekó, mandá-lo para a 1ª Brigada, uma idiotice, o chefe do Estado-Maior do exército transferiu-o para a aviação. Amem.

Estou alojado com Chekó. Obtuso, bom, se for tocado no ponto certo, sem talento, sem força de vontade. Eu, lambo-lhe as botas, mas como.

O lânguido semi-odessita Bogoslóvski, sonhando com as “meninas” de Odessa, não por nada, mas, à noite, parte, acatando a ordem do exército. Bogoslóvski numa sela cossaca.

O 1º Pelotão do 1º Esquadrão. São cossacos de Kuban, cantam canções, são cordatos, sorriem, não criam caso.

Levda apresentou um comunicado sobre doença. Um *khokhól* esperto. “Tenho reumatismo, não tenho forças para trabalhar”. Três comunicados das brigadas, eles combinaram; se não forem descansar, a divisão vai perecer, não há animo, os cavalos pararam de tanto andar, os homens estão apáticos. A 3ª Brigada está há dois dias no campo, frio, chuva.

Um país triste, lama intransponível, os mujiques ausentes, escondem os cavalos na floresta, as mulheres choram em silêncio.

Comunicado de Kniga – não tem forças para dar conta sem um grupo de comandantes...

Todos os cavalos estão na floresta, os soldados vermelhos querem trocá-los, uma ciência e um esporte.

Barsukóv se desfaz. Quer ir estudar.

Seguem as lutas. Os nossos tentam avançar sobre Vakiev- Toniatsi. Não conseguem nada. Uma estranha impotência.

Os polacos, lenta mas firmemente nos afastam. O comandante da divisão não serve, não tem iniciativa, nem tenacidade necessária. Seu amor podre por honrarias, pelas mulheres, glotonaria, e, provavelmente, por uma atividade febril se for necessário.

Um modo de vida.

Kniga escreve – não há mais o ímpeto anterior, os combatentes andam murchos.

O tempo todo, as condições atmosféricas provocando depressão, as estradas arruinadas, a terrível lama rural russa, não dá para arrancar as botas, não há sol, chuva, tudo nublado, maldito país.

Estou doente, angina, febre, mal me movimento, noites ruins em cabanas enfumaçadas, na palha, o corpo todo coberto de feridas e mordidas, coço até sangrar, não posso fazer nada.

As operações militares transcorrem molemente, um período de equilíbrio com o incipiente predomínio do lado dos poloneses.

O comando é péssimo, alias ele inexistente.

Vou ter com a enfermeira para os curativos, é preciso ir pelas hortas, lama intransponível. A enfermeira vive com um pelotão. É uma heroína, apesar de dormir com todos. Na choupana, fumam, xingam, trocam as faixas dos pés, vida de soldado, e há mais uma pessoa – a enfermeira. Quem tem nojo de comer da mesma tigela é jogado para fora.

O inimigo avança. Tomamos Lotov, agora a entregamos, nenhum de nossos ataques obtém sucesso, despachamos os comboios, vou a Terbin na carroça de Barsukóv, mais adiante – chuva, lama, miséria, atravessamos o Bug, Budiaticchi. E assim, é decidida a entrega da linha de Bug.

BUDIATICCHI – 6. 9. 20

Budiaticchi é ocupada pela 44ª Divisão. Choques. Eles foram atingidos pela horda selvagem, que se lhes lançou em cima. Orlóv – dá-lhes, vamos.

A enfermeira é orgulhosa, algo obtusa, a bonita enfermeira chora, o médico ficou indignado quando ela gritou – “bata os judeus, salve a Rússia!” Eles estão perturbados, espancaram o intendente com uma chibata, querem jogar fora tudo do hospital, requisitam e pegam os porcos sem nenhum controle, mas eles tem uma ordem, todos os encarregados vão queixar-se com Chekó. Eis como são os homens de Budiónni.

A orgulhosa enfermeira, como ainda não vimos nenhuma, de sapatos brancos e meias, perna firme e cheia, eles tem organização, o respeito à dignidade humana, um trabalho rápido e minucioso.

Moramos com os judeus.

Meu pensamento a respeito de casa é cada vez mais insistente. Não há saída à vista.

BUDIATICCHI – 7. 9. 20

Ocupamos dois cômodos. A cozinha está cheia de judeus. Há refugiados de Kri-lóv, um grupo lamentável de gente com rostos de profetas. Dormem no chão. Cozem e assam o dia todo, a judia trabalha feito uma condenada, cose, lava. Rezam aqui mesmo. Crianças, mocinhas. Os brutos – os lacaios comem sem parar, bebem vodka, dão risada, engordam, soluçam de tanta vontade de mulher.

Comemos a cada duas horas. Nossa unidade foi levada além do Bug, uma nova fase de operações.

Já são duas semanas, que todos falam com insistência cada vez maior de que é preciso levar o exército para um descanso. “Ao descanso!” – é o nosso grito de guerra.

Está se engatilhando uma licença – visitando o comandante da divisão – comemos sempre, suas histórias sobre Stavrópol, Súslov engorda, está bem plantado, o besta.

Falta de tato horrível – Chekó, Súslov, Sukhorúkov são indicados à Ordem da Bandeira Vermelha.

O inimigo tenta passar para o nosso lado do Bug. A 14ª Divisão, apeada, repeliu-o.

Escrevo certificados.

Fiquei surdo de um ouvido. Será consequência do resfriado? Meu corpo está arranhado, uma ferida só, não aguento. Outono, chuva, melancolia, lama pesada.

VLADÍMIR-VOLÍNSK – 8. 9. 20

De manhã, numa carroça dos habitantes, vou ao Estado-Maior administrativo. Um atestado, uma confusão com dinheiro. Safadeza da semi-retaguarda – Gussev, Naliotov, dinheiro para o Tribunal Revolucionário. Almoço no Gorbunóv.

Vou a Vladímir com as mesmas cavalgaduras. A viagem é difícil, lama intransponível, caminhos intransitáveis. Chegamos à noite. Amolação com a acomodação, um cômodo frio na casa de uma viúva. Judeus – lojistas. Papai e mamãe – velhinhos.

É uma desgraça para você vovozinha? O marido gentil de barba preta. Uma ruiva judia grávida lava os pés. A menina tem diarreia. É apertado, mas tem eletricidade, calor.

No jantar nhoques com óleo de girassol – uma beleza. Ei-la, a plenitude judia, pensam que eu não os entendo, espertos como moscas. A cidade é indigente.

Dormi com Boródin sobre um colchão de penas.

VLADÍMIR-VOLÍNSKI – 9. 9. 20

A cidade é indigente, suja, faminta, nada se compra com dinheiro, balas a 20 rublos, mais cigarros. Angústia. O Estado-Maior do Exército. Melancolia. Conselho dos Sindicatos, jovens judeus. Andança pelas fazendas coletivas e comissões profissionais, tristeza, os militares exigem, são cafajestes. Jovens judeus molengas.

Um almoço esplêndido – carne, *kácha*. Nossa alegria – a comida.

Novo comissário militar do Estado-Maior – cara de macaco.

Os meus hospedeiros querem que eu dê meu xale em troca de alguma coisa – não aceito.

Meu cocheiro – descalço, com os olhos inchados, é a Rússia.

Uma sinagoga. Rezo, paredes nuas, um soldado recolhendo as lâmpadas elétricas.

Banho público. Maldita seja a soldadesca, a guerra, ajuntamento de jovens, atormentados, selvagens, gente ainda saudável.

A vida privada de meus hospedeiros, conduzem-se alguns negócios, amanhã é sexta-feira, já se preparam, uma boa velhinha, o velho espertinho, fazem-se de indigentes. Dizem que é melhor passar fome com os bolcheviques do que comer pão doce com os poloneses.

KOVÉL – 10. 9. 20

Meio dia na estação ferroviária triste e destruída em Vladímir-Volinski. Miséria. Um judeu de barba preta está trabalhando. Chegamos em Kovel à noite. Uma alegria inesperada – o trem da Seção Política do Exército. Jantar com Zdanevitch, manteiga. Pernoite na estação de rádio. Luz ofuscante. Maravilhas. A Khelémskaia está amigada com alguém. Glândulas linfáticas. Volódia. Ela desnudou-se. Minha profecia se cumpriu.

KOVÉL – 11. 9. 20

A cidade conserva vestígios de cultura européia-judaica. O dinheiro soviético não é aceito, um copo de café sem açúcar – 50 rublos, um almoço miserável na estação – 600 rublos.

Sol,ando de um médico a outro, trato do ouvido, sarna.

Visito Iákovlev, casinhas tranquilas, prados, ruas judias, vida calma, plena, moças judias, jovens, velhos junto à sinagoga, talvez perucas, o regime soviético parece que não agitou a superfície, estes quarteirões além da ponte.

No trem, sujeira e fome. Todos emagreceram, estão cheios de piolhos, amarelos, se odeiam, estão sentados, trancados em suas cabines, até o cozinheiro emagreceu. Uma mudança espantosa. Vivem em gaiola. A Khelémskaia está suja, cozinha, contato com a cozinha, ela alimenta Volódia, uma esposa judia “de uma boa casa”.

Passo o dia inteiro procurando comida.

A área de aquartelamento do 12º Exército. Estabelecimentos suntuosos – clubes, gramofones, soldados vermelhos conscientes, alegria, a vida ferve, jornais do 12º Exército, serviço de notícias do exército, comandante do exército Kusmín, que escreve artigos, aparentemente o trabalho da Seção Política é bem conduzido.

A vida dos judeus, multidões na rua, a rua principal é a Lútskaia, ando com as pernas estropiadas, tomo uma quantidade imensa de chá e café. Sorvete – 500 rublos. Permitem-se coisas demais. Sábado, todas as lojinhas estão fechadas. Remédio – 5 rublos.

Pernoite na estação de rádio. Luz ofuscante, radiotelegrafistas inventivos, eles tentam tocar bandolim. Os dois lêem vorazmente.

KIVERTSI – 12. 9. 20

De manhã – pânico na estação ferroviária. Canhoneio. Os poloneses estão na cidade. Uma fuga inimaginável e triste, os comboios em cinco filas, pobre, suja e ofegante infantaria, homens das cavernas, correm pelos prados, largam os rifles, o ordenança Borodin já está vendo os poloneses que cortam com sabres. Os trens partem rápido, os soldados e comboios correm, os feridos com faces destorcidas correm para o nosso vagão, um comissário, ofegante, cujas calças caíram, um judeu com a face fina e transparente, pode ser um judeu esperto, desertores com os braços quebrados pulam para dentro, os enfermos da ambulância.

A instituição que se denomina 12º Exército. Para um combatente há 4 na retaguarda, 2 damas, 2 baús com pertences, e mesmo este único combatente não está combatendo. O 12º Exército afunda o front e o Exército de Cavalaria, expõe os nossos flancos, obriga-nos a fechar todos os furos. Seu regimento de Ural ou a brigada de Bachkir deixaram o front aberto ou se renderam. Pânico vergonhoso, um exército incapaz de combater. Os tipos de soldado. O soldado russo vermelho de infantaria – descalço, não só não modernizado, como personificando a “podre Rússia”, vagando inchado, cheio de piolhos, de baixa estatura. Mujiques famintos.

Em Goloba jogam para fora todos os doentes, feridos e desertores. Rumores, e depois fatos: foi tomado pelo inimigo, em Vladímir-Volinsk, o abastecimento do 1º Exército de Cavalaria, nosso Estado-Maior passou para Lutsk, foi capturado um grande número de prisioneiros e equipamentos do 12º Exército, o exército foge.

Ao anoitecer chegamos em Kivertsi.

É difícil a vida no vagão. Todos os radiotelegrafistas tentam livrar-se de mim, um deles, como sempre, sofre de desarranjo estomacal, ele toca bandolim, o outro se faz de inteligente, pois é um bobo.

A vida no vagão é suja, raivosa, faminta, hostilidade entre todos, insana. Os moscovitas fumantes e glutões, sem aparência, muitas pessoas pobres, moscovitas tossindo, todos querem comer, todos raivosos, todos com problemas estomacais.

KIVERTSI – 13. 9. 20

Uma manhã clara, floresta. Ano novo judeu . Fome. Vou ao vilarejo. Meninos de colarinho branco. Uma eshes chayil⁴⁹ serve-me pão e manteiga. Ela tem que se manter uma mulher durona, vestido de seda, casa arrumada. Estou comovido até as lágrimas, só a língua me ajuda aqui, falamos longamente, o marido está na América, uma judia inteligente e tranquila.

Uma longa espera na estação. O tédio de sempre. Pegamos livros no clube, lemos vorazmente.

KLEVAN – 14. 9. 20

Estamos parados um dia inteiro em Klevan. Sempre na estação. A fome, o tédio. Rovno não nos recebe. Um trabalhador ferroviário. Assamos biscoitos, bilhetes de ração. O guarda ferroviário. Eles almoçam, palavras gentis, não nos dão nada. Eu estou com Boródin, seu passo leve. O dia inteiro garimpando comida, de uma guarita a outra. Pernoite na estação de rádio com a iluminação ofuscante.

KLEVAN – 15. 9. 20

Começa o terceiro dia de espera aborrecida em Klevan, a mesma andança atrás de comida, de manhã tomamos chá com bolachas, uma riqueza. Ao anoitecer fui a Róvno

⁴⁹ Eshes chayil – “uma mulher de valor” (hebraico) – Provérbios 31:10-31.

com a carroça da aviação do 1º Exército de Cavalaria. Conversa sobre a nossa aviação, ela não existe, todos os aparelhos estão quebrados, os aviadores não sabem voar, as máquinas são antigas, remendadas, não servem para nada. Um soldado vermelho com dor de garganta – eis um tipo. Mal fala, tem, provavelmente, tudo bloqueado, inflamado, enfia o dedo para raspar o muco da garganta, dizem que o sal ajuda, põe o sal, há quatro dias que não come, bebe água fria, pois ninguém lhe dá água quente. Fala atrapalhado sobre o avanço, o comandante, que eles estão descalços, eles vão, outros não vão, chama com o dedo.

Jantar com a Gasníkova.

* * *

O diário é interrompido neste ponto.

O PRIMEIRO EXÉRCITO DE CAVALARIA

A cavalaria, desde a Antiguidade e a Idade Média, era uma arma envolta por uma aura romântica, atraindo para o seu serviço os jovens da nobreza, formando assim unidades de elite.

No começo do século XX e com o início da I Guerra Mundial, tornava-se evidente, que com o aparecimento de equipamento motorizado, a cavalaria, como arma, passou a ser obsoleta.

Na Rússia, quando começou a Guerra Civil, o Exército Vermelho, quase não dispunha de tropas de cavalaria. Praticamente todos os oficiais de cavalaria ficaram do lado dos brancos. Nas condições da Rússia, com falta muito grande de equipamento motorizado, a cavalaria branca, com grande mobilidade e eficiência, penetrava nas defesas vermelhas levando destruição à sua retaguarda.

Assim a criação de uma cavalaria vermelha que se pudesse contrapor aos brancos era vital. Para tanto reuniram-se algumas unidades, formadas principalmente por cosacos do Don e de Kuban, que atuavam como guerrilheiros, em regimentos regulares. Com estes regimentos, os vermelhos puderam formar algumas divisões de cavalaria.

No fim de junho de 1919, reuniram-se a 4ª e a 6ª divisões para formar o 1º Corpo de Cavalaria sob o comando de B. Dumenko que depois foi substituído por S. Budiónni.



Selo postal comemorativo do 1º Exército de Cavalaria (1929).

Em 17 de novembro de 1919 o Conselho Militar Revolucionário da República, acatando a representação do comandante do *Front* Sul, criou o Primeiro Exército de Cavalaria em cuja composição entraram, inicialmente, a 4ª, a 6ª e a 11ª divisões de cavalaria e nomeou para o seu comando S. Budiónni, com a recomendação de I. Stálin. Como membros do Conselho Militar Revolucionário foram indicados K. Vorochílov e E. Chtchudenko.

A seguir, foram-lhe adicionadas a 2ª e a 14ª divisões de cavalaria e a 9ª e a 12ª divisões de infantaria. Além disso, o exército recebeu uma unidade de carros blindados (15 carros armados de metralhadoras), uma unidade de aviação (12 aeroplanos) e 4 trens blindados, constituindo assim a maior unidade de cavalaria jamais criada.

No total o exército contava com cerca de 17 mil combatentes.



K. Vorochílov e S. Budiónni

No fim de 1919 o Primeiro Exército de Cavalaria constituía um dos grupos de choque do *Front Sul*, conseguindo grande sucesso nas operações de Vorónej e Donbass contra os brancos.

Em janeiro de 1920 tomou Tagonróg e Rostóv, sofrendo sérias perdas na luta contra os corpos de cavalaria dos generais Pávlov e Toporkóv, recuando para além do Don e, a seguir, derrotou o 1º Corpo de Infantaria de Kuban e a cavalaria do general Pávlov em fevereiro de 1920.

Com o avanço da Polónia contra a Rússia em abril-maio de 1920, o Primeiro Exército de Cavalaria foi transferido do Cáucaso para a Ucrânia, integrando o *Front Sudoeste*, quando tomou parte na operação de Kíev contra as forças polonesas.

Rompeu a frente polonesa no setor Samgorodók-Snejna tomando Jitómir e Berditchevo, na retaguarda do inimigo, em 7 de junho, provocando uma rápida retirada do 2º e do 3º exércitos poloneses. Em 27 de junho tomou Novográd-Volinski e em 10 de julho a cidade de Rovno.

No fim de julho e início de agosto travou duros combates sob Lvov. Na véspera da tomada da cidade recebe a ordem de recuar devido à situação difícil de todo o Front Ocidental.

O Primeiro Exército de Cavalaria, por algum tempo, foi colocado na reserva e depois transferido para o *Front Sul*, onde lutou contra as tropas do general Wrangel e em outubro de 1920, junto com outras unidades do *Front Sul*, pressionou o general Wrangel, que com grandes perdas de pessoal e equipamentos retirou-se para a Criméia.

No inverno de 1920-1921 combateu as tropas de N. Makhnó na Ucrânia e liquidou o exército insurgente branco do general Prjeválski no norte do Cáucaso.

Em maio de 1921 o Primeiro Exército de Cavalaria foi dissolvido, mas o seu Estado-Maior foi conservado até outubro de 1923.



Ilustração de “Stálin e o Exército Vermelho” de K.Vorochílov (1930)

Isaak Bábel trabalhou como comissário no serviço político do Estado-Maior da 6ª Divisão de Cavalaria, com o nome de Kiril Liútov, no período de junho até meados de setembro de 1920. Colaborou na redação do jornal “O Cavalariano Vermelho” e escreveu o diário que serviu de base para a sua obra “O Exército de Cavalaria” ou “Konármia”



Cartaz convocando combatentes para servir na Cavalaria Vermelha.

(escrito em ucraniano)

Stálin, em sua luta pelo poder contra Trótski, contou com o suporte militar de Vorochílov e Budiónni, e quando alcançou o poder supremo os seus aliados do Primeiro Exército de Cavalaria ascenderam aos mais altos postos de comando dentro das forças armadas soviéticas. Vorochílov assumiu o cargo de Comissário da Defesa em 1925 e o seu grupo dominou a política das forças armadas por mais de um quarto de século.



Comandantes do Primeiro Exército de Cavalaria

Sentados: S.Kámenev, S.Gúsev, A.Egorov, K.Vorochíkov.
Em pé: P.Lébedev, N.Pétin, S.Budiónni, B.Chápochnikov.

Das fileiras do Primeiro Exército de Cavalaria saíram oito Marechais da União Soviética (dos quais três foram Ministros da Defesa) e nove marechais de armas e generais de exército.

GLOSSÁRIO

Ataman (атаман) – líder cossaco.

Chtab (штаб) – Estado-Maior.

Contuch (контуш do polonês **kontusz**) – é um tipo de peça do vestiário usada pela nobreza masculina polonesa e lituana. Um longo roupão de cor viva com botões decorados na frente, mangas compridas e preso com um cinto largo.

Essaúl (эсаул) – patente correspondente a capitão nas tropas cossacas do exército imperial.

Guimnastiorka (гимнастёрка) – camisa militar em tecido grosso com colarinho alto e mangas longas com punhos, abertura frontal abotoada só na parte de cima. Era usada por fora das calças, com o cinto sobreposto. Inicialmente introduzida no exército tsarista (cerca de 1900) sendo abolida pelo Exército Vermelho em 1921, reintroduzida em 1935 e finalmente abolida em 1969.

Iechive bokher (ешиве бошер do iídiche) – estudante de escola rabínica.

Iugrosta (Юугроста) – seção sul da Agência Telegráfica Russa.

Isbá (изба) – uma rústica casa russa feita de madeira.

Jid (жид) – forma depreciativa de “judeu”.

Kácha (каша) – mingau ou papa.

Khokból (хохол) – é como os russos chamam os ucranianos (o termo significa um tufo de cabelos deixado sobre a cabeça raspada de cossaco).

Kostiól (костёл do polonês **kościół**) – igreja católica polonesa.

Ksiondz (ксёндрэ do polonês **ksiądz**) – padre católico polonês.

Liekrom (лекром) – ajudante de médico.

Mova (мова) – língua, fala (em ucraniano).

Peiot – cachos de cabelos laterais característicos de judeus ortodoxos.

Pogrom (погром) – repressão conduzida por anti-semitas nas povoações judaicas.

Profsoius (профсоюз) – sindicato profissional.

Pud (пуд) – antiga medida russa igual a 16,3 kg.

Rzecz pospolita – república em polonês.

Schossowa – (forma germanizada da palavra polonesa **szosowa**) – estrada.

Stanitsa (станица) – unidade administrativa rural cossaca.

Talit (талит) – manta ritual masculina usada em orações e cerimônias religiosas judaicas.

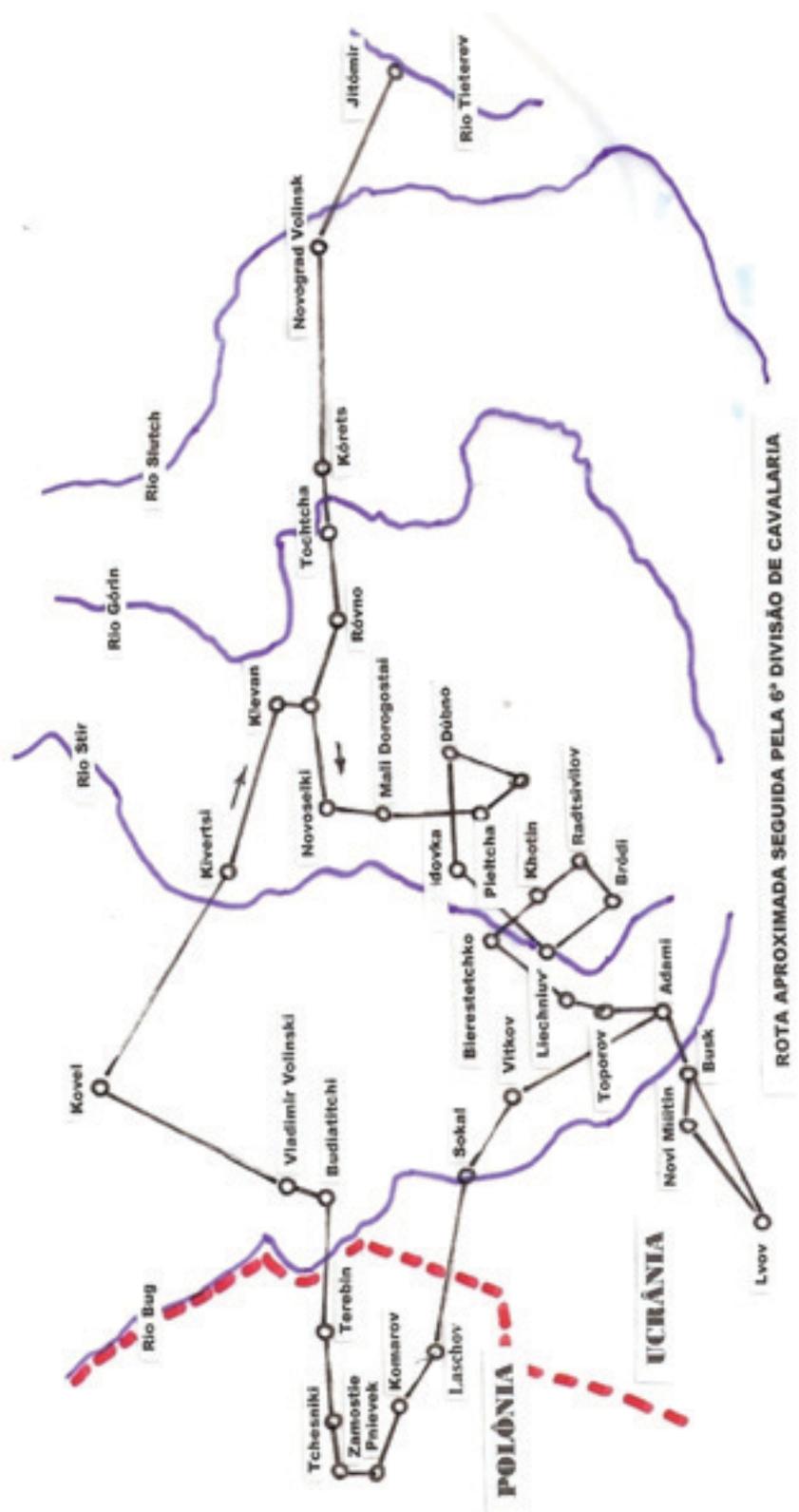
Tsadik (цадик do ídiche) – líder hassídico reconhecido por sua sabedoria.

Varénik (вареник) – pastel de massa cozido em água (recheado de carne, purê de batata, chucrute ou frutas).

Vedró (ведро) – balde – antiga medida russa igual a 12 litros.

Verstá ou *versta* (верста) – antiga medida russa igual a 1,06 km.

Vólost (волость) – distrito.



ROTA APROXIMADA SEGUIDA PELA 6ª DIVISÃO DE CAVALARIA

Fronteira entre Polónia e Ucrânia

TOPONÍMIA

População em valores aproximados

Adámi – Адами

Bierestetchko – Берестечко – População 6.000 (1921) – 35% judeus.

Beliov – Белев – cidade a 15 km de Rovno.

Bielaiia Tserkov – Белая Церковь – cidade ao sul de Kiev.

Bielavtsi – Беявцы

Boratín – Боратин

Bródi – Броды – População 11.000 (1921) – 66% judeus.

Budiatitchi – Будятичи

Bug (rio) – Буг

Busk – Буск – População 6.000 (1921) – 25% judeus.

Demíдовka – Демидовка – População 700 (1897) – 100% judeus.

Dúbno – Дубно – População 9.000 (1921) – 58% judeus.

Novograd Volínsk – Новоград Волынск – População 14.500 (1926).

Jitómir – Житомир – População 68.000 (1926) – 39% judeus, 37% ucranianos, 14% russos e 10% poloneses.

Khótin – Хотин

Kivertsi – Киверцы

Klevan – Клевань - População 4.000 (1897) – 65% judeus.

Komarón – Комаров – 3.000 (1921) – 60% judeus.

Kórets – Корец – População 5.000 (1921) – 79% judeus.

Kósín – Козин – População 2.000 (1897) – 50% judeus.

Kovél – Ковель – População 13.000 (1921) – 61% judeus.

Laschov – Лашов – Laszczow (pol.)

Liechniuv – Лешнюв – Leszniow (pol.) – População 2.000 – 10% judeus.

Lvov – Львов

Máli Dorogostai – Малый Дорогостай

Nóvi Milátin – Новый Милатин

Novosélki – Новосулки

Pieltcha – Пельча

Pniovek – Пневек – Pniowek (pol.)

Radziviłow – Радзивиллов

Rovno – Ровно – População 31.000 – 71% judeus.

Slutch (rio) – Случ

Sókal – Сокал – População 10.000 (1921) – 43% judeus.

Stir (rio) – Штирь

Tchesniki – Чесники – Czesniki (pol.)

Terebin – Теребин

Tiéterev (rio) – Тетерев

Tochtcha – Тоцца – Hoszcza (pol.) População 2.000 (1897) – 45% judeus.

Tóporov – Топоров – População 3.500 (1921) – 20% judeus.

Verbá – Верба

Vitkón – Витков – População 2.000 (1921) – 45% judeus.

Vladímír-Volínski – Владимир-Волынский – População 12.000 (1921) – 94% judeus.

Zamóstie – Замостье – Zamosc (pol.) – População 19.000 (1921).

BIBLIOGRAFIA

- BÁBEL, I. *Obras (Sotchinienia)*. Moscou: Khudojestvinaia Literatura, 1990.
- BÁBEL, I. (ed. C.J. Avins) 1920 *Diary*. New Haven& London:Yale University Press, 2002.
- BÁBEL, I. *Diário do Exército de Cavalaria de 1920 (Konarmeiski Dnevnik 1920 goda)*. Moscou: Pravda, 1990.
- BÁBEL, I. *O Exército de Cavalaria*. São Paulo: Cosak Nayfi, 2006.
- BABEL, I. *The complete works*. New York: W.W.Norton & Company, 2002.
- BATUMAN, E. *The Possessed*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2010.
- CYTRYNOWICS, H. “O Crepúsculo” de I. Bábel (Dissertação de Mestrado). S. Paulo: FFLCH – USP, 1989.
- DEUTSCHER, I. *Trotsky, o Profeta Armado*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- FREIDIN, G. *Between Stalin Revolution and the West: Isaac Babel’s Career in Erly 1930s*. Stanford Slavic Studies 4-2,1991.
- FÚRMANOV, D. *Do Diário de um Escritor*. Moscou: Molodaia Guardia, 1934.
- GOMIDE, B. B. *A cidade do sol de Isaac Bábel* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PUC – RJ, 1997.
- HINDUS, M. *Os Cossacos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- KOESTLER, A. *O Zero e o Infinito*. Pôrto Alegre: Editora Globo, 1964.
- KÓVSKI, V. *Isaak Bábel: Uma vida autêntica e contrafacções em prosa*. Vopróssi Literatúri, (3) 2002.
- KRUMM, R. *Isaak Babel – Eine Biographie*. B o D – Books on Denard, 2004.
- KRUMM, R. *Isaak Bábel – Uma Biografia (Биография)*. Moscou: ROSSPEN, 2008.
- LARIONOVA, N. *Bábel e Górkí*. Seria Literaturi i Iaziká, tom 54, №.4, 1995.

- LEWIN, M. *O Século Soviético*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- MAGUIRE, R. *Red Virgin Soil*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.
- MACHADO COELHO, L. *Poesia Soviética*. S.Paulo: Argol, 2007.
- MALARENKO, H. *O Exército Vermelho em Canções (1918-1945)* (Dissertação de Mestrado). S. Paulo: FFLCH-USP, 2008.
- MÁRKOV, G. *Vida. Literatura. Escritor*. Moscou: Sovietski Pissátel, 1971.
- MAYER, S. L. (ed.) *The Russian War Machine*. London: Arm and Armor Press, 1977.
- PERES, P. DAL-RI *Isaac Bábel – Inéditos* (Dissertação de Mestrado). S. Paulo: FFLCH – USP, 1976.
- PIROJKOVA, A. *Anos lado a lado (1932-1939)* in *Lembranças de Bábel*. Moscou: Editora “Knijnaia Palata”, 1989.
- POGORÉLSKAIA, E. I. *Bábel – Redator e tradutor de Guy de Maupassant*. Vopróssi Literatúri, (4) 2005.
- POLÓNSKI, V. *Minha luta no front literário*. Moscou: Novi Mir (3) 2008.
- POVÁRTSOV, S. *Materiais para uma biografia criativa de I. Bábel*. Vopróssi Literatúri, (4) 1974 e (4) 1979.
- POVÁRTSOV, S. *Matérias preparatórias para uma biografia de I. Bábel*. Vopróssi Literatúri, (2) 2001.
- REIS FILHO, D. A. *As revoluções Russas e o Socialismo Soviético*. S. Paulo: Editora UNESP, 2003
- SAKHÁROV, A. N. (red.) *História da Rússia (vol. 2) (Istória Rossii)*. Moscou: AST-Artiel-Transkniga, 2006.
- SANTOS, N. DOS *Os contos de Odessa – Realismo grotesco de I. Babel* (Dissertação de Mestrado),. S. Paulo: FFLCH –USP, 2005.
- SCHNAIDERMAN, B. *Os Escombros e o Mito*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- SICHER, E. *Style and structure in the prose of Isaak Babel*. Columbus, Ohio: Slavica Publishers, Inc., 1986.
- SKRIABIN, M. e GAVRILOV, L. *Só se brilha queimando*. Moscou: Politizdat, 1987.

- SPEKTOR, U. *Bábel Jovem*. Vopróssi Literaturi, (7) 1982.
- STÁLIN, I. *Obras*. Moscou: Gosudárstvennoie Izd. Politítcheskoi Literaturi, 1947.
- STORA-SANDOR, J. *Issac Babel – L’Homme et L’Oeure*. Paris: Klincksieck, 1968.
- SUVÓROV, V. *O Aquário*. Moscou: Ed. Nóvoie Vrémia, 1993.
- TRILLING, L. *Collected Stories by Isaac Babel*. New York: S. G. Phillips, Inc., 1955.
- ULAN, ADAM B. *Os Bolcheviques*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- VITICHNIEV, S. *Budiónni*. Minsk: Izd. Kuzma, 1998.
- VOLKOGÓNOV, D. *Stálin (vol.1 e 2)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
- VOROCHÍLOV, K. *Stálin e o Exército Vermelho*. Moscou: GIPL, 1930.
- VORÓNSKI, A. *Silhuetas Literárias: I. Bábel*. Moscou: Krásnaia Nov (5) 1924.

ENCICLOPÉDIAS

- Grande Enciclopédia Larousse-Cultural*. S. Paulo: Nova Cultural, 1998.
- Grande Enciclopédia Soviética (Bolcháia Soviétkaia Enciclopédia) 3ª. Edição*. Moscou: Izd. Soviétkaia Enciclopedia, 1970.
- Nova Enciclopédia Ilustrada Folha*. S. Paulo: Empr. Folha da Manhã, 1996.

INTERNET

- <http://peoples.ru>
- <http://magazines.russ.ru>
- <http://kuchaknig.ru>
- <http://www.kuzbass.ru>
- <http://bibliotecar.ru>
- <http://jstor.org>

<http://archive.org>
<http://az.lib.ru>
<http://tachanka.ru>
<http://www.budenney.ru>
<http://marshals.narod.ru>
<http://davno.ru>
<http://rkka.ru>
<http://world-war.ru>
<http://sovietart.narod.ru/main.htm>
<http://unifominsignia.net>
<http://history.scps.ru>
<http://www.marxists.org>
<http://hrono.ru>
<http://www.pseudology.org/babel/Index.htm>
http://.inwerden.info/belousenko/wr_Babel.htm
<http://www.peoples.ru/military/hero/budenny/>